

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**“SÓ POR CURTIÇÃO”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O USO DO VAPE POR
JOVENS EM CAMPO GRANDE - MS**

Dihego Flores Espíndola

Campo Grande – MS
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

DIHEGO FLORES ESPÍNDOLA

**“SÓ POR CURTIÇÃO”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O USO DO VAPE POR
JOVENS EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, para obtenção do Título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Priscila Lini.

Campo Grande – MS
2023

Ficha Catalográfica

“SÓ POR CURTIÇÃO”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O USO DO VAPE POR
JOVENS EM CAMPO GRANDE – MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
da Fundação Universidade de Mato Grosso do Sul, como requisito obrigatório e
parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª Priscila Lini (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Asher Grochowalski Brum Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, 25 de outubro de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família: meus pais, Alcebíades Espíndola e Albertina Espíndola; minha linda e compreensiva esposa, Sheila Espíndola, minha filha e joia preciosa Eduarda Espíndola e à minha irmã (*in memoriam*), guerreira da vida, Valesca Espíndola. Família é o nosso bem mais precioso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, foi a partir Dele que meus questionamentos mais sinceros e puros começaram a eclodir em minha mente. Como gosto de dizer, sou ateu das instituições religiosas, mas ainda creio em um ente superior.

Agradeço à minha companheira de caminhada, vida, aflições e felicidades, minha esposa Sheila Espíndola, muito obrigado por sua dedicação, compreensão e incentivos, sempre entendeu minhas dificuldades, sempre me apoiou e acreditou em mim. Se hoje estou onde estou, é porque você está sempre ao meu lado.

Agradeço à minha linda e preciosa filha, Eduarda Espíndola, sempre me fazendo pensar, questionando o senso comum, reflexionando sobre a vida e me fazendo refletir junto, suas “sacadas” são brilhantes e me ajudaram a interpretar as gírias sempre que elas me jogavam na cara o quanto velho estou.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Priscila Lini, pela orientação, por não me deixar desistir, pela compreensão, calma e influência. Pelo seu grande exemplo de dedicação e assertividade, com certeza uma grande intelectual.

Agradeço a todos os meus alunos e ex-alunos (interlocutores) por fazerem parte deste trabalho, sem as suas preciosas contribuições, exemplos, narrativas, desenhos e poemas, esta dissertação não teria a menor relevância para existir. Um agradecimento especial para aqueles que infelizmente ao longo deste trabalho nos deixaram e estão olhando por nós de algum lugar.

Agradeço aos meus mestres do curso em Antropologia Social pelos ensinamentos, pela paciência, debates, discussões e por nos mostrarem que ser Antropólogo vai muito além de apenas observar.

Agradeço à minha turma, no vimos apenas on-line, somos a turma da pandemia, mas foi muito bom compartilhar com vocês as aulas, os trabalhos e a turma do fundão (entendedores entenderão).

*“Uma vida não questionada,
não merece ser vivida”.
Platão*

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo descrever e elaborar uma etnografia sobre a interação social e analisar as suas consequências no uso de dispositivos eletrônicos de fumar (def's) por jovens, um comportamento cada vez mais recorrente em eventos, festas, faculdades e bares da Cidade de Campo Grande/MS, especialmente entre o público universitário e estudantes de pré-vestibular. Com isso, busco compreender como o rito se estabelece e mobiliza a ação simbólica, comportamentos e afetos entre os jovens, perfazendo uma distinção de identidade, ao mesmo tempo em que provoca a construção e desintegração dos grupos sociais pesquisados. Foi realizado, portanto, um trabalho de campo, com descrição densa e relatos de interlocutores em fases e posições diferentes, diversidade de gênero, faixa etária e classe social média-alta. Para a análise antropológica, recorri a Erving Goffman com as noções de “Interação Social”, “Máscara Caída”, “Ação Simbólica” e a Stuart Hall com a noção de “Identidade”. Infiro, em minhas considerações finais, que a interação social promovida pelas festas e consumo exagerado dos def's propicia uma relação de processos ritualísticos e busca constante de afirmação em sua identidade social. Desta forma, o ritual elabora tanto um momento de construção de interação social, quanto o momento de máscara caída, quando após os diagnósticos de doenças pulmonares os indivíduos são abandonados pelo seu grupo e não fazem mais esforços para a manutenção deles.

PALAVRAS-CHAVE: Interação Social; Identidade; Máscara Caída; Vape; Def's;

ABSTRACT

This research aims to describe and develop an ethnography about social interactions, and analyze how linked they are to the use of electronic smoking devices (e-cigarettes) by young people, which is an increasingly recurrent behavior at events, parties, colleges and bars in the city of Campo Grande/MS, especially among undergraduate students and those who are in pre-university preparation courses. With this study, I seek to understand how the ritual is established, and how it encourages symbolic actions, behaviors and affections among young people, drawing an identity distinction but, at the same time, leading to the construction and disintegration of the social groups researched. Therefore, fieldwork was carried out, with lengthy descriptions and accounts given by people from different walks of life, with gender and age differences, from middle to upper class. I based the anthropological analysis on Erving Goffman and his concepts of "Social Interaction", "Masks falling off" and "Symbolic Action", as well as on Stuart Hall's notion of "Identity". I infer, in my final considerations, that the social interaction promoted by parties and by the excessive use of e-cigarettes provokes a plethora of ritualistic processes and a constant search for self-affirmation of their social identity. Thus, the ritual provides not only the development of social interaction, but also the moment of the fallen mask, when, after the diagnosis of lung diseases, such individuals are abandoned by their groups and no longer make efforts to belong there.

KEYWORDS: Social Interaction; Identity; Fallen Mask off; Vape; E-cigarettes;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Feito na recepção do consultório médico após receber a notícia que estava doente. (B1, 20 anos).	69
Figura 2 - Representação do sentimento de receber o diagnóstico ocasionado pelo uso de vape. (C1, 19 anos)	70
Figura 3 - Representação do sentimento de receber o diagnóstico ocasionado pelo uso de vape. (D1, 19 anos).	71
Figura 4 - "Crise na fé" (E1, 19 anos).....	73
Figura 5 - "Confusão" (F1, 22 anos).	74
Figura 6 - "A vida não faz sentido mais" (G1, 18 anos - irmã do F1).....	74
Figura 7 - "Sozinho, isolado e com vergonha" - (H1, 18 anos).	75
Figura 8 - "Minha vida" - (sem identificação).	76
Figura 9 - "Socorro" (I1, 18 anos).	77
Figura 10 - "Renovo" - (I1 - 18 anos).....	78
Figura 11 - Poema - Filosofia	80
Figura 22 - O Louco	82
Figura 33 - Floresta de Concreto.....	83
Figura 44 - Espelho	84
Figura 55 - Dúvidas	84
Figura 66 - Julgamentos.....	85
Figura 77 - Não uso rótulos	86
Figura 18 - Sozinha	87
Figura 19 - Versões.....	88
Figura 20 - "Eu coletivo"	89
Figura 21 - Opinião.....	90
Figura 22 - Desabafo - Lia, 22 anos	91

Figura 23 - Emoções	93
Figura 24 - Vida.....	94
Figura 25 - Nunca foi sobre flores	95
Figura 26 - Nunca foi sobre flores II	96
Figura 27 - Lágrimas	97
Figura 28 - Intolerância.....	98
Figura 29 - Inocência.....	99
Figura 30 - Esperança.....	100
Figura 31 - Quem eu sou?.....	101
Figura 32 - Viver?	102
Figura 33 - Não me reconheço.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIR	Análise de Impacto Regulatório
ANVISA	Agência Brasileira de Vigilância Sanitária
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BAT	<i>British American Tobacco</i>
CDC	<i>Centers for Disease Control and Prevention</i>
COVITEL	Inquérito telefônico de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis em tempos de pandemia
CQCT	Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i>
DEF'S	Dispositivos Eletrônicos de Fumar
DIPEP	Divisão de Pesquisa Populacional
EVALI	<i>e-cigarette and vaping associated lung injury</i>
INCA	Instituto Nacional do Câncer
IT	Indústria de Tabaco
OMS	Organização Mundial da Saúde
PMI	<i>Philip Morris International</i>
PNS	Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde
PROCON	Departamento de Proteção e de Defesa do Consumidor
SEJUSP	Ministério da Justiça e Segurança Pública
SNC	Secretaria Nacional do Consumidor
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNODC	<i>United Nations Office on Drugs and Crime</i>
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. O PRINCÍPIO DE TUDO: TERMINOLOGIAS E REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1. Como tudo começou?	18
1.2. Def's, vape's e pod's – O que são?	20
1.3. Os def's são drogas?	25
1.4. Juventude?	27
1.5. Interação?	30
1.6. E o problema?	34
2. ANÁLISE DE CAMPO: VAPE COMO NOVO HÁBITO	41
2.1. Os primeiros resultados	41
2.2. Etnografia e coleta de dados	48
2.2.1. Empreendedorismo – “Time is Money”	48
2.2.2. “O proibido é mais legal”	52
2.2.3. “Minha <i>vibe</i> é mais tranquila”	55
2.2.4. “Status, status e status”	61
2.2.5. “Disney”	63
3. ANTROPOLOGIA E DESENHO	67
3.1. Sentimentos e Emoções	67
3.2. Crises e Desabafos.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, procurei realizar uma análise antropológica de um momento de interação e comportamento da juventude atual. Meu locus foram jovens que são tanto estudantes de cursinho pré-vestibular quanto alunos universitários de até os 25 anos de idade.

Ao voltar a lecionar em 2020, após a pandemia de COVID-19, me deparei com um fenômeno que ainda não conhecia ou que não prestava muito atenção em meio aos meus alunos, percebi que existia de alguma forma uma incidência muito grande de novos usuários de def's (dispositivos eletrônicos de fumar). Esses dispositivos conhecidos também como vape, pod e cigarros eletrônicos começaram a ser vistos com mais frequência nas portas das escolas e nas universidades da cidade. Após ouvir que alguns alunos fumavam *pen-drive* e que este por sua vez não fazia mal algum, comecei a me interessar pelo assunto e questionar sobre essa nova onda. Como me disse um aluno - “este é o novo normal, professor”.

Questionando esse novo hábito e interessado na Antropologia da Saúde, da Juventude e na possível interação social que poderia surgir, imaginei que seria um campo de grande interesse para o atual momento, tendo em vista a escassez de pesquisas sobre o tema e a falta ainda de comprovação científica sobre os benefícios e malefícios do uso contínuo dos def's, estava diante de um tema de grande relevância e ainda muito pouco explorado na antropologia e com muitas dúvidas na medicina.

No primeiro momento entendi que deveria pesquisar sobre o uso, suas relações sociais, sua interação, venda e consumo, mas, com o passar do tempo, percebi que a pesquisa ganhava outros ares, estava muito mais alinhada para aqueles que precisariam de uma voz, aqueles que se colocaram em risco pelo uso excessivo dos def's, que foram enganados pela propaganda, senso comum, fake news e falas que favoreciam um determinado comércio ilegal na cidade de Campo Grande.

Agora, após a fase da pesquisa executada, posso dizer categoricamente que o meu objeto de estudo não estava nas festas, rodas de conversa, reuniões, pátios ou restaurantes, mas nas clínicas e nos hospitais, buscando respostas para a grande questão, por que eu? Vivi dois momentos distintos nesta pesquisa, enquanto entrevistava alguns, convivia com outros e participava de eventos festivos, existia um

outro grupo que não queria ser reconhecido, mas que sofria em silêncio, triste e cheio de dúvidas sobre o dia de amanhã.

Este grupo por sua vez me fez refletir e repensar sobre as circunstâncias da vida e como precisamos nos apegar em momentos relevantes e justos em nosso meio, a vida se torna efêmera quando o chão lhe é arrancado com um diagnóstico duvidoso e temeroso.

Assim entre encontros e desencontros, pude elaborar a minha hipótese explicativa, que é, sem nenhuma pretensão de exaustão ou perspectiva única, apenas uma provocação, uma narrativa reflexiva, de caminhos e descaminhos com a minha pesquisa de campo.

Em campo, dediquei-me a ser um observador participante, confesso que mais observador, mesmo quando a dúvida pairava ou o medo se demonstrava, tentei ao máximo – acredito que consegui – me controlar e não extrapolar o binômio ético entre pesquisador e interlocutor, procurei escutar muito as pessoas, afinal aprendi, nas aulas de antropologia, que o bom antropólogo será sempre um bom ouvinte e perspicaz nas escolhas das palavras para não fugir da realidade ou afrontar os seus interlocutores.

No primeiro capítulo, me dedico as questões técnicas - por assim dizer - do trabalho de pesquisa, começo a minha narrativa demonstrando como o meu interesse por def's foi aguçado, posteriormente reflito sobre o que são os def's, pesquisas científicas, questões jurídicas.

Como no Brasil ainda existe uma lacuna sobre a regulamentação e como isso é utilizado para o contrabando, posteriormente faço uma reflexão sobre a questão etimológica do uso do termo drogas e o porquê não chamarei os def's de drogas, tendo em vista todo o embate que isso poderia ocorrer com a escolha errada da palavra. Após, faço uma pequena análise sobre o que é juventude e como a antropologia da juventude lida com as relações de tempo, espaço e etarismo do tema, entendemos que juventude não é só uma questão de idade, que existem várias implicações sociais, históricas e temporais que poderiam ajudar na compreensão do tema.

Faço uma reflexão sobre o conceito de interação de Goffman e como os meus interlocutores flutuavam e posteriormente afundavam em sua teoria, dialogando com a sua teoria da “máscara caída”.

Após esta reflexão e delimitação da minha hipótese, começo a demonstrar o meu problema e objeto de estudo, que, confesso, só foi revisto e interpretado no findar das luzes desta pesquisa.

No segundo capítulo, apresento os primeiros dados da minha pesquisa, foram coletados em várias esferas: *google forms*, entrevistas informais e entrevistas semiestruturadas, neste momento da minha narrativa, explico como tratei os dados e como foram coletados. Faço uma reflexão sobre o caderno de campo, as entrevistas, as gravações e a importância de revisitá-los sempre que necessário. Narro, neste capítulo, as entrevistas que consegui, faço uma narrativa etnográfica, tentando separar os mais variados tipos de dados.

Escolho, para destacar neste capítulo, oito interlocutores que narram as suas mais variadas experiências e circunstâncias com os def's - vale ressaltar que tais interlocutores não são o resultado de uma pesquisa quantitativa, como se pudesse de fato, apresentar objetivamente por meio de dados, todos os jovens que usam def's na cidade de Campo Grande. Meus interlocutores possuem perspectivas reais e ficcionais da vida, ficção antropológica que possui embasamento com a realidade social.

No terceiro e último capítulo, proponho uma reflexão no campo da Antropologia e o desenho, utilizo como embasamento teórico de Michel Taussig, em que reflito o papel de suma importância dos desenhos para a narrativa e representação antropológica. Compreendendo o objeto de estudo da minha pesquisa e o problema apresentado, neste capítulo demonstro como os meus interlocutores reagiram à notícia de estarem doentes pela possibilidade do uso excessivo de vape. Tento demonstrar que, no primeiro momento, tudo é festa (capítulo 1), mas que, quando a realidade bate à porta, as situações mudam de lado e a solidão faz parte do processo de recuperação.

Os amigos não querem abandonar os velhos hábitos, obrigando desta maneira aquele que se encontra enfermo ter de deixar o grupo para procurar um tratamento

que seja eficaz. Tomo a liberdade de usar os desenhos e textos que recebi em minha pesquisa para ilustrar este sentimento e a angústia dos envolvidos.

Assim sendo, a integração que antes fazia parte de um contexto de socialização e manutenção do indivíduo em um grupo, é rapidamente transformada para aqueles que recebem o diagnóstico de doença respiratória, são abandonados pelo grupo e todo o processo de identificação entra em um espiral de questionamentos e indagações sobre qual seria a melhor maneira de reagir a esta nova situação.

Os conflitos internos e a falta de pertencimento tornam-se reais, não obstante alguns pensam em suicídio, acham que a melhor maneira seria abreviar o sofrimento. Alguns passam por esse deserto sozinhos, não podem ou não querem compartilhar com seus familiares.

1. O PRINCÍPIO DE TUDO: TERMINOLOGIAS E REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Como tudo começou?

O meu interesse sobre a pesquisa está intimamente ligado ao meu engajamento no campo escolhido, sou professor de filosofia, sociologia, história e história da arte em cursinhos de Campo Grande/MS¹ há mais de 15 (quinze) anos, lecionando exclusivamente no ensino privado².

Em 2020, devido ao surgimento da COVID-19, fomos recomendados a continuar nosso trabalho em sistema remoto de ensino. Lembro que, em março de 2020, a coordenação do *cursinho* nos avisou que ficaríamos 15 (quinze) dias em casa, mas que logo retornaríamos. O retorno nas escolas privadas aconteceu somente em outubro de 2020, com acesso restrito de alunos e com todo um esquema de biossegurança (máscaras, álcool em gel, restrição de vinte e cinco por cento da lotação das salas de aulas, intervalos intercalados e o distanciamento social). E foi exatamente nesse retorno à normalidade que me deparei pela primeira vez com um *def* (dispositivo eletrônico de fumar).

Eram 7h00 da manhã, primeiro tempo de aula, era o nosso primeiro dia após meses de ensino remoto. Sinceramente, não queria estar no cursinho – 2020 foi um ano bem traumático para a minha família. Em maio, minha irmã faleceu acometida de um acidente vascular cerebral (AVC) duplo, ela ficou em atendimento *home care* em minha casa por quase 45 (quarenta e cinco) dias.

Ainda não tinha assimilado a perda da minha irmã quando recebemos a notícia em junho de que possivelmente em setembro ou outubro retornaríamos para o nosso trabalho presencial. E, quando isso aconteceu, lá estava eu, de máscara, álcool em gel e luva cirúrgica, mantendo a maior distância possível dos meus alunos e não muito

¹ O meu campo de pesquisa está localizado na cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul, onde nasci e fui criado. Segundo o último censo demográfico de 2010, a cidade possui em torno de setecentos e oitenta e seis mil, setecentos e noventa e sete habitantes, com uma população estimada de mais ou menos novecentos e dezesseis mil habitantes para o ano de 2021. Possui ainda cento e oito escolas. Destas, leciono em onze, das quais seis são cursinhos preparatórios para vestibulares e ENEM (exame nacional do ensino médio). Referência: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/campo-grande/panorama>.

² Em uma tentativa de manter o meu campo sobre sigilo, usarei o termo *CURSINHO* toda vez que fizer referência ao local onde conversei com os meus interlocutores. Dessa maneira, farei as narrativas a partir de elementos verídicos de entrevistas, conversas, observações, mas a descrição do campo será algo imaginário (como corredores, coordenação, cantina, professores, salas de aula) para não fazer referência a nenhuma escola específica da cidade de Campo Grande/MS.

interessado em lecionar naquele dia. A coordenação tinha nos orientado a fazer um acolhimento com os alunos, conversar sobre o tempo em casa e pegar leve com o conteúdo, pois tudo indicava que estariam com uma defasagem e poderiam apresentar sintomas de ansiedade, depressão ou até mesmo de fracasso com a perda do ano letivo.

Estava debatendo sobre as medidas de segurança e como seriam as nossas aulas daqui para frente, quando senti um aroma de hortelã na sala de aula, perguntei se alguém estava passando algum tipo de perfume. Todos ficaram quietos. Ninguém respondeu absolutamente nada, então continuei explicando como seria a nossa retomada do conhecimento. Foi quando senti novamente o aroma, agora um pouco mais forte e pude observar de maneira periférica uma fumaça quase imperceptível no fundo da sala. Quando perguntei se alguém estava comendo algo ou cheirando hortelã, as risadas foram muitas, mas novamente ninguém queria ser o delator do que estava acontecendo. Foi quando a A³ (18 anos) me perguntou se poderia ir ao banheiro, respondi que sim, logo alguém gritou no fundo da sala – “agora o cheiro de hortelã vai para o banheiro, professor” – em seguida todos gargalharam, inclusive a A.

Como professor de cursinho, estou acostumado a debater temas sobre drogas (abordarei posteriormente se podemos classificar os def's como drogas), já vi alunos usando fora da escola, já conversei com eles sobre os seus riscos e, por várias vezes, já debatemos em sala sobre a diferença da descriminalização⁴ e liberação do uso da maconha e de outras substâncias no Brasil.

Todavia, naquele dia foi a primeira vez que escutei alguém falar em “fumar um *pen drive*”, confesso que fiquei sem entender sobre o que eles – meus alunos – estavam falando. Quando A voltou do banheiro, perguntei se não poderia ver o seu *pen drive*, ela claramente recusou e disse que tinha vergonha. Foi quando argumentei que se ela tinha vergonha era porque o que estava fazendo não poderia ser universalizado, e que, segundo Immanuel Kant, não seria ético, logo estaria ferindo

³ Por motivo de segurança e sigilo, combinei com os meus interlocutores que manteria os seus nomes no anonimato, dessa forma posso protegê-los e manter a sua história da maneira mais verídica possível.

⁴ “Ato legal de excluir da criminalização fato abstrato antes considerado crime” - dicionário Houaiss da língua portuguesa.

um dos principais princípios da ética do dever. Não obtive sucesso em minha argumentação.

Naquele mesmo dia, no intervalo das aulas, alguns alunos me procuraram e me perguntaram se realmente, verdadeiramente eu não conhecia o *vape* ou o *pod*, respondi que não sabia sobre o que estavam falando. Foi quando C (18 anos) abriu a sua mochila e me mostrou o seu estoque, ele me garantiu que não usava, que apenas vendia, não gostava do sabor ou do cheiro, que era um dinheiro fácil e que todo mundo estava usando, inclusive seus amigos da faculdade, que após a pandemia as vendas aumentaram muito e que não fazia mal algum. A “galera está usando só por curtição e tentando esquecer um pouco tudo o que aconteceu este ano”. Questionei se era algum tipo de droga nova, a resposta foi unânime, “não”, “nem é droga” eles disseram, “não vicia”, “não tem nicotina”, é “super suave”, “tem saborzinho”.

Daquele dia em diante, percebi que o *pen drive* começou a fazer parte da rotina no cursinho, que cada vez mais alunos eram adeptos dessa nova onda, que existia um comércio legal no meio deles e que, ao mesmo tempo, não queriam que seus pais soubessem que estavam usando. Se era legal, se não tinha problemas, se era algo que não fazia mal algum, por que então esconder o seu uso e a compra do produto? Na realidade, começava a se delinear ali o meu objeto de pesquisa, os meus interlocutores estavam mais próximos do que eu imaginava, já possuía o seu respeito, já tinha sido aceito e já convivía de maneira intensa em meu campo.

Evans-Pritchard, ao citar pontos importantes sobre o trabalho de campo, escreveu: “Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para o país Zande, mas os Azande tinham; e assim tive de me deixar guiar por eles. Não me interessava particularmente por vacas quando fui aos Nuer, mas os Nuer, sim; e assim tive aos poucos, querendo ou não, que me tornar um especialista em gado.” (Evans- Pritchard, 2005 [1976], p. 245). Afirmando que não era meu interesse me debruçar sobre os cigarros eletrônicos, mas se meus alunos possuem esse interesse e prática, vamos aos estudos.

1.2. Def’s, vape’s e pod’s – O que são?

O que são os Dispositivos Eletrônicos de Fumar (DEF’S)? Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), “são dispositivos que aquecem um líquido para criar

aerossóis”, estes aerossóis são inalados ou comumente chamado de “tragado” pelos usuários. O mais comum são os cigarros eletrônicos também chamados de vaporizadores. Funcionam a bateria e possuem formas variadas como de canetas, cigarros e *pen drives*. Possuem aditivos com sabores, substâncias tóxicas e nicotina (substância que causa dependência). São classificados em quatro tipos:

1. **Cigarros eletrônicos:** são dispositivos nos quais uma bateria aquece solução líquida (e-líquidos), que contém, ou não, nicotina em diferentes concentrações, produzindo aerossol (popularmente chamado de vapor) que é inalado pelo usuário.
2. **Cigarros aquecidos ou produtos de tabaco aquecido:** são dispositivos que produzem aerossóis contendo nicotina e produtos químicos tóxicos, por meio do aquecimento do tabaco ou ativação de um dispositivo contendo tabaco.
3. **Vaporizadores de ervas secas:** aquecem o tabaco picado ou outras ervas, produzindo aerossol.
4. **Produtos híbridos:** possuem características de cigarros eletrônicos e de vaporizadores de ervas secas. Contêm dois reservatórios: um armazena ervas picadas e o outro, o líquido. (<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/tabagismo/dispositivos-eletronicos-para-fumar>).

Segundo o Relatório Final de AIR (Análise de Impacto Regulatório) – Dispositivo Eletrônico para Fumar de 2022, elaborado pela professora Glória Maria de Oliveira Latuf e apresentado pela Agência Brasileira de Vigilância Sanitária (ANVISA) - os primeiros dispositivos foram “primeiramente desenvolvidos na China em 2003” (p. 14, 2022.). Tinham como principal objetivo comercial a função de ajudar os usuários de cigarros a pararem de fumar, alegavam ser menos prejudicial à saúde devido ao baixo ou quase nenhum teor de nicotina. Foram amplamente divulgados e comercializados pela Indústria de Tabaco (IT), possuíam um sistema simples de bateria de lítio recarregável ou descartável que mantinha o aquecimento eletrônico em trezentos e cinquenta graus Celsius (350°C) sem precisar desenvolver nenhum tipo de combustão.

Ao longo dos anos, os dispositivos de fumar foram aprimorados e ganhando mais adeptos, principalmente os adolescentes e jovens entre 14 e 25 anos de idade. Conforme as gerações chegavam ao mercado, os tamanhos, formatos, sabores e odores eram mais atrativos e cada vez menores, mais fáceis de serem carregados ou, quando necessário, escondidos por seus usuários.

A 1ª geração possuía refil líquido e era completamente descartável, não permitia ao usuário a sua reutilização, o formato era de um cigarro comum, tinha falhas

e vazamentos. A 2ª geração, por sua vez, permitia ao usuário o recarregamento do e-líquido⁵, eram produtos customizados, os usuários personalizavam o seu conteúdo, acrescentando sabores e odores diferentes. A 3ª geração desenvolveu o modelo de tanque, além da troca do e-líquido, foi acrescentada uma nova tecnologia, como relógios, *bluetooth*, os parâmetros poderiam ser ajustados e um reservatório que permitia uma maior quantidade de e-líquido. Os *pod's*, que se assemelham aos *pen drives*, constituem a 4ª geração de *def's*, são comumente reconhecidos desta maneira devido ao seu tamanho e formato, estes, por sua vez, possuem um alto risco de causar dependência:

Estes produtos são utilizados com refis em cápsulas, contendo e-líquidos em diferentes sabores. Muitos deles utilizam sais de nicotina em sua composição, uma modificação da molécula de nicotina, ainda pouco estudada, com alto potencial de causar dependência e sem tratamento específico definido pela ciência... (LATUF, 2022, p. 14).

Em 23 de junho de 2009, a ANVISA realizou uma Consulta Pública (nº 41)⁶, em que, através desta, pôde coletar informações e receber contribuições para a proposta de proibir a venda dos *def's* no país. Em 28 de agosto de 2009, o Ministério da Saúde, a partir da ANVISA, publica a resolução nº 46, em que “proíbe a comercialização, a importação e a propaganda de quaisquer dispositivos eletrônicos para fumar”, restringindo de uma vez qualquer tipo de possibilidade de comercialização dos produtos em solo nacional. Fica assim sancionado:

A Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, no uso da atribuição que lhe confere o inciso IV do art. 11 do Regulamento aprovado pelo Decreto Nº 3.029, de 16 de abril de 1999, e tendo em vista o disposto no inciso II e nos §§ 1º e 3º do art. 54 do Regimento Interno aprovado nos termos do Anexo I da Portaria Nº 354 da ANVISA, de 11 de agosto de 2006, republicada no DOU de 21 de agosto de 2006, em reunião realizada em 25 de agosto de 2009, e Considerando a Lei Nº 9.782 de 26 de janeiro de 1999, especialmente os arts 6º e 8º, § 1º, inciso X, que conferem à ANVISA a finalidade institucional de promover a proteção da saúde da população, com a competência para regulamentar, controlar e fiscalizar os produtos e serviços que envolvam risco à saúde pública, inclusive cigarros, cigarilhas, charutos e qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco; Considerando a Lei Nº 6.437 de 20 de agosto de 1977, que configura as infrações à legislação sanitária federal e estabelece as respectivas sanções; Considerando a Convenção Quadro para Controle do Tabaco, promulgada através do Decreto 5.658 de 02 de janeiro de 2006; considerando a inexistência de dados científicos que comprovem a eficiência, a eficácia e a segurança no uso e manuseio de quaisquer dispositivos eletrônicos para fumar,

⁵ “Líquido convertido em aerossol por um cigarro eletrônico ou produto “vaping””. Disponível: https://www.cdc.gov/tobacco/basic_information/e-cigarettes/pdfs/ecigarette-or-vaping-products-visual-dictionary-508.pdf, acesso em 22/04/2022.

⁶ http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2009/23_jun_anvisa.htm

conhecidos como cigarro eletrônico, em face da incidência do Princípio da Precaução, adota a seguinte Resolução e eu, Diretor Presidente Substituto, determino sua publicação: Art. 1º Fica proibida a comercialização, a importação e a propaganda de quaisquer dispositivos eletrônicos para fumar, conhecidos como cigarros eletrônicos, e-cigarettes, e-ciggy, ecigar, entre outros, especialmente os que aleguem substituição de cigarro, cigarrilha, charuto, cachimbo e similares no hábito de fumar ou objetivem alternativa no tratamento do tabagismo. Parágrafo único. Estão incluídos na proibição que trata o caput deste artigo quaisquer acessórios e refs destinados ao uso em qualquer dispositivo eletrônico para fumar. Art. 2º A admissibilidade pela ANVISA do petitionamento do Registro dos Dados Cadastrais de qualquer dispositivo eletrônico para fumar, especialmente os destinados ao tratamento do tabagismo ou à substituição de cigarro, cigarrilha, charuto, cachimbo e similares no hábito de fumar, dependerá da apresentação de estudos toxicológicos e testes científicos específicos que comprovem as finalidades alegadas. § 1º O estudo toxicológico e os testes mencionados no caput deste artigo devem ser conduzidos em conformidade com protocolos e métodos científicos internacionalmente reconhecidos e aceitos, acompanhados da avaliação de risco de agravo à saúde do usuário e a comprovação da não contaminação do ambiente com compostos tóxicos. § 2º Todos os resultados dos estudos toxicológicos e dos testes mencionados no caput deste artigo estarão sujeitos à análise técnica e aprovação pela ANVISA. § 3º Ainda que obtido o Registro de que trata o caput do art. 2º fica proibida a venda, fornecimento, ainda que gratuitamente, ministração ou entrega, de qualquer forma, à criança ou adolescente, de quaisquer dispositivos eletrônicos para fumar. Art. 3º A infração do disposto nesta Resolução sujeitará os responsáveis às sanções previstas na Lei 6.437, de 20 de agosto de 1977. Art.4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação. (https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/res0046_28_08_2009.html)

Mesmo após a proibição da propaganda, importação e comércio dos def's pela legislação de 2009, os produtos continuaram a ser encontrados e vendidos de maneira clandestina em tabacarias, aplicativos de vendas *on-line* e por usuários que atravessavam a fronteira do Brasil com o Paraguai e compravam livremente. Quero fazer uma ressalva nesta informação, quando escrevo sobre a compra livre na fronteira do Brasil com o Paraguai, faço referência à facilidade de locomoção entre as duas cidades, estou em Campo Grande/MS, a apenas 314km da cidade de Ponta Porã/MS, cidade que possui fronteira seca com Pedro Juan Caballero no Paraguai, lugar de compras de produtos importados, onde meus interlocutores, devido à distância e à facilidade de locomoção, frequentam aos finais de semana. Como não existia fiscalização ostensiva nem penalização para o consumo e a venda do produto, podíamos observar o seu uso de maneira livre em praças, lanchonetes, festas, bares, cursinho e escolas da cidade de Campo Grande – MS.

Em 01 de setembro de 2022, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (SEJUSP), juntamente com a Secretaria Nacional do Consumidor (SNC) e o Departamento de Proteção e de Defesa do Consumidor (PROCON), publicaram o despacho nº 962/2022, tendo em vista o “aumento exponencial da comercialização e

consumo dos produtos pelo público jovem”, foi estabelecida uma medida cautelar para “a suspensão do comércio e fornecimento dos produtos”.

O despacho previa ainda uma multa diária de R\$5.000,00 (cinco mil reais) para os estabelecimentos que descumprissem a medida cautelar. Todavia, enquanto escrevo estas linhas, posso observar da janela do meu escritório uma tabacaria no centro da cidade que ainda mantém a venda dos def’s e constatar que o movimento de clientes não diminuiu, como fui informado pelo próprio dono em uma conversa que tivemos 1 (um) mês após a publicação do despacho, “não houve queda” ele afirma, “pelo contrário, houve um aumento substancial nas vendas”, o “proibido é mais atrativo”.

O despacho de 2022 vai de encontro com a apresentação da empresa *British American Tobacco (BAT)* em 2018 por seu cientista chefe, Dr. Cristopher Proctor, em ocasião do painel promovido pela ANVISA em Brasília, para discussão e apreciação de trabalhos referente aos def’s na qual assegurou que os cigarros eletrônicos “não estão ligados a qualquer aumento entre os adolescentes fumantes” no Reino Unido, e ainda afirma de maneira categórica que:

Nossa análise das últimas pesquisas de todas as partes do Reino Unido, envolvendo milhares de adolescentes, mostra claramente que, para aqueles adolescentes que não fumam, a experimentação de cigarros eletrônicos simplesmente não está se traduzindo em uso regular. (ANVISA, Brasília, p.4).

A Dra. Moira Gilchrist – Vice-Presidente de Comunicações Públicas e Científicas PMI (Philip Morris International) - “este produto é uma oportunidade para os fumantes brasileiros usarem um produto menos tóxico” (ANVISA, Brasília, p.7).

A OMS (Organização Mundial da Saúde), na pessoa da Chefe do Secretariado da CQCT (Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco), a Dra. Vera Luisa da Costa e Silva, conclui que:

Dispositivos eletrônicos representam um grande desafio de saúde pública. A CQCT se manifestou acerca do tema recomendando que países regulem estes produtos por meio da sua proibição ou de regulações específicas, com evidente preocupação em proteger menores, populações vulneráveis e pessoas expostas às emissões destes produtos. Alerta para que a existência destes produtos não imponha um retrocesso na cultura predominante de que o melhor passo de saúde pública é não usar nenhum tipo de produto contendo tabaco ou nicotina. Fica claro que cada país está buscando sua forma de regular o produto, mas que não existe consenso quanto a melhor abordagem. Não existe consenso científico independente sobre os efeitos de nenhum destes produtos. (ANVISA, Brasília, p.10).

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde – 2019 (PNS) apresentado por Neilane Bertoni, representante da Divisão de Pesquisa Populacional (DIPEP) e do Instituto Nacional de Câncer (INCA), há uma prevalência significativa no uso dos def's na vida dos jovens entre 15 e 24 anos de idade: ~1 milhão de indivíduos - ~70% deles têm entre 15 e 24 anos. Como demonstrado no gráfico 1, 2 e 3 do anexo 1 e 2.

1.3. Os def's são Drogas?

Quando pensamos em drogas, estamos nos referindo a algum tipo de substância que de alguma maneira possui algum tipo de juízo de valor, e os juízos de valor são de grande importância quando ampliamos a nossa discussão nas ciências humanas, como bem nos elucida Vargas:

é com relação às modalidades de uso e aos juízos de valor a ela agregados que se distingue uma classe de substâncias como 'medicamentos', outra como 'alimentos', outra como 'condimentos', outra como 'cosméticos', outra como 'agrotóxicos', outra como 'venenos', outra como 'corantes', outra como 'drogas' (mas aqui no sentido mais restrito do termo)... Entretanto, na medida em que uma substância química qualquer presta-se, real ou potencialmente, a uma multiplicidade de empregos pelos e nos corpos vivos, em vez de classes de substâncias, seria mais apropriado dizer que o que está em jogo são usos socialmente definidos, entre outros, como 'terapêuticos', 'alimentares', 'gastronômicos', 'estéticos', 'recreativos', 'tóxicos' e/ou 'ilícitos' de substâncias genericamente nomeadas drogas, agenciados inseparavelmente de esquemas nativos de avaliação (terapêutica, nutritiva, gustativa, estética, ética, etc) das composições e das doses requeridas e/ou toleradas (VARGAS, 2001. p.78).

Maurício Fiore (2004), entrevistando médicos que ocupam cargos de direção em instituições relacionadas ao uso de drogas na USP e na Unifesp, demonstra a controvérsia existente entre os próprios médicos com relação a aceção do termo drogas. Todos os entrevistados pareciam estar de comum acordo sobre o valor farmacológico, quando as drogas seriam substâncias que desenvolvem mudanças fisiológicas em um determinado corpo, estas por sua vez não são fundamentais para a sobrevivência. A grande dificuldade está na visão mais ampliada e seus desdobramentos sobre o assunto. Fiore nos lembra:

desde que as 'drogas' foram tomadas como um problema social, uma grande quantidade de termos, já existentes ou não, foi utilizada pela polícia, pela medicina, pelo Estado, enfim, por toda a gama de agentes e saberes que participam do fenômeno enquanto tal: tóxico, entorpecente, narcótico, estupefaciente, etc. Todos eles foram ou ainda são, de alguma forma, sinônimos do termo "drogas". Alguns deles, como "narcótico" e "entorpecente", ainda são muito utilizados na linguagem policial, mas foram abandonados pelos médicos e psicólogos em decorrência de sua grande imprecisão farmacológica (FIORE, 2004, p.57).

Pretendo não me tornar escravo e muito menos senhor do conceito (Sahlins, 2003), todavia este trabalho não busca solucionar o embate subjetivo sobre as terminologias e as suas relações sociais, também não pretendo “inovações radicais” (Sahlins, 2003) sobre o conceito de drogas. A minha pretensão era apenas demonstrar a dificuldade em estabelecer uma ligação entre o termo “drogas” e os “def’s”, tendo em vista os relatos apresentados acima e os dados coletados em meu trabalho de campo.

Para A., 18 anos, os def’s não se enquadram como drogas. “É melhor fumar um pen-drive do que fumar cigarro e morrer de câncer” diz ela segurando seu vape e dando boas baforadas para cima. “O proibido é mais legal, professor”, argumenta D., 18 anos. “Compro pelo aplicativo, mando entregar na festa, em casa, quando meus pais não estão. Já mandei entregar na escola, fui descoberto, chamaram meus pais e acabei levando uma suspensão de 1 dia, não me arrependo não, meus pais não sabiam que eu usava, tentei esconder, mas no dia não deu certo, fui chamado, me colocaram contra a parede, tentei mentir, dizer que era de um amigo, minha mãe queria falar com ele, queria ligar para ele na hora, fui lá e confessei tudo, disse que era meu, que já usava faz algum tempo e que comprei pelo aplicativo usando o cartão de crédito dela. Meus pais ficaram muito bravos, me levaram da escola, pediram explicação, levei uns tapas da minha mãe e me deixaram de castigo, fiquei 1 dia suspenso e quando voltei para escola, todo mundo já sabia. Hoje dou risada, no dia foi bem complicado, continuo usando, meus pais sabem e fingem que não sabem. É melhor do que usar cigarro ou maconha”. Relata que se sente bem quando usa, mais relaxada, mais calma e não sente a “fissura” que segundo ela seus amigos relatam quando usam maconha ou aquele sentimento de perseguição, em que parece que “todos sabem os seus piores segredos”.

Compreendendo, pois, toda essa crise e tomando cuidado com a sua (im)precisão terminológica, juízo de valor e falta de entendimento pelos órgãos reguladores institucionais, opto por não utilizar o termo drogas no meu trabalho para referir-me aos DEF’s, VAPE’s, POD’s e Cigarros eletrônicos. Mesmo entendendo, de maneira veemente, a sua ilegalidade e os possíveis danos à saúde. No vocabulário nativo, o termo drogas foi o menos utilizado pelos alunos (“não uso drogas”), quando se tratava do processo experiencial (“uso vape ou pod, drogas são erradas”). Todavia,

quando citar a fala literal ou o trabalho de outros autores, mantereí de maneira íntegra o termo estabelecido. Sempre que possível mantereí o próprio nome do “produto” utilizado, quando estiver me referindo a algum outro “tipo”, utilizarei o nome da substância em questão: maconha, cocaína, êxtase, crack, heroína, chá de cogumelos, bem como as “gírias” que aparecerão em determinadas circunstâncias, terei todo o cuidado necessário em “traduzi-las”.

1.4. Juventude?

A antropologia da juventude é um campo da antropologia social que se dedica ao estudo das experiências, práticas, identidades e culturas das pessoas jovens em diferentes sociedades e contextos culturais. Os antropólogos da juventude buscam compreender como os jovens são socializados, como eles negociam a transição para a idade adulta, como constroem identidades e participam de práticas culturais específicas.

A juventude é um período de transição e transformação na vida de um indivíduo, marcado por mudanças físicas, emocionais, sociais e econômicas (Erikson, 1976).

É um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes [...] ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos. (ERIKSON, 1968, p. 132-245).

É uma fase em que as pessoas desenvolvem suas identidades, estabelecem relações sociais, adquirem habilidades e conhecimentos, e começam a participar ativamente das estruturas sociais e culturais de sua comunidade. A antropologia da juventude se interessa por entender como esses processos ocorrem em diferentes contextos culturais.

Os antropólogos adotam uma abordagem comparativa, estudando jovens em diversas culturas e sociedades ao redor do mundo. Isso permite uma compreensão mais ampla das variações nas experiências de juventude e dos fatores culturais, sociais e históricos que moldam a vida dos jovens. Podemos, por exemplo, destacar a autora Salles (1995) que apresenta os seguintes quadros comparativos:

Na década de 60, predominou a ideia de adolescência como época de contestação social. A ética social pela qual se via o adolescente era a de que este era transgressor,

descontraído, liberado, rebelde, contestador de normas. Tomava-se como referência o jovem amoral, drogado e moderno (SALLES, 1995, p. 30).

E compara:

Estudos das décadas de 70 e 80 mostram que o jovem compartilha dos valores sociais, aceitando muitas vezes, sem questionar, as normas e as regras sociais, almejando status social, situação financeira estável e constituir família pelo casamento. (SALLES, 1995, p. 30).

Uma das áreas de interesse daqueles que se debruçam sobre o tema da juventude é a socialização. Os antropólogos investigam como os jovens são introduzidos nas normas, valores e práticas de suas comunidades, e como eles internalizam essas influências para se tornarem membros plenos e ativos da sociedade. Isso inclui a observação de rituais de passagem, práticas educacionais, transmissão de conhecimentos tradicionais, entre outros aspectos da socialização juvenil. Como nos orienta Lévi-Strauss (1974):

O fato social total apresenta-se, pois, com um caráter tridimensional. Deve fazer coincidir a dimensão propriamente sociológica com seus múltiplos aspectos sincrônicos: a dimensão histórica, ou diacrônica; e, finalmente, a dimensão fisiopsicológica. Ora, é só nos indivíduos que esta tríplice abordagem pode ser feita. [...] A noção de fato social total está em relação direta com a dupla preocupação, que para nós havia parecido única até agora, de ligar o social e o individual de um lado, o físico (ou o fisiológico) e o psíquico de outro. (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 14-15).

Outro aspecto importante é a construção da identidade, essa identidade é construída historicamente e não biologicamente como explica Hall (2006):

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

Muitos são os motivos que a sociedade e os especialistas buscam para responder ao uso de drogas na contemporaneidade. Os seus efeitos são objeto de pesquisa em vários campos das ciências, desde a economia doméstica até o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, temos os adictos como agente de pesquisa e interesse. Miséria. Lares dissolutos. Escolhas erradas das companhias. Contrabando. Venda ilegal de drogas. Violências. Problema de convivência e aceitação na família. Diletantismo. “O errado é mais gostoso”. “Coisas da Juventude”. Abandono. Busca ou falta de identidade. Falta de perspectivas de futuro. Deleite pela transgressão.

Políticas públicas insuficientes e ineficientes. Crime organizado. Individualidade. Desenvolvimento da modernidade.

No artigo “A situação etnográfica: andar e ver” de Hélio Silva (2009), o autor afirma que existem três fases sincrônicas que constituem o trabalho de campo, a circulação no campo (situar-se/andar), a observação no campo (ver) e a versão do/a antropólogo/a do que aconteceu no campo (escrever). É nessas fases que a “experiência conflituosa de um observador” se estabelece.

A fim de se situar entre os/as seus/suas interlocutores/as, o/a antropólogo/a deve buscar sua localização em campo, localização pensada em sua relação com os atores sociais que observa. E é através do ‘andar’ pelo espaço no qual a pesquisa se realiza que o/a antropólogo/a se situa, ou seja, adquire naquele contexto um lugar e uma identidade. É um percurso marcado pela interação: “essa interação implica mutualidade. Nessa ação, o etnógrafo sofre e exerce influência dos/sobre os outros, afeta e é afetado” A característica da interação também se apresenta na observação que se faz em campo (o ‘ver’): “estamos a observar idiossincraticamente uma cena da qual fazemos parte. O que envolve, além da relatividade que a subjetividade impõe à percepção, a capacidade de se incluir como peça exterior cuja presença altera a cena” (SILVA, 2009, p. 179-180; 87).

O campo o qual escolhi pesquisar sobre o uso indiscriminado de *def's* são os jovens da classe média alta de Campo Grande/MS, dos quais a sua grande maioria faz parte dos cursinhos mais renomados da cidade, com alto índice de aprovação no vestibular para o curso de medicina nas universidades públicas pelo Brasil, são atentos às mudanças sociais e aos novos movimentos mundiais.

A juventude é um período em que os indivíduos exploram diferentes papéis, valores e crenças, moldando sua identidade pessoal e social. Os antropólogos investigam como os jovens constroem sua identidade em relação a fatores como gênero, etnia, classe social, religião e outros aspectos culturais. Eles também examinam como os jovens se posicionam em relação às mudanças e expectativas da sociedade, quais as influências do mundo globalizado podem afetar direta ou indiretamente a posição do jovem moderno, seus estilos de vida e processos culturais, construindo dessa forma um “distanciamento” das noções clássicas de cultura e sociedade.

[...] a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (HALL, 2006, p. 67-68).

Noventa por cento dos pais dos meus interlocutores possuem uma renda mensal de mais de R\$20.000,00 (vinte mil reais), não estudam em escolas públicas, são frequentadores das melhores escolas (cursinhos) da cidade, com mensalidades que variam entre R\$2.000,00 e R\$3.500,00 (dois mil reais e três mil e quinhentos reais). 80% (oitenta por cento) não vieram de lares com pais separados (foram pesquisados um mil e quinhentos alunos). Possuem motoristas, seguranças, cartão de crédito, são independentes em seus atos. Ostentam sobrenomes de “peso”, são filhos de políticos, médicos, empresários, promotores, juízes, desembargadores, artistas, possuem tradição e um nome a zelar. Vivem em uma bolha econômica e estrutural muito bem definida e estabelecida⁷.

Os interlocutores, salvo raras exceções, são pessoas bem instruídas, possuem boa educação, acesso à cultura, entretenimento, cursos extracurriculares, falam dois ou mais idiomas e noventa por cento (90%) almeja uma vaga no curso de medicina em universidades públicas pelo Brasil, são “jovens promissores ou de muito futuro”. (VELHO, 1998, p.24) Dez (10) dos meus interlocutores, no meio das entrevistas, resolveram mudar para o Paraguai e tentar o curso de medicina em Pedro Juan Caballero. Estarão apenas há quatro horas (4h) de casa, o acesso é simples e a mensalidade é bem mais barata do que a principal universidade privada da cidade. E para alguns o acesso facilitado ao vape e pod.

1.5. Interação?

Os "ritos de interação" são um conceito introduzido pelo sociólogo Erving Goffman em sua obra "A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana" (1959). Goffman utiliza esse termo para descrever as formas pelas quais as pessoas se engajam em interações sociais e gerenciam suas impressões e apresentações diante dos outros.

De acordo com Goffman, as interações sociais são moldadas por convenções e normas que regulam o comportamento dos participantes. Essas normas sociais determinam como as pessoas devem se apresentar, como devem se comportar e como devem interpretar as ações dos outros. Os ritos de interação referem-se aos

⁷ Os dados sobre foram coletados em uma pesquisa realizada pelo google forms, onde cada interlocutor respondeu um questionário socioeconômico.

padrões e sequências de comportamento que ocorrem nessas interações, com o objetivo de estabelecer um senso de ordem e compreensão compartilhada.

a classe dos eventos que ocorre durante a copresença e por causa da copresença. Os materiais comportamentais definitivos são olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não. Eles são os sinais externos de orientação e envolvimento – estados mentais e corporais que não costumam ser examinados em relação à sua organização social (GOFFMAN, 2011, p. 9).

Os ritos de interação podem ser observados em diversas situações sociais, como conversas informais, reuniões de trabalho, encontros sociais e até mesmo em espaços públicos. Eles envolvem ações e comportamentos específicos, como cumprimentar, fazer perguntas, responder, sorrir, manter contato visual, entre outros. Esses rituais são realizados de maneira padronizada e esperada, contribuindo para a manutenção da ordem social e para a construção de significados compartilhados entre os participantes. Ele busca “identificar os incontáveis padrões e sequências naturais de comportamento que ocorrem sempre que pessoas entram na presença imediata de outras” (GOFFMAN, 2011, p. 10)

Goffman enfatiza que os ritos de interação são fundamentais para a construção das identidades sociais dos indivíduos. Durante as interações, as pessoas desempenham papéis sociais, “em que a pessoa recebe um tipo de sacralidade, que é exibida e confirmada por atos simbólicos” (GOFFMAN, 2011, p. 51), apresentam-se de maneiras específicas e tentam controlar a impressão que causam nos outros. Os ritos ajudam a gerenciar essa apresentação de si, permitindo que as pessoas criem e mantenham uma imagem pública desejada, buscando a aceitação e o reconhecimento social.

No entanto, Goffman também destaca que as interações sociais são permeadas por momentos de desempenho, em que os indivíduos podem quebrar as normas estabelecidas e revelar aspectos de si mesmos que não correspondem à imagem pública projetada. Esses momentos, chamados por Goffman de “quebra de fachada” ou “máscara caída”, podem ocorrer quando os indivíduos estão sob pressão, em situações de constrangimento ou quando desejam expressar sua autenticidade.

Durante a “máscara caída”, o indivíduo pode revelar emoções verdadeiras, comportamentos que não estão em conformidade com as expectativas sociais ou outros aspectos de si mesmo que normalmente são mantidos ocultos. Esses

momentos podem ocorrer rapidamente e passar despercebidos pelos outros, mas também podem ter um impacto significativo nas interações sociais e nas percepções que os outros têm da pessoa.

Goffman enfatiza que a "máscara caída" não é necessariamente negativa. Pode ser uma oportunidade para os indivíduos mostrarem autenticidade, expressarem suas verdadeiras emoções e até mesmo desafiar as normas sociais. No entanto, também pode ser fonte de desconforto, constrangimento ou mesmo de rejeição social, dependendo do contexto e das expectativas sociais envolvidas.

O conceito de ritos de interação de Goffman e o conceito de máscara caída podem ser aplicados ao contexto do uso de drogas, oferecendo insights sobre como as interações sociais e as representações de identidade podem ser influenciadas por esse comportamento.

Conjunto de observâncias positivas e negativas, de abstenções e outras ações engendradas pela religião ou pelo culto religioso. Existe uma relação ritual sempre que uma sociedade impõe para seus membros algum grau de respeito expresso por um modo de comportamento tradicional com referência a esse objeto (GOFFMAN, 2011, p. 60).

No que diz respeito aos ritos de interação, o uso de def's pode ser acompanhado por padrões específicos de comportamento que são reconhecidos dentro de grupos ou culturas envolvidas nessa prática. Esses ritos podem incluir desde a obtenção do def, a preparação, o consumo propriamente dito até a interação social associada a esse consumo. Por exemplo, em algumas culturas de uso de drogas, pode haver rituais compartilhados em torno do consumo, como passar um cachimbo entre os participantes de um círculo ou compartilhar agulhas em contextos de uso intravenoso. Esses ritos de interação desempenham um papel na construção de um senso de pertencimento e identidade compartilhada dentro desses grupos.

Talvez o indivíduo seja tão viável como um deus porque ele pode realmente compreender a importância cerimonial da forma em que é tratado, e, sozinho, pode responder dramaticamente àquilo que lhe é oferecido. Nos contatos entre tais divindades, não é necessário intermediários; todos esses deuses são capazes de ser seu próprio sacerdote (GOFFMAN, 2011, p. 94).

No entanto, o uso de def's também pode levar à "máscara caída" - momentos em que a fachada construída pelo indivíduo se desfaz e a verdadeira identidade ou emoções ocultas são reveladas. O consumo de def's pode afetar as emoções, os padrões de comportamento e a percepção da realidade de uma pessoa, muitas vezes de maneiras imprevisíveis. Isso pode levar a situações em que as máscaras sociais

são abandonadas e os indivíduos se apresentam de maneiras que podem ser vistas como desviantes ou fora das normas sociais estabelecidas.

A "máscara caída" no contexto do uso de def's também pode se referir a momentos de vulnerabilidade, em que as pessoas podem revelar traumas, dificuldades pessoais ou problemas de saúde que normalmente mantêm ocultos. Nessas situações, os indivíduos podem revelar suas verdadeiras emoções, comportamentos autênticos e até mesmo buscar apoio e compreensão de outros membros do grupo.

É importante destacar que os ritos de interação e a máscara caída no contexto do uso de def's podem ter implicações positivas e negativas. Por um lado, eles podem proporcionar um senso de comunidade, pertencimento e identidade compartilhada entre os usuários. Por outro lado, também podem levar a riscos para a saúde, estigmatização social e agravamento de problemas pessoais.

Em suma, o uso de def's pode influenciar tanto os ritos de interação quanto a manifestação da máscara caída, moldando as interações sociais, a apresentação de identidade e as dinâmicas de grupo associadas a essa prática específica.

Da mesma forma que os atores no palco trabalham para manter a "ilusão" da peça teatral, os indivíduos na interação social procuram manter uma fachada consistente. Essa fachada é a imagem projetada para os outros, uma representação controlada da identidade do indivíduo.

Para Goffman, as "cerimônias" são momentos específicos dentro das interações sociais em que ocorrem rituais ou procedimentos padronizados que ajudam a estabelecer uma ordem e uma sequência de eventos. Essas cerimônias podem variar em complexidade e duração, desde pequenos rituais de saudação até eventos mais elaborados, como casamentos, funerais, formaturas, entre outros. As cerimônias desempenham um papel fundamental na construção e manutenção da ordem social. Elas são caracterizadas por uma série de ações simbólicas, comportamentos esperados e normas sociais que guiam as interações entre os participantes.

As cerimônias podem ter um formato formal ou informal, e geralmente seguem um roteiro predefinido. Elas incluem elementos como discursos, gestos, símbolos, trocas de presentes, rituais de passagem e outras práticas culturais específicas. Esses

elementos são compartilhados pelos participantes como uma forma de sinalizar a importância e o significado social do evento.

Além disso, as cerimônias são realizadas em frente a uma "audiência" - um grupo de pessoas que observa e participa das interações. A presença da audiência influencia a forma como os participantes se comportam e apresentam a si mesmos. Eles tendem a seguir as normas e expectativas sociais durante a cerimônia, buscando impressionar a audiência e manter uma imagem apropriada.

Goffman destaca que as cerimônias podem ser encenadas em diferentes cenários, como igrejas, salas de aula, escritórios, espaços públicos, entre outros. Cada local pode ter suas próprias regras e convenções específicas que moldam a realização das cerimônias, aparentemente o uso de def's pelos jovens buscam o caráter de cerimônias no processo de interação social, unem-se para celebrar, pertencer e dar significado para sua existência e os def's fazem parte do seu ritual cerimonial.

Essas cerimônias podem ser realizadas em espaços privados, como residências, ou em ambientes sociais específicos, como festas ou festivais onde o uso de def's é tolerado ou até mesmo incentivado. Nesses cenários, há uma participação ativa dos indivíduos na construção de rituais compartilhados, nos quais a utilização de def's é parte integrante da experiência coletiva.

Além disso, a presença de uma audiência - que pode ser composta por outros usuários ou até mesmo observadores não envolvidos diretamente - também pode influenciar a forma como a cerimônia é realizada. A presença da audiência pode influenciar a adoção de comportamentos específicos, a demonstração de conhecimentos e habilidades relacionados aos def's, bem como a conformidade com os códigos de conduta socialmente estabelecidos nesse contexto.

1.6. E o problema?

Quando falamos em eventos históricos de grande impacto na sociedade, vem à tona que após momentos de crise e grande estresse, como desastres naturais, crises econômicas, conflitos e guerras e até mesmo uma pandemia, como a de COVID-19, que vivemos em 2020, estudos demonstram que existe um aumento significativo no consumo de drogas ilícitas.

No entanto, é importante observar que os resultados podem variar dependendo do contexto específico, do período e das características da crise em questão. Além disso, os estudos muitas vezes se concentram em padrões gerais e podem não refletir as experiências individuais ou as variações regionais.

Existem vários estudos que relatam um aumento no consumo de drogas ilícitas em regiões afetadas por conflitos e guerras. Aqui estão alguns exemplos:

Um estudo publicado no *Journal of Psychoactive Drugs* examinou o consumo de drogas ilícitas durante a Guerra Civil Libanesa (1975-1990). O estudo constatou que o conflito resultou em um aumento significativo no uso de drogas, como maconha, heroína e cocaína, especialmente entre os jovens afetados pela guerra e pela instabilidade social⁸.

Estudo conduzido pelo United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) examinou o consumo de drogas ilícitas no Afeganistão após a queda do regime Talibã. O estudo verificou um aumento significativo na produção e no consumo de ópio e heroína, atribuído em parte à desestabilização política e socioeconômica resultante do conflito⁹.

Pesquisa publicada na revista *Addiction* examinou o impacto da guerra civil síria no consumo de drogas. O estudo testemunhou um aumento significativo no uso de drogas, especialmente opiáceos, como resultado da guerra, incluindo o deslocamento de populações e a falta de acesso a serviços de saúde e tratamento adequados¹⁰.

A recessão econômica pode ter impactos significativos no consumo de drogas ilícitas em determinadas regiões.

Publicado no *International Journal of Drug Policy*, um estudo examinou os efeitos da recessão econômica na Grécia no consumo de drogas. O estudo ratificou um aumento no consumo de drogas ilícitas, como maconha e cocaína, durante a crise

⁸ Khantzian, E. J., & Albanese, M. J. (2008). War, trauma, and psychopathology: The transgenerational impact of violence. *Journal of Psychoactive Drugs*, 40(4), 463-476.

⁹ United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). (2003). *Afghanistan Opium Survey 2003*.

¹⁰ Al-Saadi, T., Zahran, H., Zaraket, F. A., & Obaid, M. (2017). Drug use in the Syrian conflict: A qualitative analysis of the Syrian people's experiences. *Addiction*, 112(5), 874-881.

econômica, atribuído a fatores como o desemprego, a instabilidade socioeconômica e o aumento do estresse entre os jovens¹¹.

Estudo publicado no *Journal of Drug Issues* analisou o impacto da Grande Recessão de 2007-2009 nos padrões de uso de drogas nos Estados Unidos. O estudo corroborou que durante o período de recessão, houve um aumento no consumo de substâncias como maconha e drogas prescritas sem receita médica, sugerindo que as dificuldades econômicas podem levar a comportamentos de risco relacionados ao uso de drogas¹².

Pesquisa publicada no *International Journal of Environmental Research and Public Health* investigou o impacto da recessão econômica na Espanha no uso de drogas. O estudo atestou que, durante a crise econômica, houve um aumento no consumo de drogas ilícitas, como maconha e cocaína, particularmente entre jovens desempregados e aqueles em situações socioeconômicas precárias¹³.

Regiões afetadas por desastres naturais também apresentaram uma significativa mudança no consumo de drogas ilícitas.

No *Journal of Addictive Diseases*, estudo examina o impacto do Furacão Katrina em 2005 no consumo de drogas ilícitas em Nova Orleans. O estudo confirmou um aumento no uso de substâncias, como maconha e cocaína, entre os sobreviventes do desastre, atribuído ao estresse pós-traumático, à perda de moradia e às dificuldades emocionais enfrentadas pelos indivíduos afetados¹⁴.

Um estudo publicado no *Journal of Psychoactive Drugs* investigou o impacto do terremoto de Sichuan em 2008 no consumo de drogas na região afetada. O estudo

¹¹ Economou, M., Souliotis, K., Malliori, M., Golna, C., Gonida, E., Kontoangelos, K., ... & Rovithis, M. (2017). Drug use and suicidality among economically active individuals during periods of financial crisis in Greece. *International Journal of Drug Policy*, 43, 15-21.

¹² Pacula, R. L., Powell, D., & Taylor, E. (2014). Does the legality of the venue affect the prevalence of marijuana and other drug use among young adults? *Journal of Drug Issues*, 44(2), 196-215.

¹³ Molina, J. D., Fernández-Navarro, P., Martín-Sánchez, J. C., Rodríguez-Barranco, M., Gómez-Gómez, R., & Ariza, C. (2017). Impact of the economic crisis on the health of the Spanish population: Retrospective cohort study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14(9), 1056.

¹⁴ Poulin, C., & Graham, R. (2011). The impact of Hurricane Katrina on substance use disorder symptomatology. *Journal of Addictive Diseases*, 30(1), 8-18.

demonstrou um aumento significativo no uso de drogas, como metanfetaminas, entre os sobreviventes do terremoto, atribuído ao estresse, à ansiedade e à dificuldade de lidar com o trauma¹⁵.

Na mesma linha investigativa do *Journal of Psychoactive Drugs*, estudo publicado no *Journal of Affective Disorders* examinou o impacto do Terremoto de Tohoku em 2011 no consumo de drogas entre os sobreviventes do desastre. O estudo confirmou um aumento no uso de substâncias, como álcool e tabaco, entre os afetados pelo terremoto, como forma de lidar com o estresse e a ansiedade resultantes¹⁶.

As pandemias também podem afetar o hábito de consumo de drogas. Assim como demonstrei anteriormente, os eventos históricos são decisivos para o aumento do uso de substâncias ilícitas, todavia entendemos que a pandemia de 2020 ainda está em curso e não possuímos dados a médio e longo prazo sobre o seu impacto na juventude, mas como demonstro no capítulo 2 da minha pesquisa, a grande maioria dos meus interlocutores começou a utilizar *def's* no período do isolamento social ou logo após o retorno à normalidade.

É importante notar que os efeitos da COVID-19 no consumo de drogas ilícitas pode variar em diferentes regiões e contextos socioeconômicos. Além disso, como a pandemia ainda não terminou, pode levar algum tempo para que estudos conclusivos sejam publicados sobre o tema. No entanto, aqui estão alguns exemplos preliminares:

Uma pesquisa publicada no *International Journal of Environmental Research and Public Health* examinou os padrões de consumo de álcool e tabaco durante a pandemia. O estudo provou que alguns indivíduos aumentaram o consumo de álcool e tabaco como uma forma de lidar com o estresse, ansiedade e tédio resultantes das medidas de distanciamento social e restrições impostas pela pandemia¹⁷.

¹⁵ Zhou, Y., Li, X., & Zhang, X. (2011). Substance use and risky sexual behaviors among rural-to-urban migrants in China: A peer-driven bridge. *Journal of Psychoactive Drugs*, 43(sup1), 30-37.

¹⁶ Ueda, M., Kawakami, N., & Kessler, R. C. (2013). High prevalence of alcohol-related disorders among people living in areas affected by the Great East Japan Earthquake in 2011: A large-scale nationwide survey. *Journal of Affective Disorders*, 151(3), 888-894.

¹⁷ Sun, Y., Li, Y., Bao, Y., Meng, S., Sun, Y., Schumann, G., & Kosten, T. (2020). Brief report: Increased addictive internet and substance use behavior during the COVID-19 pandemic in China. *The American Journal on Addictions*, 29(4), 268-270.

Estudo sobre o uso de substâncias em populações vulneráveis durante a COVID-19, publicado na revista *Drug and Alcohol*, analisou o impacto da pandemia na saúde mental e no uso de substâncias em populações vulneráveis, como pessoas em situação de rua. O estudo afirma que a pandemia pode ter aumentado o uso de drogas ilícitas entre esses grupos, devido ao aumento do estresse, à diminuição do acesso a serviços de saúde e ao isolamento social¹⁸.

Segundo o antropólogo britânico Tim Ingold (2019) em sua obra “Antropologia: para que serve?”, a escrita etnográfica deve dar voz aos seus interlocutores, principalmente para aquele grupo que porventura não possua essa representatividade na sociedade.

No campo que escolhi, os meus interlocutores aparentemente não necessitam dessa voz, como demonstrei anteriormente e detalharei nos capítulos posteriores, o meu campo faz parte da classe média alta de Campo Grande/MS, já são ouvidos e possuem grande público cativo para os seus debates e histórias pessoais, pelo contrário, nem querem ser vistos ou reconhecidos por aqueles que não fazem parte da sua bolha social ou não são seus pares na curtição.

Apesar do tema ser de extrema importância e absurdamente atual, não são vozes silenciadas e desprivilegiadas, na realidade possuem muita relevância social, política e histórica, como um interlocutor mesmo me disse: “não precisamos de ninguém que fale por nós, posso fazer isso mesmo sozinho, não preciso depender de ninguém para defender a minha causa”. Como foi apresentado pelos estudos sobre aumento de consumo de ilícitos após momentos de crises (econômicas, sociais, políticas e de saúde), parece que seria normal que após a pandemia de 2020 houvesse um aumento significativo no uso de def’s ou outras substâncias para amenizar o estresse e o desconforto social.

Qual seria o problema a ser apresentado então?

A partir do momento que comecei a me debruçar sobre o uso contínuo de def’s e os novos sabores que eram apresentados no mercado, percebi que meus interlocutores usavam de maneira excessiva, com a desculpa de que não fazia mal.

¹⁸ Baggett, T. P., Keyes, H., Sporn, N., & Gaeta, J. M. (2020). Prevalence of SARS-CoV-2 infection in residents of a large homeless shelter in Boston. *JAMA*, 323(21), 2191-2192.

Após vários encontros e narrativas apresentadas por eles, comecei a perceber que um pequeno grupo começava a apresentar problemas de saúde, que aparentemente não seria nada grave, até conhecer o A1, estudante de 18 anos que frequentava um cursinho que lecionava. Ele começou a usar vape quando ainda tinha 13 anos de idade, “só por curtidão”, como ele mesmo me relatou. No primeiro momento, ganhou de um amigo, depois começou a comprar por aplicativo, possui cartão de crédito e uma certa liberdade financeira para fazer as suas compras sem que fosse questionado por seus pais. Mas, infelizmente, em 28 de junho de 2023 fui informado pela sua mãe que o A1 tinha falecido, por um câncer de pulmão que foi agravado pela EVALI¹⁹. Segue o relato do A1 sobre o seu uso de def's.

“Comecei a usar muito cedo, professor. Tinha mais ou menos 13 anos de idade quando um amigo me ofereceu na escola, achava que era só vapor, só água mesmo, mas não era, tinha um sabor bem gostoso e um cheiro muito bom. Comecei a usar todos os dias, escondido dos meus pais, colocava no estojo, ninguém ia perceber, e não percebiam mesmo, usava na escola, na praça, no shopping, nas festas, usava muito com os meus amigos. Não tinha tempo ruim, e sempre queria usar mais, às vezes estava na aula e sentia vontade, pedia para ir ao banheiro e usava no banheiro da escola, sempre usava depois do almoço e à noite, usava muito mesmo. Um dia estava na academia, este ano mesmo, fui fazer esteira e comecei a tossir muito, muito mesmo, achei que era por causa do tempo seco de Campo Grande e o meu corpo suado com ar-condicionado da academia muito forte, mas a tosse não parava, ia e voltava, durou várias semanas. Um dia estava no cursinho no intervalo e me senti um pouco cansado, e a tosse voltou, fui ao banheiro para jogar água no meu rosto e tentar diminuir a tosse quando saiu sangue na minha boca. Fiquei bem assustado, chamei um amigo, e ele achou melhor ligar para minha mãe. Mas como a tosse passou logo em seguida e não saiu mais sangue, achei que não era nada e voltei para a aula. Um dia à noite acordei tossindo muito e saiu muito sangue, acordei minha mãe e ela me levou para o hospital. No hospital, o médico perguntou se eu fumava ou usava drogas, eu disse que não. Depois dos exames ele chamou a minha mãe e disse que eu poderia ter uma lesão aguda no pulmão, chamada EVALI, que poderia ser causada pelo uso excessivo do vape. Tive que contar para minha mãe que usava e tive que parar é óbvio, mas nesta semana tivemos uma outra atualização sobre o meu caso, o médico disse que talvez eu já tivesse uma pré-disposição e desenvolvi câncer no pulmão, preciso de cirurgia e talvez transplante, tudo vai depender de como vou reagir ao tratamento, o médico não sabe dizer ao certo se o câncer ocorreu devido ao uso do vape ou se foi potencializado, mas agora não

¹⁹ Sigla em inglês para lesão pulmonar induzida pelo cigarro eletrônico. Em 2019 foi descrita pela primeira vez nos EUA como uma doença pulmonar relacionada ao uso de def's. “Essa lesão pulmonar foi atribuída, inicialmente, a alguns solventes e aditivos utilizados nesses dispositivos, provocando um tipo de reação inflamatória no órgão, podendo causar fibrose pulmonar, pneumonia e chegar à insuficiência respiratória. Até janeiro de 2020, o CDC, nos Estados Unidos, registrou 2.711 casos de EVALI hospitalizados e, até fevereiro do mesmo ano, 68 mortes foram confirmadas. A faixa etária média era de 24 anos, 66% dos acometidos pertenciam ao sexo masculino e o tempo médio de utilização foi de 12 meses. No Brasil, em agosto de 2020, de acordo com dados obtidos pelo The Intercept, por meio da Lei de Acesso à Informação, a ANVISA havia notificado sete casos de EVALI (enviamos uma carta à agência, que não atualizou esses dados). Ainda não temos estudos de base populacional que mostrem a real prevalência de uso dos DEFs em nosso país, mas a Associação Médica Brasileira, em um de seus artigos, relata a estimativa de 650 mil usuários”. <https://sbpt.org.br/portal/t/evali/#:~:text=A%20EVALI%2C%20sigla%20em%20ingl%C3%AAs,de%202019%2C%20nos%20Estados%20Unidos>. Acessado em 19 de junho de 2023 às 10h22.

importa mais, preciso tratar da minha saúde e não quero mais saber disso na minha vida. Se eu conseguir sair dessa, quero ensinar para os outros o malefício do uso de qualquer coisa como cigarro, vape, pod, maconha, sei lá”. (A1, 18 anos)

Segundo o relatório da COVITEL de 2023 (Inquérito telefônico de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis em tempos de pandemia), 17.3% dos jovens no Brasil entre 18 e 24 anos utilizam os def's (COVITEL, 2023, p.84). Conforme demonstrado nos gráficos 4, 5, 6, 7 e 8, dos anexos 2, 3 e 4. Equivale a quase 1 a cada 5 jovens no Brasil utilizando algum tipo de dispositivo eletrônico de fumar. A região com a maior predominância é o Centro-oeste com 11%, seguido pelo região Sul com 10% (COVITEL, 2023, p.83). 20.5% responderam que começaram a usar por curiosidade e que em 43.1% das vezes compram em lojas, quiosques ou bares (tabacaria) (COVITEL, 2023, p.85), corroborando com os dados coletados com os meus interlocutores que demonstrei posteriormente. Conforme demonstrado nos gráficos 9, 10, 11, 12 e 13, nos anexos 5, 6, e 7.

Após analisar os dados e rever as minhas anotações o uso excessivo dos def's, resolvi me debruçar e caminhar com aqueles que começaram a apresentar algum problema de saúde. Conseguir as autorizações para acompanhar nas consultas foi tarefa fácil, os pais queriam que alguém em que eles confiassem pudesse ajudar, o mais difícil foi conseguir que os médicos aceitassem a minha presença em consultas e exames e que prometeria que não faria nenhuma menção aos seus nomes, especialidades, clínicas ou hospitais.

Tal exigência faz sentido, tendo em vista que as pesquisas sobre doenças ocasionadas pelos *def's* e até mesmo a *Evali* são muito recentes e ainda carecem de mais dados objetivos sobre suas causas e efeitos. Não querem afirmar nem negar nenhum diagnóstico, mas ficam receosos de serem citados - e posteriormente as pesquisas demonstrarem o contrário - e sofrerem retaliação por causa da sua participação na minha pesquisa ou até processos jurídicos.

Entendendo perfeitamente a exigência, não farei menção aos médicos entrevistados ou que acompanhei em consultas e exames, focando principalmente no meu interlocutor e as suas reações e angústias, como será demonstrado no capítulo 3 deste trabalho.

2. ANÁLISE DO CAMPO: VAPE COMO UM NOVO HÁBITO

2.1. Os primeiros resultados

As ações de pesquisa que promovi no campo foram pensadas para “atrair” os meus interlocutores. Dessa forma, promovi uma pesquisa via Google Forms, em que obtive um resultado surpreendente, foram mais de duas mil respostas. Após verificar todas as respostas e separar os dados, pude quantificar de maneira exata mil e quinhentas respostas válidas. Usei como critério excluir as respostas repetidas (aquelas que aparentava que eram duplicadas pela mesma pessoa) e respostas que não faziam sentido algum com a pesquisa, levando em consideração que estou lidando com adolescentes, era de se esperar que houvesse algum tipo de imaturidade nas respostas com a desculpa de que era “brincadeira”.

No segundo momento, decidi me colocar à disposição para conversas informais sobre o tema, disse que se houvesse alguém que quisesse compartilhar a sua experiência com o vape ou o pod seria de grande valia para a minha pesquisa, sempre fui muito honesto em dizer que estava fazendo uma pesquisa em nível de pós-graduação e que suas respostas fariam parte do meu trabalho. Fui novamente surpreendido quando vários alunos se colocaram à disposição para conversar sobre o assunto. Em meu caderno de campo, posso contabilizar mais de quinhentas (500) conversas informais, todas foram devidamente registradas em minhas anotações (diário de campo).

Vale ressaltar que o diário de campo foi de extrema utilidade para a minha pesquisa. Nele pude anotar todas as minhas impressões, sensações, algumas entrevistas e principalmente conclusões que, no primeiro momento, me pareciam mais evidentes e no segundo momento, já no escritório, me levavam à reflexão e questionamentos, como explica Calavia Saéz (2013), o diário de campo possui a “virtude de preservar visível o processo todo de elaboração da pesquisa”. Confesso que levei muito a sério a instrução de Mauss (1993) sobre o diário de viagem. Em todos os momentos ele estava ao meu lado, assim como o celular para gravar as entrevistas e, todos os dias, revia as minhas anotações e tentava “corrigir” as minhas intenções e conclusões.

primeiro método de trabalho consistirá em iniciar um diário de viagem onde se anotarás, todas as noites, o trabalho realizado durante o dia; fichas preenchidas e objetos

recolhidos entrarão neste diário que consistirá em um repertório fácil de consultar. (MAUSS, 1993, p.30)

No terceiro momento, separei cem (100) interlocutores para entrevistas semiestruturadas, nas quais disponibilizava anteriormente as perguntas para os alunos e depois marcávamos para discutir as respostas. Consegui gravar oitenta (80) entrevistas no aplicativo *gravador de voz* do meu celular Samsung Galaxy S9, outras dezenove (19) foram apenas anotações, pois os interlocutores não ficaram à vontade em terem as suas vozes gravadas, estavam “com vergonha” ou se sentiam “tímidos”.

Nessa terceira “fase” da pesquisa, os encontros aconteceram nos mais variados lugares, cantinas das escolas, praça de alimentação do shopping, padarias, pátios das escolas, corredores e restaurantes. Uma entrevista, em particular, gostaria de destacar, foi a única que fugiu à regra mencionada acima. Aconteceu em um *pedal* – passeio de bicicleta –, estava pedalando no Parque dos Poderes²⁰ quando um aluno encostou ao meu lado e disse que iria pedalar comigo e ao mesmo tempo iria responder às minhas perguntas, disse que era melhor pararmos para anotar ou gravar as respostas, ele respondeu que não era preciso, se comprometeu a enviar as respostas via WhatsApp. Esse foi o único aluno que enviou suas respostas via mensagem, totalizando desta maneira as cem entrevistas.

Entre formulários, entrevistas gravadas e diário de campo, percebi que teria de preencher as lacunas deixadas pelos meus interlocutores e ser o mais sensível possível com as suas histórias, mas sem deixar de lado o processo racional da pesquisa, em uma tentativa de manutenção da coerência e do processo da narrativa, na “falta de uma inacessível verdade factual, teríamos atingido uma verdade racional” (Lévi-Strauss, 2013).

Mediante idas e vindas sucessivas entre o laboratório e o campo, buscaríamos ir preenchendo progressivamente a lacuna entre as duas séries, uma conhecida e a outra desconhecida, intercalando uma série de formas intermediárias. No final, não teríamos feito senão elaborar uma linguagem, cujos únicos méritos seriam o ser coerente, como qualquer linguagem, e explicar com um número reduzido de regras fenômenos até então considerados muito díspares. Na falta de uma inacessível verdade factual, teríamos atingido uma verdade racional. (Lévi-Strauss, 2013, p.30)

Gostaria de destacar neste momento alguns pontos da pesquisa que acredito serem relevantes para a compreensão do meu campo, nos próximos capítulos, outros dados serão apresentados sobre os interlocutores e a formação do campo.

²⁰ Região de Campo Grande – MS que congrega os principais edifícios das instituições do Legislativo, Executivo e Judiciário.

Com relação ao gênero, dos mil e quinhentos (1.500) alunos que responderam à pesquisa via Google Forms, sessenta por cento (60%) responderam que são do sexo feminino, o que equivale a novecentos alunos (900); quarenta por cento (40%), do sexo masculino, o que equivale a seiscentos alunos (600), não houve menção a pessoas *trans* ou *não-binárias*. Com relação à cor, oitenta por cento (80%) se declarou branco, o que equivale a um mil e duzentas (1.200) pessoas; vinte por cento (20%) se declarou não branco, o que equivale a trezentas (300) pessoas.

Observemos alguns dados:

Pesquisa realizada via *Google Forms* com usuários de Vape e Pod entre os meses de março de 2021 e maio de 2022. Os pesquisados possuem uma faixa etária entre 18 (dezoito) e 25 (vinte e cinco) anos de idade, são estudantes de cursinhos pré-vestibular e acadêmicos universitários. Foram obtidas 1.500 (mil e quinhentas) respostas para as seguintes perguntas:

1) Em que ano você começou a utilizar o Vape e/ou Pod?

13% (200 respostas) afirmaram que foi em 2019, 53% (800 respostas) afirmaram que foi em 2020, 27% (400 respostas) afirmaram que foi em 2021 e 7% (100 respostas) afirmaram que foi em 2022. Como demonstrado no Gráfico 4 no anexo 2.

É fato que os anos de 2020 e 2021 foram decisivos para o aumento do uso do Vape e Pod no meio dos jovens pesquisados. 2020 foi o ano de início da pandemia de COVID-19, no qual os estudantes tiveram de ficar em casa, em isolamento, participando das aulas de maneira remota. Em 2021, as escolas e universidades ofereceram o modelo híbrido de estudo, em que os alunos podiam escolher continuar participando das aulas de maneira remota ou presencialmente. O início para o consumo em 2021 é menor do que em 2020, segundo relatos dos jovens pesquisados no campo.

2) Qual o motivo para começar a utilizar o Vape e/ou Pod?

10% (150 respostas) afirmaram que foi para parar de fumar, 27% (400 respostas) afirmaram que foi devido à pandemia de COVID-19, 47% (700 respostas) afirmaram que foi por causa da ansiedade e depressão e 17% (250 respostas) afirmaram que foi influência de amigos ou grupos externos. Conforme demonstrado no gráfico 5 no anexo 3.

Os dados demonstram que 1.100 (mil e cem) pesquisados responderam que a possível causa para o início do uso de Vape e Pod está relacionada à pandemia de COVID-19 e à ansiedade e depressão. Não pude constatar se todos os que responderam à pesquisa foram realmente diagnosticados por um profissional habilitado ou se acreditavam que estavam sofrendo de algum tipo de ansiedade ou depressão, todavia afirmaram categoricamente que a pandemia de 2020 e os seus possíveis desdobramentos foram essenciais para começarem a utilizar o Vape e/ou Pod.

Destacarei neste momento dois relatos que acredito que são de extrema importância para a compreensão do fator externo denominado pelos interlocutores de “pandemia de 2020”.

Para A, 18 anos de idade, estudante do cursinho pré-vestibular, “a pandemia foi o início do fim, tive que me trancar em meu quarto e não tive outra opção que não fosse o Vape”. A faz parte de uma classe social privilegiada, estuda em um bom cursinho da cidade, almeja prestar vestibular para o curso de medicina, sonha em ser cirurgião, “quero ter uma boa vida e ganhar muito dinheiro”, explica A, enquanto pega seu Vape e começa a me explicar quando realmente começou a utilizar.

“Um dia estava em meu quarto depois da aula, não sabia muito o que fazer, meus pais estavam trabalhando e eu estava “preso” em casa devido à pandemia. Estava bem entediado. Foi quando resolvi fazer uma *call* (ligação de vídeo) para um amigo, não vou falar o nome dele para não “entregar” o meu amigo. Quando ele atendeu, percebi que estava segurando um pen-drive em sua mão e estava fumando o pen-drive, achei bem estranho, perguntei o que era e ele me respondeu que era um cigarro eletrônico, não tinha a mínima ideia do que era um cigarro eletrônico, então perguntei qual era a diferença de um cigarro normal, e ele me disse que este não tinha nicotina, não tinha cheiro ruim e tinha o sabor de menta, achei super legal. Foi quando ele me disse que eu poderia experimentar, se quisesse, ele podia enviar para minha casa pelo entregador, eu aceitei, não fazia mal, não tinha nicotina, quero ver como é. Passados 30 minutos, o porteiro do meu prédio interfonou e me disse que deixaram uma encomenda para mim, ele colocou no elevador e peguei no meu andar, quando abri o pacote, tava lá o “pen-drive”, fiz outra “*call*” para perguntar como que fumava, ele me explicou tudo certinho, fumei pela primeira vez, nunca tinha fumado antes, foi super tranquilo, nem engasguei, o gosto era de morango, foi bem de boa, a partir daquele dia comecei a fumar todos os dias em casa, meu amigo comprava de um colega que trazia do Paraguai e eu comprava dele. Um dia minha mãe viu no meu quarto e perguntou o que era, disse que era um pen-drive que tinha gosto e que não fazia mal, ela acreditou e não me perguntou mais, era 2020 eu estava na 2ª série do ensino médio e tinha 16 anos, hoje tenho 18 anos e estou no cursinho e não me arrependo, é melhor fumar o Vape do que cigarro, pelo menos não vou morrer de câncer”.

Diferentemente de A, B (20 anos e estudante do cursinho) afirma que a sua relação com o Vape começou de maneira estranha. Conheci B em um intervalo, recebi

uma mensagem no celular perguntando se era o professor que estava pesquisando sobre drogas, respondi que sim, então ele marcou uma conversa, queria contar a sua história e, segundo ele, “me ajudar a ser mestre”.

Marcamos em uma padaria próximo do cursinho que ele estudava e próximo da escola que estava naquele dia lecionando. *B* era bem diferente do estereótipo de alunos com que estava acostumado a conversar para a pesquisa, não era de classe média, era bolsista do cursinho e não possuía relações sociais com os outros alunos da sua turma, estava fora da bolha, queria cursar direito para tornar-se ministro do Supremo Tribunal Federal (S.T.F.), era obcecado pelos estudos e desejava “subir” de classe social para ajudar a mãe e os irmãos. Disse que um amigo lhe enviou a pesquisa, ele respondeu, mas queria contar como conheceu o Vape e onde tudo começou, segundo ele.

“Em 2020, estava no meu primeiro ano de cursinho, fiz uma prova de bolsas e consegui apenas 50% de desconto, não podia pagar, então combinei com o diretor que se eu ficasse em primeiro lugar no primeiro simulado, se ele me daria 100% de bolsa, ele falou que não podia prometer, mas que, se eu ficasse, ele daria um jeito, então me matei de estudar e fiz o primeiro simulado. Não fiquei em primeiro, fiquei em segundo lugar, mas como tinha estudado a minha vida toda em escola pública, o diretor reconheceu o meu esforço e me deu 100% de bolsa, fiquei muito feliz, achava que 2020 seria o meu ano, iria passar para direito e logo estaria trabalhando. Aí veio a pandemia, no primeiro momento, achei que seria rápido e que voltaríamos para a escola em duas semanas, mas como você sabe, professor, não foi bem assim que aconteceu, ficamos no ensino on-line quase o ano todo, não tinha internet em casa, não tinha computador, tive que pegar emprestado com um primo e fazer um plano de internet via rádio, a internet caía sempre lá em casa, as aulas travavam e não conseguia estudar, estava sempre ajudando a minha mãe em casa e cuidando do meu irmão mais novo, fui ficando desmotivado, já não conseguia acordar cedo, já não acompanhava as aulas, foi quando um dia falei para a minha mãe que iria desistir, que não conseguia estudar, estava com vontade de sumir, um dia até pensei em tirar a minha vida, foi bem esquisito este dia, contei para a minha mãe, ela achou que estava de frescura ou que não era nada, contei para uma tia minha, mãe do primo que me emprestou o computador, ela disse que ia marcar um médico para mim, ficou bem preocupada. Um dia minha tia me ligou e disse que tinha conseguido marcar o tal médico, falou que era um psiquiatra e que tinha conseguido um encaixe com uma amiga, não podia faltar, era muito importante. Fui para a consulta com o médico e expliquei tudo o que estava acontecendo, foi quando ele me diagnosticou com ansiedade e princípio de depressão, fiquei muito assustado, sempre me disseram que depressão era doença de rico que não tem o que fazer, que pobre não tinha tempo para essas coisas, o médico me receitou vários medicamentos, minha tia comprou todos e comecei a tomar tudo certinho. Quando ainda estava me acostumando com os remédios, eu tive altos e baixos, até ataques de pânico eu tive, mas acreditava que tudo ia passar, um dia voltaria ao normal, perdi a bolsa no cursinho e perdi o ano de 2020, fui mal no vestibular e voltei para o cursinho em 2021, o mesmo de 2020, mas agora com 80% de bolsa. Escolhi estudar presencialmente, as primeiras semanas foram maravilhosas, estava muito focado, mas aí tive uma crise de pânico no cursinho, voltei ao médico e ele mudou o meu medicamento, não me acostumei, fiquei sonolento de manhã. Irritado e sempre cansado, meu foco diminuiu e minhas notas caíram nos simulados, fiquei com medo de perder outro ano, falei com o médico de novo, ele disse que era normal e que logo iria me adaptar, precisaria de pelo menos 3 (três) meses para fazer o novo teste, mas eu não tinha 3 (três) meses, logo viria o vestibular e não podia perder outro ano, fiquei

desesperado. Perguntei para um colega de cursinho como ele fazia para melhorar a concentração e acalmar a ansiedade, ele me ofereceu maconha, disse que iria ajudar mais do que os remédios receitados, mas eu sempre tive medo da maconha, ou qualquer outra droga, no meu bairro é bem complicado isso aí, então ele me falou do Vape, disse que usava também, que era igual cigarro, mas sem o câncer, e o melhor de tudo, não precisava comprar com o traficante, qualquer tabacaria estava vendendo ou era só pedir pelo aplicativo de entregas que chegava onde eu estivesse. Resolvi experimentar, pedimos pelo aplicativo, chegou no cursinho na hora do almoço, comecei a fumar o Vape para diminuir os meus remédios de depressão e ansiedade, precisava fazer algo para me ajudar e precisava ser logo, experimentei um com sabor de menta, achei muito suave, o gosto e o cheiro eram agradáveis, poderia facilmente trocar os meus remédios pelo Vape, o problema era o preço, paguei, na época, R\$50,00 (cinquenta reais) era descartável, ia precisar comprar mais. Não tinha como “bancar” este valor sempre que acabasse, então resolvi conversar com a minha tia para trocar os remédios pelo Vape, ela iria economizar com o Vape, os remédios eram bem mais caros, expliquei que precisava focar e que o Vape me ajudaria contra a depressão e ansiedade e que não me viciaria, não tinha nicotina e era apenas uma essência. Ela acreditou em mim e fizemos a troca, o problema é que hoje estou viciado em Vape, descobri que ele faz muito mal e que às vezes é pior que o cigarro, já tentei parar, mas não consigo por muito tempo, acho que fiz a pior troca da minha vida, troquei para ajudar com um problema e acabei desenvolvendo outro, hoje ainda tomo os remédios para ansiedade e depressão, e continuo usando o Vape”.

Conforme *B* relata a sua história, percebo que seus olhos se enchem de lágrimas e que, em alguns momentos, a sua voz fica um pouco trêmula, seria um misto de emoção, nervosismo e talvez arrependimento. Constatando um pouco de ansiedade para relatar a sua história, parece que deseja realmente que ela seja contada, quer ser ouvido, quer alertar, anseia por algo que não consigo deduzir ou compreender. Ouço atentamente o seu relato, faço algumas anotações conforme tínhamos combinado e vejo em seu semblante um ar de preocupação, quando de repente ele me diz: “não posso deixar que isto se repita na vida do meu irmãozinho”, neste momento compreendo que o relato emocionado de *B* está condicionado com a preocupação que ele tem com o seu irmão mais novo, agora com 10 anos de idade.

Parto do princípio de que um debate relevante necessita questionar as características e estereótipos que mais dificultam a análise do que facilitam o seu entendimento. Romper os embates políticos, ideológicos e morais existente ao redor do tema e dos seus desdobramentos torna-se essencial para uma pesquisa e a compreensão do fenômeno. É fato que o *def* hoje se apresenta como um problema social que exige muita atenção e redobrado cuidado pelas associações e instâncias especializadas. Contudo, a temática dos *def's* me interessou, particularmente, pelo comportamento antropológico estabelecido pelos interlocutores a partir das suas experiências e da sua “bolha social”.

Para Triviños (1987, p. 146) “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que

se relacionam ao tema da pesquisa”. Os questionamentos ajudariam no surgimento de novas hipóteses a partir das respostas do interlocutor, “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), “a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Dessa forma, nesse tipo de entrevista, as respostas surgem de maneira “mais livre” não condicionando as respostas a algum tipo de padronização especulativa.

Sobre os “tipos de perguntas”, Triviños (1987, p. 151) distingue quatro categorias:

- 1) perguntas denominadas consequências como, por exemplo, “o que pode significar para a comunidade urbana, na qual vive a grande quantidade de pessoas, quem não sabe ler nem escrever?”; 2) perguntas avaliativas, do tipo, “como julga a resposta da vizinhança ao convite para participar da organização de uma cooperativa?”; 3) questões hipotéticas, como, “se você observasse que seus alunos brigam frequentemente entre si, qual seria seu comportamento como professor?”; 4) perguntas categoriais, se você observasse as respostas de seus vizinhos frente à possibilidade de organização de uma cooperativa, em quantos grupos nós poderíamos classificá-los?”.

O autor entende que as perguntas não deveriam “ser amarras” para “travar” a pesquisa, mas sim, uma ferramenta para desenvolver novas perspectivas para análise e interpretação de dados. Para Manzini (2003), o pesquisador precisa ter alguns cuidados ao elaborar as perguntas: “1) cuidados quanto à linguagem; 2) cuidados quanto à forma das perguntas; e 3) cuidados quanto à sequência das perguntas nos roteiros”.

Entendendo que a elaboração das perguntas em uma entrevista semiestruturada é de grande importância, tendo em vista que os meus interlocutores possuem idade entre 18 (dezoito) e 25 (vinte e cinco) anos, são prolixos quando querem, resolvi fazer apenas 2 (duas) perguntas básicas para todos e deixar que as suas histórias e narrativas pudessem ganhar o protagonismo da pesquisa.

Segue abaixo um pequeno relato de algumas entrevistas que realizei, outros dados e relatos serão apresentados na etnografia, nos próximos capítulos.

2.2. Etnografia e coleta de dados

Entrevistas semiestruturadas: Entrevistas realizadas entre os meses de março de 2021 e julho de 2022.

Local das Entrevistas: Cantinas das escolas, restaurantes, padarias, pelo WhatsApp e 5 (cinco) encontros no shopping Campo Grande.

Idade dos entrevistados: Entre 18 (dezoito) e 25 (vinte e cinco) anos de idade.

2.2.1. Empreendedorismo – “time is money”

C. 18 anos, estudante (pré-vestibular)

“Time is Money, professor!” Esta foi a primeira frase que escutei de C, estávamos conversando sobre o índice altíssimo de pessoas que estão comprando o vape de empreendedores que trazem das mais diversas regiões do Brasil, alguns com procedência duvidosa. C estava me relatando como ela e o namorado de 21 anos entraram no negócio de venda.

Disse que certa vez foi para o Paraguai trocar o pneu do carro do namorado e passear no cassino, quando viu em uma loja um estoque relativamente grande de vape, pod, cigarros eletrônicos e narguilé, ficou interessada, estavam fazendo provas, “é quando você experimenta com outras pessoas o vape para testar o sabor”, explica C com toda a desenvoltura de uma empresária.

Quando ela e o namorado estavam fazendo as provas, tiveram a ideia de comprar uma caixa, “quem sabe podemos vender para alguns amigos”, essa foi a intenção de primeiro momento, fazer uma pequena social em sua casa e depois oferecer o produto, “quem quiser comprar, compra, se não vendermos nada vamos consumir o estoque”, fala C com um sorriso no rosto expressando a sua satisfação de ter feito um grande investimento. Para sua surpresa venderam todos os vape’s e ainda receberam encomendas, quando argumentei sobre as encomendas, ela me respondeu que “a marca que trouxemos, ninguém vende em CG, era novidade e não contamos em qual loja nós compramos”, o mundo do empreendedorismo de vape vem crescendo muito no meio dos jovens, segundo C, então, se ela não divulgar o ser fornecedor, poderia garantir a “fidelidade do cliente” como ela mesmo explica.

Neste momento, C recebe um telefonema, pede licença e atende, sua expressão muda e sua voz aparenta nervosismo, quando de repente alguns gritos começam a ecoar na sala onde estamos, parece que algo deu errado com o último carregamento. Após C desligar, ela me explica que eles quase não vão mais presencialmente buscar o produto na fronteira, acham muito arriscado, eles compram com o fornecedor e pagam uma taxa de entrega, o fornecedor por sua vez contrata um motorista que traz a mercadoria para Campo Grande, todavia ela me explica que todo o risco é deles, o fornecedor não se responsabiliza caso haja algum problema com a mercadoria ou que ela fique retida em uma possível operação policial. Foi exatamente o que tinha acabado de acontecer, era seu namorado avisando que a mercadoria tinha ficado presa na polícia rodoviária federal, e que foi avisado que perderam dez mil em investimentos. Quando pergunto qual seria o seu prejuízo real, perda da mercadoria x valor da venda do produto, C ajeita-se na cadeira e começa a me explicar como é rentável o negócio.

Comecei a vender em 2020 para os meus amigos. Compro no Paraguai e revendo para os meus amigos em Campo Grande. Compro o VAPE e o POD no Paraguai, lá é bem acessível e fácil de comprar, os meus amigos pedem de 500 puxadas ou de 1000 puxadas, compro o de 500 por R\$20,00 ou R\$25,00 dependendo da marca e vendo em CG por R\$50,00 ou R\$60,00, os de 1000 puxadas compro por R\$55,00 e vendo por R\$120,00, vale muito a pena.

Após uma aula de investimento e empreendedorismo, pergunto para C se ela não se importaria com o vício e os possíveis problemas de saúde que o uso excessivo poderia trazer para ela e para os seus compradores. Então ela me responde que “não existe perigo, professor”, na realidade para C o vape e o pod seriam menos prejudiciais para a saúde do que o cigarro ou outros tipos de ilícitos, para ela é apenas investimento, uma forma de “ganhar a vida”.

“Comecei com um Instagram novo, professor, me segue lá”, fala C dando risadas e se contorcendo da cadeira, enquanto ela falava e gesticulava, algumas amigas chegam em sua casa, são clientes, todas são minhas alunas de cursinho, quando elas me veem ficam um pouco assustadas, perguntam o que está acontecendo e por que estou na casa de C, respondo que é para minha pesquisa, então ficam mais aliviadas. C então volta a falar, “coloca aí, professor, um dia serei a rainha do vape em CG, pode escrever, Pablo (Escobar) foi rei na Colômbia, serei no Brasil”. Neste momento, percebo alguns olhares de censura por parte de suas amigas, parece que estavam condenando a fala ou só não queriam que ela se expusesse

dessa forma. Para o clima não pesar e o assunto não acabar, pergunto para C se ela pensa em abrir uma loja física um dia, quando as meninas começam a gargalhar na minha frente, “loja física é furada, professor, hoje tudo é pela internet” explica C, a amiga¹ me confidencia que a C já tinha pensado em abrir uma tabacaria e uma conveniência, mas que depois que ela descobriu as vendas on-line, desistiu rapidamente do negócio.

Após me servir uma fatia de bolo de cenoura com cobertura de chocolate com café, C começa a me descrever como funciona o seu “esquema de pedidos e entregas”, me conta que começou com uma conta no Instagram, pediu para os amigos a seguirem e compartilharem as postagens, para passar credibilidade e um “ar de seriedade”, como ela mesma define. Comprou dez mil seguidores, prática comum entre os jovens que tentam iniciar um comércio on-line via aplicativo de redes sociais. Quando ela já tinha mil seguidores, comprou um celular novo (pré-pago) para controlar as vendas, não usa seu nome na conta, não segue a sua conta pessoal e vice-versa. Todos os pedidos são on-line, feitos diretamente pelo chat, o pagamento é apenas em dinheiro no momento da entrega, quem faz a entrega é um moto-entregador contratado por entrega. “Não posso colocar minha carinha linda por aí, vai que me pegam”, é nítido que C compreende muito bem que o que faz é ilícito, mas não se preocupa, segunda ela, “estou apenas curtindo este momento”.

Em certo momento da conversa, C me pergunta se eu gostaria de saber de uma fofoca, então eu disse para ela que a antropologia tem uma área específica que estuda a fofoca e suas implicações na vida em sociedade, ela riu e me disse, “tudo pela ciência né, professor”, respondi que sim.

C então se ajeita no sofá, inclina seu corpo para frente e começa dizer em um tom mais baixo do que o normal, como se não quisesse que as pessoas que estavam em sua casa ouvissem, “estes dias fiz a minha primeira *‘day party’*²¹, fiquei muito feliz, fizemos uma boa grana”. C começa a me contar que uma amiga iria em uma festa de um grupo de pessoas muito ricas em Campo Grande e, se ela quisesse, poderia conversar com o aniversariante para ela ir, “quem sabe” fazer alguns negócios e contatos”. Quando sua amiga conversou diretamente com o aniversariante, ele

²¹ Day party – dia de festa. Expressão usada no meio dos jovens para dizer que naquele dia ela foi responsável por fornecer os produtos que foram consumidos na festa, no caso de C, o day party para ela foi a venda de trinta mil reais de produtos que iriam ser distribuídos nesta festa.

prontamente perguntou o que ela vendia, então sua amiga explicou o seu negócio, ele ficou interessado e ligou para C. “Estava dormindo no domingo de manhã quando toca meu celular, era um número desconhecido, resolvi atender, nem sei o porquê”. Fazendo caras e bocas e demonstrando a sua surpresa quando descobriu que quem estava ligando era o aniversariante amigo da sua amiga, “ele foi direto na conversa”, C com brilho nos olhos relata

“Ele me disse que não poderia ir à festa dele, que não me conhecia e que seria uma festa muito reservada, seriam apenas os seus amigos mais íntimos, apenas umas cem pessoas, você pode imaginar? Cem pessoas! Mas que estaria disposto a negociar os vape's, queria comprar uma quantidade considerável, iria distribuir entre os seus convidados e que no final da festa entregaria como lembrança, e que em cada lembrança colocaria um cartão meu, não tinha cartão nessa época ainda, mas decidi aceitar, foi quando ele fez o pedido e o valor total da compra foi de trinta mil reais, fiz questão de entregar eu mesma a encomenda.”

C me conta que, naquele dia, ela viu que compensa o seu empreendedorismo, ficou com muito medo, não sabia onde guardaria o dinheiro, mas fez questão de ir com o namorado e depois guardar o dinheiro em um “lugar seguro”, segundo ela. Saíram naquela noite para comemorar, gastaram uns cinco mil reais, na versão que ela me conta, “muito bem gastos, trabalhamos muito e merecemos nos divertir”, agora ela espera fazer outras *day party* e se consolidar no mercado como alguém que pode atender e que possui contatos da “elite campo-grandense” como gosta de dizer, “quem sabe um dia me torne uma deles?”.

A narrativa de C demonstra uma busca exagerada pelas interações sociais, percebo que possui um desejo, que por vezes até parece ser incontrolado, de fazer parte de um grupo, bem específico, como ela denomina, a “elite” de Campo Grande. Está disposta a fazer o que for necessário para atingir seu objetivo, mesmo que para tanto, necessite se esgueirar de maneira sorrateira pela internet para ter sua presença notada por aqueles que de alguma maneira “podem realizar o seu sonho”, conforme afirma C. A busca incessante por aprovação e pertencimento, nos modelos de Goffman, demonstra a necessidade de se fazer presente e aceita em um grupo que ela acredita ser relevante para o futuro do seu negócio de empreendedorismo, confidenciando que se precisar “troca de namorado”, sem nenhum tipo de arrependimento em sua fala.

2.2.2. “O proibido é mais legal”

D. 18 anos, estudante (pré-vestibular)

“Comecei a usar em 2021, no período da pandemia. O proibido é mais legal, professor. Compro pelo aplicativo, mando entregar na festa, em casa quando meus pais não estão. Já mandei entregar na escola, fui descoberto, chamaram meus pais e acabei levando uma suspensão de 1 dia, não me arrependo não, meus pais não sabiam que eu usava, tentei esconder, mas no dia não deu certo, fui chamado, me colocaram contra a parede, tentei mentir, dizer que era de um amigo, minha mãe queria falar com ele, queria ligar para ele na hora, fui lá e confessei tudo, disse que era meu, que já usava faz algum tempo e que comprei pelo aplicativo usando o cartão de crédito dela, meus pais ficaram muito bravos, me levaram da escola, pediram explicação. Levei uns tapas da minha mãe e me deixaram de castigo, fiquei 1 dia suspenso e quando voltei para escola, todo mundo já sabia. Hoje dou risada, no dia foi bem complicado, continuo usando, meus pais sabem e fingem que não sabem. É melhor do que usar cigarro ou maconha”.

Para D, as consequências são mais tranquilas do que se pode imaginar, tudo ele leva na brincadeira e não se responsabiliza pelos seus atos, sua história traz algumas contradições, mas vale muito a pena a narrativa.

D é um aluno de um cursinho pré-vestibular. Segundo ele, sua família possui uma boa renda financeira e não estão preocupados com a universidade que irá cursar, aliás, estudar o cursinho foi ideia dele, não se sentia preparado para a faculdade, em sua opinião precisava mais tempo para amadurecer sobre a vida e sobre o seu futuro. Espera que mais um ano no cursinho possa ajudá-lo a ser o adulto que, segundo ele, os pais esperam.

Certo dia, um entregador chegou na porta da escola procurando pelo D, a secretária então recebeu a encomenda, algo muito comum nos cursinhos, a todo momento entregas são realizadas para os alunos, comida, material didático, remédios, roupas, alguns colocam o endereço da escola como endereço de entrega padrão em sites e aplicativos de compras on-line, segundo eles passam mais tempo na escola do que em casa e podem controlar melhor o recebimento dos seus pedidos. Voltando a narrativa do D, quando a secretária recebeu a encomenda, o entregador disse que era de uma tabacaria, as escolas não recebem bebidas alcoólicas e nem cigarros, imediatamente chamaram o D para “tirar a história a limpo”.

O problema foi que quando o D viu a encomenda no balcão da secretária disse rapidamente que não era dele, mas o nome da entrega era o D, no desespero de mentir e não ser acusado de comprar algo na tabacaria confirmou que a entrega era para um amigo, apenas tinha “emprestado sua conta no aplicativo e cartão para realizar a compra”, disse para a coordenação da escola que seu amigo pagaria a

encomenda, claro que “eu não pensei muito nas consequências, professor”, entre uma risada e outra me confessa hoje com um ar de mais aliviado, “era lógico que eles chamariam meu amigo, também é aluno do cursinho, a regra é válida para todo mundo, não só para mim”. Depois de beber um pouco de água e dar mais algumas risadas, então ele afirmou que “quando chamaram ele, pensei, agora a casa caiu”, o que o D não sabia é que seus pais já estavam sabendo e se deslocavam a caminho da escola.

Histórias como a de D são bem comuns, fiquei sabendo por alguns interlocutores e presenciei em alguns momentos, entregadores na porta da escola ou cursinho passando o vape pelo portão ou até mesmo jogando por cima do muro, os alunos marcam um horário e dizem por qual muro jogar, então o entregador bem solícito faz a sua parte. Alguns são pegos e outros saem ilesos do flagrante.

Certa vez presenciei a diretora da escola passando de sala em sala, cursinho, ensino médio e fundamental II, alertando que abriria todos os armários e que faria uma revista, se encontrasse vape, pod ou cigarro eletrônico, o aluno seria suspenso por três dias e os pais seriam avisados. Nesse dia foi bem perceptível o desconforto da direção e a preocupação da coordenação com o uso de def’s, foi muito interessante também observar vários alunos abrindo seus armários na hora do intervalo e retirando de lá o que poderia ser considerado uma infração para direção. Naquele dia, nenhum armário foi arrombado, mas pelas câmeras de segurança a direção conseguiu constatar alguns delitos e cinco alunos foram suspensos. Após aquele dia, a escola ficou uma semana sem ocorrência alguma, mas não demorou muito para os alunos voltarem aos seus velhos hábitos e as entregas recomeçarem, mas agora não mais no portão da escola ou por cima do muro, mas nos arredores e através de outros alunos.

Quando os pais de D chegaram à escola, ele continuou contando a sua história, já tinha avisado o seu amigo e já esperava o pior. No momento em que foi confrontado pelos pais, coordenação e direção, D resolveu mentir mais uma vez, disse que o amigo que tinha pedido era de outra escola e que estava viajando, “murmurei, ele está na fazenda, não tem como falar com ele”, novamente ele ri, “achei que tinha me salvado, professor”. D recebeu uma suspensão naquele dia, quando estava no carro em direção de sua casa depois de ter decepcionado seus pais, como ele mesmo diz, sem querer a “casa caiu”, D estava tentando repetir a história mais uma vez para tentar

encobrir todos os rastros e não cair em contradição, “foi aí que fiz a merda”. D não conseguiu reproduzir a história com a riqueza de detalhes que seus pais desejavam e no momento de confirmar quem tinha efetuado a compra, aquele amigo, falou um nome diferente, a mãe perguntou novamente alegando que não tinha ouvido direito, foi quando “eu repeti o nome do meu amigo que estuda comigo na mesma sala”, o pai de D freou o carro e disse que voltaria para a escola imediatamente, tinha a absoluta certeza de que este novo nome, o amigo, agora entregue em sua nova delação, estaria na escola e poderia confirmar ou não a história.

“O suor escorria pelo meu rosto, não sabia o que fazer, estaria diante do meu amigo e agora tinha colocado ele no rolo também”, neste ponto da história o D tenta remediar sua ação dizendo que fez o que era o certo, tudo daria certo se não fosse o ato falho do carro, mas como ele aconteceu, nada mais justo do que salvar o seu amigo, se colocando neste momento como alguém muito ético que faria de tudo por zelar pela sua amizade, “tive que fazer o certo, vê-lo parado na minha frente não dizendo nada, mantendo o seu direito de ficar calado, quebrou o meu coração”. Ainda utiliza uma certa ironia para descrever a cena, “tinha enganado todo mundo até ali, mas agora preciso fazer o certo”, quando questiono que talvez o certo já não deveria ter sido feito, ele então me responde “o proibido é mais legal, professor”, então continua a sua história me relatando que confessou tudo, “disse o que precisava ser dito”, não se importava de seria expulso ou se seria uma suspensão, “naquele momento já não me importava com mais nada”. Para D, naquele momento, o certo a ser feito seria livrar seu amigo de qualquer tipo de acusação, suportar as consequências, sejam elas o que fossem.

Como o D afirma, “nada de muito relevante aconteceu”, foi suspenso por um dia e logo depois tudo voltou a normalidade, nada do que já não estavam acostumados.

A história do D é muito parecida com muitas histórias de vários outros jovens nas escolas, vão até os limites para adquirem o que desejam, não medem as consequências, e na minha interpretação, muito menos esperam que a vida possa castigá-los por seus erros ou atos injustificáveis. O próprio D dizia isso entre um sorriso e outro, tinha certeza da impunidade, da instituição escolar, dos amigos e principalmente da família.

Hoje o D estuda em uma universidade particular, ganhou um carro no final de ano, segundo nossa última conversa, vive mais no bar na frente da universidade do que frequentando as aulas. “Sou herdeiro, professor” essa era a frase que ele mais repetia para mim, “não preciso trabalhar”, “meus pais não vão me deserdar”, “não preciso ralar”, gritava aos quatro cantos para quem quisesse ouvir. Infelizmente histórias como essa são bem comuns, preferi relatar do D, mas como esta, tirando algumas variações, tempo, lugar e penalização, é sempre a mesma, o indivíduo rico, que sabe que não arcará com as consequências de seus atos, que possui pais que de alguma maneira ajudam na manutenção desses atos, mesmo que tentem manter um sistema disciplinar, aos moldes da microfísica do poder de Foucault, não conseguem, são mais permissivos do que disciplinares e quando desejam impor limites, utilizam do suplício do corpo para fazê-lo e esperam categoricamente que funcione, utilizam de recursos de vigilância e monitoramento, mas quando acreditam que o tempo da penalização já foi suficiente, incentivam tais atos, como o pai do D me relatou em uma conversa, “são apenas crianças, precisam aprender o valor do limite e da justiça na prática”. Minha indagação é, para aprenderem de maneira empírica, quantos terão que ser sacrificados em nome de um aprendizado sem justificativa e relevância? Para os pais que justificavam as ações de seus filhos com a permissividade exacerbada, fazia essa pergunta, em nenhum momento obtive uma resposta, apenas olhares condenatórios ou gestos de reprovação, alguns mantinham a elegância e se ficavam em silêncio, em uma clara demonstração de nunca terem pensado que toda ação gera uma consequência individual e coletiva.

2.2.3. “Minha *vibe* é mais tranquila”

E. 18 anos, estudante (pré-vestibular)

“Não uso. Não compro nem vendo. Tenho vários amigos que usam VAPE e POD, levam para a escola, usam no intervalo, nos banheiros e até na sala de aula quando o professor não está ou está explicando algo com muita empolgação que nem percebe. Hoje alguns modelos não possuem o vaporizador, por isso fica fácil usar na sala de aula, não solta mais aquela fumaça branca, fica apenas o cheiro, menta, morango, chocolate e outros. Já me ofereceram várias vezes, não gosto do cheiro, prefiro minhas velas e incensos mesmo, muito mais tranquilo e não vicia. Eles sabem que é proibido, mas não se preocupam não, já tivemos aula e palestras sobre o uso do POD e do VAPE, quando acaba, aqueles que usam ironizam e nem se preocupam com o que foi falado, dizem que não faz mal e que vão continuar usando. É uma classe privilegiada, tem muito dinheiro, não se preocupam com as consequências”.

E vai na contramão de seus amigos, convive com muitos jovens que usam vape em todos os lugares, mas não gosta de usar, prefere viver uma “realidade paralela” segundo me relata.

E é aluna do cursinho, está mais focada em se preparar para o seu curso universitário, mas ela é uma grande confidente de muitos que usam, é considerada uma pessoa que se apresenta como uma líder, como alguns dizem, “sabe dar o conselho certo na hora certa”. É muito educada, meiga e gentil, quase não fala palavras de baixo calão, é sempre moderada no falar e em seus gestos, mas quando está animada para contar algo, pode se tornar muito expansiva, aumentar o volume da voz e ainda fazer certos julgamentos.

Quando E se apresentou para a entrevista, perguntei qual era o seu objetivo, como ela não usa vape e não vende, por que gostaria de participar de uma pesquisa sobre esse assunto, qual seria o seu real interesse? Foi quando ela me apontou algumas amigas que estavam na mesa ao lado, disse que convive essas amigas que usam de “maneira exagerada”, quer ajudar suas amigas e não sabe mais como fazer, e que tinha autorização de relatar algumas história que presenciou em algumas festas, mas que suas amigas “não lembravam” por terem “tomado todas” naquela noite.

Desta forma, pedi para as outras meninas sentarem conosco, estávamos na praça de alimentação do shopping Campo Grande, rapidamente mudaram de mesa. Perguntei se realmente a E tinha autorização para “explicar” suas amigas, todas foram enfáticas em responder que sim, que não teria problemas, até porque elas não se lembravam de “muitas coisas mesmo”.

E estuda em uma escola considerada elitizada, mas não faz parte desse “mundo”, sua família é de classe média, seus pais são trabalhadores com carteira assinada, ganham o suficiente para viverem de uma “boa maneira”, mas não podem esbanjar com luxos e “banalidades”, como ela gosta de dizer. Diferentemente de E, suas amigas são de outra bolha social, vivem no mesmo condomínio de luxo da cidade, estudam juntas há mais de seis anos e já fizeram intercâmbio no Canadá e na Europa. Esbanjam e vivem em festas onde sempre existe uma lista bem seleta de convidados. São essas festas que E frequenta. Segundo ela, no fim da festa, só ela lembra o que realmente aconteceu, como foram embora e como pagaram a conta, as amigas de 20, 21 e 23 anos de idade chamam a E de “anjo”, ela cuida de nós, “não sabemos o que iremos fazer se ela mudar de cidade para estudar”. São exatamente

essas festas que E quer me contar e descrever “com riqueza de detalhes” como uma amiga interpela a conversa.

Para E, existe uma necessidade das pessoas que frequentam essa bolha social viverem uma vida fútil. Quando pergunto sobre essa futilidade, ela me responde que parece que “tudo é meio falso”, gostam de se aparecer, bebem e fumam como um processo de aceitação. Perguntei se para elas parecia como se fosse um ritual, não entenderam a minha colocação, então expliquei se de alguma forma as ações, gestos, falas são repetidas de maneira similar em outras festas, riram um pouco e me afirmaram que sim, “parece que sempre estamos na mesma festa”, as mesmas ações simbólicas, perguntei, “parece que sim”, “bebemos”, fumamos”, “dançamos sempre as mesmas músicas”, “fazemos sempre os mesmos gestos” e “gostamos de beijar sempre os mesmos”.

O que vocês procuram? Fiz a pergunta na tentativa de compreender a real necessidade de algumas ações. Para a minha surpresa, foi unanime na mesa, identidade.

Na visão da E:

“Vivemos uma vida com muita pressão, buscamos atingir as metas que nos foram colocadas pelos nossos pais e pela sociedade, desde pequenas dizem que precisamos ser bem sucedidas, ganhar dinheiro, trabalhar muito, inventaram a ideia da meritocracia, mas estamos cansadas, professor, quando falamos para os nossos pais que estamos ansiosos ou com algum processo depressivo, simplesmente eles dizem que devemos parar de pensar nessas coisas, que não fazemos nada, apenas estudamos, por que estaríamos doentes. Já escutei da mãe da minha amiga que é psicóloga que depressão em adolescente é frescura, é falta do que fazer e de se preocupar com problemas de verdade. Acho que precisamos saber quem nós somos e não sabemos ainda, nem sabemos se queremos fazer medicina. E se eu quiser fazer filosofia, minha mãe não vai deixar, vai dizer que vou passar fome ou virar comunista, quem nós somos, professor?”

E afirma categoricamente que falta de identidade ou a busca por ela seria um dos fatores determinantes para o exagero nas festas, na bebida e no vape. “Minha amiga já fumou um vape de mil puxadas em um dia”, segundo a E, essa amiga estava passando por uma crise de ansiedade devido a uma nota de redação que recebeu de um vestibular da nossa cidade, “ela só tirava 920 ou 980 pontos na redação no cursinho, quando saiu o resultado do vestibular, tirou 500, quase morreu de tanto chorar”. Um escape para a decepção de receber um resultado muito aquém do esperado, foi fumar um vape de mil puxadas em menos de 24 horas, algo que

especialistas na área médica que conversei dizem ser muito arriscado. Para o cardiologista 1, essa pessoa poderia ter sofrido um ataque cardíaco, devido ao alto teor de substância cancerígena que ingeriu em um tempo muito curto, podendo colapsar o seu organismo.

Além do processo ritualístico do consumo de bebida e vape, E ainda me diz que existe toda a audiência para isso acontecer, aqueles que fumam se encontram em lugares específicos, mostram os seus vapes, as novas marcas, fazem troca de contato de onde compraram e gostam de “se mostrarem”, “o meu vape é mais tecnológico que o seu”. Questionei a ideia de tecnologia, foi quando uma das amigas retirou da sua bolsa uma caneta e me mostrou, “parece uma caneta, né, professor?”, disse que sim, “então, não é!”. Foi quando ela girou a caneta para a direita e pude ver que acendeu uma luz verde perto do seu dedo, então puxou ali na minha frente o seu vape, me entregou depois de virar novamente para a esquerda e me falou, “tenta liberar aí, professor”, peguei o vape, virei para a direita e nada aconteceu, virei para a esquerda e nada ainda, tentei mais uma vez e uma luz vermelha acendeu, perguntei o que era. Então começaram as gargalhas e neste momento fui informado que o vape não tinha reconhecido a minha digital, este produto possuía reconhecimento biométrico, e que a minha digital não estava cadastrada, estão se tentasse usar, seria apenas uma caneta mesmo, bem elegante e discreta. Falei que logo fariam um vape com bluetooth, riram novamente, me disseram que já existia, não era muito prático, mas que já existia e que seus amigos gostam de ostentar nas festas.

Percebi que as amigas da E fazem parte de um grupo que busca a sua identidade como indivíduo social gastando o dinheiro dos pais, gostam do luxo, das festas, da “curtição”, mas ao mesmo tempo, segundo elas, trocariam alguns destes momentos por tempo de qualidade com os seus pais e criando memórias. Segundo a E, suas amigas seriam frutos do meio em que vivem, foram ensinadas a se comportarem dessa forma, disseram que essa interação ou a busca por ela seria a única forma de serem aceitas em uma sociedade competitiva e controladora, então reproduziam o que veem, escutam e sentem com relação aos outros e a elas.

A amiga de 23 anos (chamarei assim para facilitar a narrativa) me confidenciou que está viciada, não consegue parar de usar o vape, que em um único mês já gastou mais de dois mil reais em def's para ela e para as amigas, me relatou que em alguns momentos ela se sente um pouco abandonada pela família e que gostaria de

demonstrar quem ela realmente é, mas que, na família, todas as vezes que tentou chorar perto da mãe ou se abrir com seu pai, foi chamada de mimada e vulnerável, que a sociedade não aceita pessoas “deste tipo”, precisaria mudar seu hábito para ser aceita em uma sociedade de líderes. Segundo ela, se esconde nos def's e em relacionamentos que não fazem sentido, disse que em uma única festa beijou uns “dez caras”, não se arrepende, mas entende que suas ações são bem perigosas e que está tentando substituir a sua carência pelo vício e relacionamentos fúteis, “um dia posso passar o limite aceitável e fazer alguma besteira”.

Para E e suas amigas, a vida de festa em festa é apenas uma tentativa desesperada de se sentir parte de algo maior, que fala mais delas do que das outras pessoas.

Quando parecia que o assunto estava quase encerrado, a E resolveu, após aprovação de suas amigas, me relatar como foi a última festa de que elas participaram. Regado a muito whisky, cocaína, maconha e claro os def's. Me disseram que na entrada da festa, realizada em um condomínio de luxo de Campo Grande, existia uma mesa onde vários def's estavam liberados para os convidados, era só pegar qual você quisesse “e pronto”, todos eram de cinco mil puxadas, então cada convidado pega um e ficaria a noite toda com ele, “tinha vários sabores, alguns bem estranhos, tipo, arco-íris, unicórnio, nuvem, felicidade, sexo e por aí vai”. Depois que os convidados pegavam o seu def, podiam curtir tudo que estava liberado no bar, inclusive as doses de whisky, “caríssimo”, segundo elas. O tema da festa era halloween, os convidados estavam fantasiados e “aqueles que serviam estavam usando roupa preta com a máscara do filme pânico”. Em certo momento da festa, se você quisesse, poderia ir ao banheiro e encontrar um “kit”, segundo as meninas, ficava alguém vestido de preto com máscaras do pânico no banheiro feminino e masculino. Essas pessoas estavam ali para te ajudar no que fosse preciso, “retocar a maquiagem”, “dar um remédio”, “ajudar com alguém passando mal” ou te ajudar a escolher no kit o que você iria usar. Se fosse cocaína, teria que ser no banheiro mesmo, na bancada, que era limpa constantemente; se fosse maconha, era só pegar, acender no banheiro e poderia fumar lá mesmo ou no salão da festa, era “bem tranquilo”.

Então perguntei se elas sabiam quem tinha fornecido os vape's e o kit, afirmaram que não sabiam, mas me disseram bem diretamente, “mesmo que

soubesse não contaríamos, professor, você é confiável, mas nem tanto!”, voltaram a gargalhar muito. Na realidade, o meu interesse em saber o fornecedor era simplesmente para ter certeza se quem tinha vendido era a C e que, se talvez essa teria sido a “day party” dela, mas como relatei anteriormente, a minha investida não obteve sucesso.

A narrativa da festa continuou em meio a comas alcoólicos, desmaios, brigas e quase uma overdose, alguém misturou energético, destilado, vape e cocaína, teve uma convulsão, foi rapidamente atendido por um dos estudantes de medicina da festa, que estava presente para ser o “médico” responsável, mesmo cursando ainda o quinto semestre de medicina. Não chamaram a ambulância ou falaram com um médico, quando o rapaz acordou, “mais ou menos”, segundo a E, colocaram em um *uber* e foi enviado para a casa. Ele chegou bem, não lembra do que aconteceu, mas no curso de medicina de uma faculdade particular da cidade, ficou famoso por sua quase overdose, a sua quase morte é motivo de comemoração nas festas que frequenta.

Fica nítido que, na narrativa da E, existe um grito de pedido de ajuda pelas meninas, a necessidade de interação social, a passagem pelas cerimônias e rituais das festas na busca pela ação simbólica do pertencimento fica evidente em sua fala. A ausência de referencial concreto humano faz com que elas busquem, no exagero, o complemento que falta em suas relações reais.

Infelizmente, no próximo capítulo, narrarei as histórias e lutas de muitos amigos da E das festas, que em momentos de vulnerabilidade e desconstrução do seu ser, irão lutar com os diagnósticos de doenças pulmonares, alguns não resistirão e outros passarão por um momento intenso de depressão. Querem se isolar, não querem que saibam da sua doença e muito menos estão dispostos a mudar seus velhos hábitos, experimentarão o que o Goffman chama de “máscara caída”, momento onde as perspectivas e sonhos serão trocados por medo e solidão.

2.2.4. “Status, status e status”

G. 25 anos, estudante (pré-vestibular)

“Comprava com um amigo, hoje não uso mais. O vestibular é uma droga, professor, deixa a galera bem ansiosa, comecei por causa da minha ansiedade com o meu curso, escolhi o curso mais concorrido do Brasil, a droga da medicina, prestei vários vestibulares e o ENEM, não conseguia passar, comecei a usar o POD para controlar a minha ansiedade e não pirar, meus pais não colocam pressão em mim, minha família tem condição de me sustentar, temos dinheiro, minha família tem tradição no agronegócio, dinheiro não é problema para pagar a minha vida em Campo Grande, muito menos o cursinho. Já fiz vários em CG, hoje optei por cursos paralelos, escolho o professor que gosto e as disciplinas que preciso mais, faço os meus horários e estudo de casa, não preciso mais frequentar toda aquela rotina de escola e por isso posso usar o POD quando e onde quiser, minha família sabe, meus pais apoiam, dizem que é melhor do que maconha. Hoje eu percebo que muitos dessa galera nova que usa, usa por status, é moda usar, a galera vai nas festas, nos rolês, e usam sem se preocupar com nada, compartilham o POD e o VAPE, compram essências novas, diferentes e dane-se, não estão nem aí para as consequências. Percebi que estava viciado quando acordava e, antes de tomar café da manhã, já tinha que usar, não saía de casa sem o POD e meu celular, já tinha virado rotina, hoje eu parei, ou melhor, uso bem menos, não parei totalmente. Só em festas para não ficar de fora das rodinhas, só por status mesmo.”

Conheci G após perguntar para alguns interlocutores sobre quem promovia as festas que frequentavam e como era feita a seleção de nome nas listas, me indicaram falar diretamente com um dos “maiores” promotores de festas privadas de Campo Grande, o G.

G possui a aparência de um estudante de ensino médio de classe média-alta, todavia já possui 25 anos de idade e frequenta cursos paralelos²², deseja cursar medicina, mas não se cobra muito como ele mesmo me diz. “Não preciso me matar de estudar, meus pais entendem que o curso é difícil e que eu preciso levar o meu tempo para entrar na faculdade”, argumenta, tentando estabelecer o porquê de ainda frequentar as aulas e não estar na faculdade.

Quando pergunto quando e como começou a fazer as festas, abre um grande sorriso e com muito entusiasmo começa o seu relato, entre um gole de cerveja, uma “puxada” no seu vape, vai me narrando as suas aventuras em meio ao campo competitivo de promoção de festas. Segundo ele, tudo começou quando um colega precisava de um lugar para fazer uma festa de aniversário, os pais estavam viajando

²² Cursos onde o aluno pode comprar apenas a disciplina que deseja, pode optar por fazer vários cursos na modalidade presencial e/ou on-line e escolher o professor com que queira estudar. É uma modalidade muito procurada por alunos que já estudaram em cursinhos pré-vestibular, mas agora desejam selecionar as disciplinas que possuem maior dificuldade.

e não poderia realizar a sua festa em casa. G então ofereceu o salão de festa do condomínio onde mora, o amigo prontamente aceitou a oferta e disse para G que pagaria uma comissão devido ao aluguel do salão. G relata que não aceitou, o valor era bem irrisório, “queria me dá cem reais”, para ele seria como uma “esmola” receber esse dinheiro. Mas a festa não ocorreu como o esperado.

Alguns imprevistos aconteceram no decorrer da festa, o amigo do G convidou um número considerável de pessoas que excedia o limite suportado pelo salão, as bebidas logo acabaram e ficaram sem gelo logo na primeira hora da festa.

“ia ser um desastre, tive que intervir para ajudar o meu amigo, como tenho um cartão de crédito com um limite considerável, comecei a fazer ligações, aluguei uma tenda, um freezer com muitas bebidas, contratei alguns garçons para servirem e ainda consegui uma atração ao vivo, liguei para um outro amigo produtor e pedi para ele me indicar uma dupla sertaneja. Consegui resolver todos os problemas da festa em menos de duas horas. A festa que iria durar apenas quatro horas, durou mais oito e ainda ficou com aquele gostinho de quero mais”.

Segundo o G, quando a festa acabou, fizeram a conta dos gastos e prejuízos, e cobrou cinco mil reais de comissão pela organização e “resolução de problemas e conflitos”, não foi surpresa que ele recebeu a sua comissão e percebeu naquele momento que tinha recebido um valor considerável de comissão para organizar uma pequena festa de aniversário. “Foi neste momento que percebi que poderia fazer algumas festinhas de fim de semana e levantar alguma grana extra”.

Com o passar do tempo, depois de festas e mais festas de fim de semana, nos mais diversos lugares em Campo Grande, o G começou a cobrar pelo nome na lista, exigia pagamento antecipado e resolveu acrescentar um “algo a mais” para os seus clientes, foi quando ele decidiu procurar algumas pessoas que vendiam vape para oferecer em suas festas. “Tudo depende do combinado, professor. As vezes abro a festa para a empresa vender, outras vezes compro para entregar como brinde, se sobrar, eu mesmo vendo”. G nunca teve nenhum problema com as autoridades, para ele é algo comum, “não faço nada de errado”, a ideia de certo ou errado para este grupo social ultrapassa o limite do utilitarismo.

Para G, ele está apenas se divertindo, “aproveitando o momento”, não precisa de dinheiro extra para o seu sustento, mas não ignora a possibilidade de usar as festas para ganhar um “dinheiro fácil de fim de semana”. A relação de G com o vape está muito relacionada com o seu grupo social e a sua bolha econômica. Começou como um usuário individual e depois transformou em um negócio muito rentável. Me garantiu

que suas festas não frequentam menores de idade, toda a bebida é legalizada e que apenas os def's não possuem regulamentação, mas que ninguém se importa com isso.

A construção da narrativa do G está repleta de elementos de interação social, é conhecido pelas festas intimistas, pela qualidade dos produtos, pela segurança do local, pelo valor altíssimo cobrado pelo nome na lista, a sua vaidade é massageada quando eu pergunto como ele se sente em ser conhecido como um dos melhores promotores de festas com vape em Campo Grande? Ele então olha para um lado, olha para o outro, acena com a cabeça e com um sorriso no rosto me diz, “um dos melhores não, o melhor”, começa a gargalhar e se contorcer na cadeira.

Segundo o G, ele já usou muito o vape e o pod, já se considerou viciado, hoje não usa tanto, apenas para fazer uma “social com os amigos”, mas ele define e conclui que o comportamento abusivo do uso de def's está relacionado com o status que ele promove, “cigarro é para pobre, maconha para viciados e o vape para a elite”, define como entende o uso exacerbado pelos jovens de hoje.

É nítido que para G o vape faz parte de uma parcela de seus negócios, atende um público que ele mesmo gosta de chamar de elite e que de alguma forma interagem por meio das festas e aproveitam esse momento para abrir a “fresta da liberdade que alguns não podem ter em casa, professor”.

“Entendo que é perigoso e que hoje é errado, mas logo legaliza e fica tudo bem”, a justificativa é uma parte constante da sua narrativa, espera sempre que possa defender suas ações esperando uma resposta positiva da ANVISA e do Governo, está ansioso pela liberação.

Encerro a nossa breve conversa, e G se despede me dizendo – “vou estudar, ainda quero ser médico e, quem sabe, ajudar os meus amigos viciados”.

2.2.5. “Disney”

S, T e U são três alunas que conheci no cursinho, são meninas bem dedicadas aos estudos, querem prestar vestibular para medicina, estudam juntas há muitos anos e hoje se denominam como melhores amigas. Além de frequentarem o mesmo cursinho, frequentam também a mesma igreja, são cristãs, de uma denominação bem

tradicional do protestantismo. Segundo elas, já participaram de todas as fases de catequização da escola bíblica, como seus pais também são amigos, frequentam a mesma igreja desde criança e sempre estão uma na casa da outra.

Para a T, a viagem que fizeram para a Disney foi um divisor de águas na vida e na amizade delas, foi lá que compraram e usaram pela primeira vez. Para a U, foi um “grito de liberdade”.

As meninas começam a me relatar que foram criadas em uma igreja muito tradicional, onde tudo o que é feito fora da igreja seria algo errado, seria pecado, então, para elas, não tinham liberdade de fazerem o que as suas amigas da escola e depois do cursinho faziam, não frequentaram as festas de quinze anos das amigas da escola, não podiam dormir em casas que não fossem uma da outra e sempre possuíam uma agenda cheia com os eventos da igreja. Aos sábados à noite, culto de jovens, domingo pela manhã, escola bíblica, domingo à noite culto, ainda participavam de pequenos grupos que se reúnem semanalmente nas casas dos membros da igreja para discutirem o sermão do domingo anterior, sem contar os ensaios de coral, teatro e dança que todas elas participavam. Segundo a S, “não tivemos tempo para sermos crianças e não temos tempo para sermos jovens”, “tudo que fazemos está direcionado para a igreja”, reclama a T.

Como tudo começou?

S. 18 anos, estudante (pré-vestibular):

“Comecei a usar em 2022. Compro com um amigo, aplicativo ou na tabacaria. A primeira vez que vi foi em uma viagem que fiz com os meus amigos para os Estados Unidos, fomos para Orlando na Flórida, naquelas viagens para “conhecer” a Disney. Já era a terceira vez que ia para Disney, mas era a primeira que ia sem meus pais e ia sozinha com os meus amigos. Uma amiga, na viagem, resolveu comprar um vape lá na Disney mesmo, tinha umas pessoas que vendiam e tinha muita gente usando, para onde você olhava tinha pessoas usando, então resolvemos comprar e usar no hotel. Mas a agência de viagens não podia saber, era proibido qualquer tipo de fumo, inclusive eletrônico, então compramos e fomos usar no quarto, não era nada de mais, apenas vapor com sabor, foi bem legal e tranquilo, e usei bem de boa, mas a T usou quase tudo, compramos dois de 100 puxadas, e a T quase usou um sozinha em um única noite, estava bem exagerada naquele dia. Depois que voltamos para o Brasil, uso bem pouco, só quando saio para festas ou com os meus amigos. Meus pais nem podem saber”.

T. 18 anos, estudante (pré-vestibular):

“Comecei a usar em 2022. Compro com um amigo, aplicativo ou na tabacaria. Usei com a S nos Estados Unidos, compramos na Disney, usei muito nessa viagem, se ela disse que eu exagerei naquele dia, é a pura verdade. Sou de família cristã evangélica,

nunca fiz nada de errado na minha vida, sempre esperando algo acontecer, naquele dia, queria fazer tudo o que não podia, as meninas me seguraram um pouco, mas pelo menos o vape eu usei muito mesmo, não me arrependo. Minha mãe nunca me deixou fazer nada, hoje eu uso escondido, e uso o pod ainda, com refil de maconha também. Minha mãe é muito chata, não me deixa fazer nada, hoje ela nem desconfia que fumo pod, na realidade ela nem sabe o que é de verdade”.

U. 19 anos, estudante (pré-vestibular)

“Comecei a usar em 2022. Compro com um amigo, aplicativo ou na tabacaria. Na viagem que fiz com a S e a T para os Estados Unidos, o meu namorado também foi, fiquei com as meninas no quarto e foi ele quem comprou o vape para nós. Queríamos fazer algo diferente, nós nos conhecemos desde criança, acho que desde os 5 anos mais ou menos, estudamos sempre juntas e fomos criadas na mesma igreja. Nos Estados Unidos, foi tipo um grito de liberdade, fazer o que quiser sem os pais, pastores e líderes por perto, ser você mesma, foi isso que fizemos, não queríamos usar drogas. Hoje a T usa, mas na época era apenas diversão e curtição entre amigas em outro país, lembro que disse para as meninas no avião indo para os Estados Unidos, “o que acontece nos Estados Unidos fica nos Estados Unidos”, demos muitas risadas, mas era só brincadeira inocente, sem problema nenhum. Depois daquele dia, eu não usei mais, a S usa de vez em quando, mas a T usa todos os dias, às vezes ela sai do culto para fumar no banheiro da igreja, ela já até perguntou para o pastor de jovens se usar vaporizador era pecado, quando ela explicou para ele o que era e do jeito dela, ele falou que não, mas ela não falou da essência de maconha e do refil comprado no Paraguai. Fico com medo dela pirar e acabar usando outras drogas, tipo maconha ou cocaína. Você acha que o vape pode ser uma porta para outras drogas, professor? Na minha opinião, eu acho que é, fico morrendo de medo dela se perder e se desviar dos caminhos de Deus, pensa se isso acontece? Vai ser por minha causa e do meu namorado, eu que insisti para ele comprar, “Deus me livre”, “cruz credo”.

Quando pergunto por que escolheram os Estados Unidos para se aventurarem no uso de def’s, a resposta foi unanime, “estávamos longe de nossos pais e queríamos fazer algo diferente”, o fazer algo diferente pode ser traduzido como romper todos os limites que já foram colocados para elas. Para as meninas, o uso de def’s não significaria interação social, “ninguém pode saber” que usaram, não se traduz em estabelecer novos vínculos e ainda desenvolver uma construção de novos laços afetivos, pelo contrário, quem deveria saber estava participando do seletivo grupo de três amigas, e quem não deveria saber foi prontamente deixado de lado, outros amigos, o namorado da U, os pais, os líderes da igreja, a congregação e até mesmo Deus, que dentro daquele quarto de hotel não foi convidado para participar do momento de quebra de barreiras religiosas.

Percebo que, para as meninas, o significado é outro, na realidade querem fazer parte de um grupo, o grupo que durante anos lhes foi negado a chance de participar, o grupo que está além das quatro paredes do templo religioso, que está além dos dogmas e das doutrinas ensinadas domingo após domingo no púlpito pelos pastores

de sua congregação. Ao mesmo tempo, não querem deixar a igreja, são beatas, esperam ser recompensadas pelos dias que se furtaram de festas e eventos considerados “mundanos”, querem o paraíso, temem a Deus, se declaram escolhidas. Mas precisavam passar pela ritualística, segundo elas, “todo jovem deseja passar”, mas a escolha de ficar é individual, depende de cada um. Não querem ser reconhecidas pelos de fora, já são reconhecidas por elas mesmos e, pelos de dentro, almejam respeito.

O rompimento com as interações sociais, além do convívio religioso pelas meninas, fez com que elas desejassem apenas o mínimo de convívio social com os de fora da igreja. Na realidade, querem levá-los para a igreja, querem a conversão de cada amigo, mas não se importam de viverem apenas elas três e, de vez em quando, romper com uma regra social religiosa ali e outra acolá.

Não desejam construir um grupo além do que já possuem, mas não desejam perder as experiências que já conquistaram, estão, na realidade, buscando um meio termo, “a justa medida entre o excesso e a falta”, dispara S, lembrando a frase do filósofo Aristóteles.

3. ANTROPOLOGIA E DESENHO

3.1. Sentimentos e emoções.

Michel Taussig é um antropólogo social conhecido por sua abordagem inovadora e influente em relação à antropologia visual e ao uso do desenho na pesquisa antropológica, argumenta que o desenho desempenha um papel fundamental na antropologia.

O desenho permite aos antropólogos representar visualmente aspectos da cultura e da experiência humana que podem ser difíceis de capturar apenas com palavras ou fotografias. Ele acredita que o desenho é uma forma poderosa de visualização que pode ajudar a transmitir nuances e complexidades culturais que podem ser perdidas em outros tipos de representações.

Taussig argumenta que o ato de desenhar envolve uma relação tátil e corporal com o objeto ou fenômeno que está sendo representado. Isso pode levar a uma compreensão mais profunda e sensível da cultura e das experiências das pessoas.

O desenho também pode ser uma forma de envolvimento subjetivo com o campo, permitindo que os antropólogos expressem suas próprias percepções, emoções e experiências durante a pesquisa. Isso pode enriquecer a compreensão da cultura e das relações entre pesquisador e sujeitos.

O desenho pode ser uma maneira de resistir à objetificação das culturas estudadas. Em vez de tratar as culturas como objetos distantes e separados, o ato de desenhar pode criar uma relação mais íntima e participativa com as pessoas e seus contextos culturais.

O uso do desenho na pesquisa antropológica também pode promover a reflexividade, ou seja, a capacidade do antropólogo de refletir sobre seu próprio papel, perspectivas e preconceitos na pesquisa. “Uma linha desenhada é importante não tanto pelo que registra, mas pelo que te leva a ver” (TAUSSIG, 2011).

John Berger foi um crítico de arte, ensaísta e romancista britânico conhecido por suas reflexões sobre arte e cultura. Berger abordou a arte e o desenho de maneira crítica e filosófica, e suas ideias podem ser aplicadas à antropologia.

Berger argumentava que o ato de desenhar envolve uma observação profunda e cuidadosa do mundo ao nosso redor. Esse tipo de observação também é fundamental na antropologia, em que os pesquisadores precisam observar e compreender as culturas e as pessoas que estudam. O desenho pode ser visto como uma maneira de treinar a percepção.

Assim como a antropologia busca representar e narrar as experiências das pessoas em diferentes culturas, o desenho pode ser uma forma de representação visual que contribui para essa narrativa. O ato de desenhar pode ajudar a contar histórias sobre as pessoas e os lugares que os antropólogos estudam.

Berger também estava interessado na subjetividade na arte, argumentando que nossa perspectiva e experiências pessoais influenciam a maneira como vemos e representamos o mundo. Da mesma forma, os antropólogos reconhecem a importância de sua própria subjetividade na pesquisa de campo e na escrita etnográfica. O desenho pode ser uma maneira de explorar essa subjetividade.

A arte, incluindo o desenho, muitas vezes serve como uma forma de diálogo intercultural. Ela pode ser uma linguagem universal que transcende as barreiras culturais. Da mesma forma, os antropólogos buscam estabelecer um diálogo intercultural com as comunidades que estudam, e o desenho pode ser uma ferramenta para facilitar essa comunicação.

Embora Berger não tenha se concentrado especificamente na antropologia, suas ideias sobre o desenho e a arte oferecem insights valiosos sobre como o ato de desenhar pode ser relacionado à observação, representação, subjetividade e comunicação cultural. Essas conexões podem ser exploradas e aplicadas pelos antropólogos que desejam usar o desenho como uma ferramenta em sua pesquisa e escrita.

Assim, para Berger (2005), o significado de um desenho não está indissociável das condições em que foi produzido. Um desenho de uma árvore, por exemplo, não seria somente uma simples árvore, mas uma “árvore-sendo-olhada” (p.71), “um registro autobiográfico da descoberta de um evento – visto, lembrado ou imaginado” (p.3).

“Não é simplesmente uma questão de antropólogos que analisam os desenhos de seus informantes, mas de aprender através de suas imagens sobre como eles

sentem, veem e experimentam o mundo” (PINK, 2004, p.9). Entendo que o desenho, em meu trabalho, é uma parte importante para expressar como os meus interlocutores “se viam” ou “se sentiam” em relação ao turbilhão de sentimentos e emoções que passavam quando descobriram ou foram informados que, devido ao uso do *vape*, estavam doentes e que a perspectiva não era das melhores.

A ideia do desenho surgiu quando estava acompanhando um dos meus interlocutores em uma das suas consultas médicas. Já tinha mais ou menos cinco meses que ele tinha apresentado um caso de pneumonia muito severa, que, após uma intervenção clínica, foi diagnosticado com *EVALI*. Após alguns momentos de muita tensão, choque e revolta, ele me olhou e me perguntou o que iria fazer agora? Respondi que não era momento para perguntas ou achar um culpado, mas que precisava conversar com seus pais e procurar o melhor tratamento que fosse possível. Nesse momento, ele arrancou uma folha de um caderno que estava na mesa ao lado do balcão de atendimento da secretária da clínica e, com os olhos cheios de lágrimas, mas contendo o seu choro, começou a fazer alguns rabiscos e contornos com uma caneta esferográfica azul. No primeiro momento, não conseguia discernir qual o tipo de desenho ele estava fazendo, mas, com o passar do tempo, ele foi ganhando forma e significado. Quando ele terminou, esticou seu braço em minha direção e disse: “Toma, é assim que me sinto agora, se quiser, pode colocar isso no seu trabalho”. A imagem que vi é esta da figura 1.

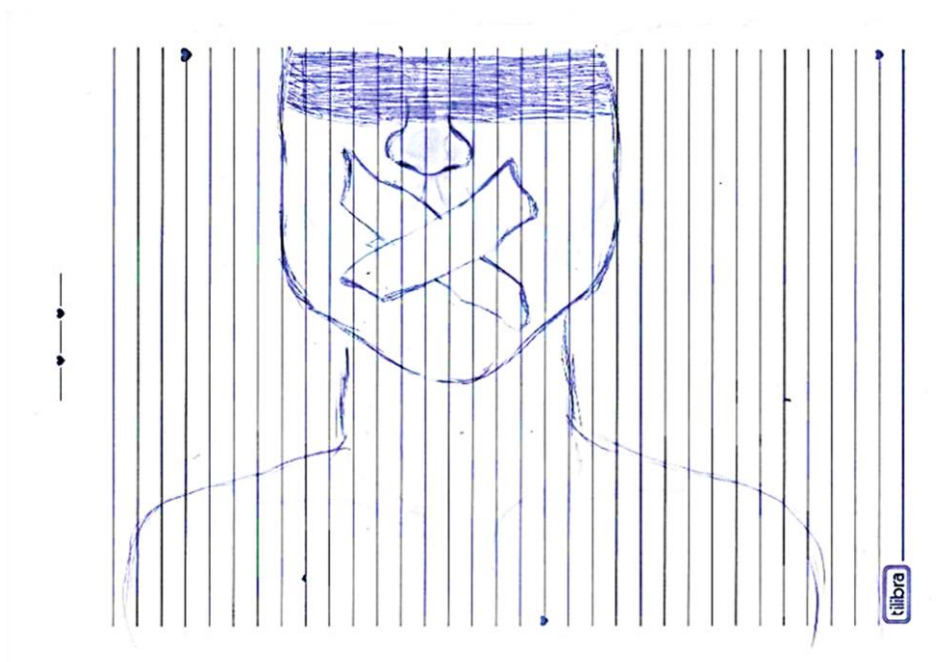


Figura 8 - Feito na recepção do consultório médico após receber a notícia que estava doente. (B1, 20 anos).

Quando perguntei o que significava, ele me respondeu: “Significa que estou decepcionado comigo mesmo, quero gritar e não posso, estou com medo, amordaçado, não consigo ver perspectiva na minha vida, não consigo pensar no meu futuro, não consigo pensar”. (B1, 20 anos).

Percebi que ele se sentia impotente mediante a situação e ao diagnóstico, estava procurando um culpado e mais tarde me confidenciou que sabia quem era o culpado, segundo ele, “sou eu mesmo, professor, não devia ter começado a fumar o *vape*”. Mas como culpá-lo? Ele entrou na “onda” dos seus amigos, achava que não era prejudicial para a saúde e, por diversas vezes, me enviava artigos e reportagens de sites que falavam dos benefícios de usar os def’s em detrimento ao cigarro comum.

Certo dia, B1 me ligou e perguntou se no meu trabalho poderia acrescentar mais desenhos, disse que tinha começado o tratamento e que conversou com outros pacientes sobre como eles se sentiam após receber o diagnóstico, me relatou que, após alguns minutos de conversa, pediu para eles fazerem um desenho de como se sentiram no momento que receberam a notícia e, para o espanto dele e depois o meu, C1 e D1 fizeram um desenho muito parecido com o dele.



Figura 9 - Representação do sentimento de receber o diagnóstico ocasionado pelo uso de *vape*. (C1, 19 anos).

A impressão que tive quando recebi as fotos por e-mail, foi de que C1 e D1 estavam passando pelos mesmos sentimentos de B1, decepção, desespero, medo e aflição pela incerteza do futuro, como posteriormente me foi relatado.

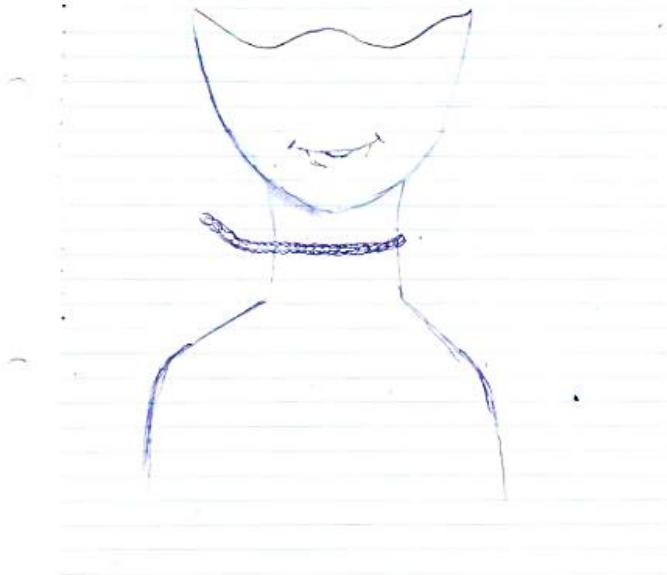


Figura 10 - Representação do sentimento de receber o diagnóstico ocasionado pelo uso de vape. (D1, 19 anos).

É incrível como os três desenhos possuem uma semelhança e características bem marcantes. Após receber os desenhos, pedi para B1 marcar com C1 e D1 uma conversa sobre os seus sentimentos. Para minha surpresa, quando cheguei à padaria que marcamos, C1 e D1 eram meus ex-alunos do ensino médio, cursavam faculdade no momento e estavam preocupados com o futuro. Não sabiam nem imaginavam como seria o tratamento, nem se conseguiriam “sair dessa”, como C1 sempre enfatizava, sem alguma sequela. Como expliquei nos capítulos anteriores, os meus interlocutores vivem em uma bolha social muito específica e, por vezes, até bem limitada, C1 e D1 conheciam o A1, sabiam que estava passando por dificuldades com a respiração e que precisava de um transplante, possuíam muito medo em passar pelo mesmo problema clínico. A conversa que tivemos foi antes do óbito do A1. No dia do velório do A1, reencontrei o B1, C1 e o D1, estavam tristes, inconformados e com medo de serem os próximos. Nesse mesmo dia, encontrei vários outros interlocutores, todos muito assustados.

Após a minha conversa na padaria com C1 e D1, perguntei se eles sentiam a necessidade de expressar o que estavam passando por mais algum desenho ou por poemas. Quando disse poemas, estava pensando na C1, era muito criativa e sempre escrevia muito bem na sala de aula, gostava de demonstrar seus sentimentos por meio

das palavras e era uma exímia escritora, mas ela me disse que estava em um novo momento e que preferia mesclar o desenho com algo que pudesse escrever também, então disse que ficassem à vontade para desenhar e escrever o que quisessem sobre esse momento de tratamento.

Foi quando o B1, cheio de ideias, me perguntou se eu não queria conversar com outros pacientes em tratamento por causa do *vape*, foi quando percebi que o meu problema e objeto estava se delimitando e que poderia dar voz para alguns que não queriam ser reconhecidos, mas que estavam, naquele momento, passando por um sofrimento, cheio de dúvidas, que somente eles poderiam expressar.

Encontrei, alguns dias depois, um grupo de 15 jovens, contando com o B1, C1 e D1 que estavam dispostos a contar, escrever e desenhar sobre os seus sentimentos, angústias, medos e decepções. Surgia, nesse momento, de maneira muito fluida e sem nenhuma preparação prévia, o capítulo mais importante da minha dissertação, em que, nestas linhas, poderei detalhar um pouco os sentimentos daqueles que foram surpreendidos com um diagnóstico (EVALI, pneumonia aguda, síndrome respiratória aguda ou qualquer outra doença respiratória ocasionada pelo *vape*) e tiveram que, de alguma maneira inesperada, “colocar os pés no chão” para avaliar quais seriam as alternativas viáveis.

Enquanto conversava com esse novo grupo de jovens sobre a sua nova realidade, recebi um pequeno bilhete, foi entregue pelo B1, mas quem escreveu tinha sido um amigo em tratamento, o E1, de 19 anos de idade. Quando desdobrei o papel que estava marcado e até meio sujo, pude ler as seguintes palavras:

“Sou forçado a acreditar que nos céus há um ser superior, porém, dos céus, só vejo a chuva caindo, feito minhas lágrimas, mais verdadeiro que este Deus que me impõe. Se queimarei por pensar assim, que seu inferno esteja preparado para a minha chegada” (E1, 19 anos).

Após ler o pequeno papel, pude interpretar como um pedido de ajuda e fiquei muito curioso para saber a sua história. Foi quando chamei o E1 para conversarmos. No primeiro momento, ele declinou da conversa, disse que estava ocupado, mas que iria gostar do que ele me apresentaria depois, falou que iria unir essa frase com um desenho e que ficaria muito melhor.

O B1 tinha comentado, de maneira prematura, que gostaria que eles fizessem desenhos e que seria uma forma de expressar os sentimentos, mas que seria muito bom para a minha pesquisa, e pude perceber que existia uma forma bem interessante

de cooperação com o meu trabalho, aqueles que estavam ali, queriam ser ouvidos e ansiavam por participar de algo que fosse de alguma maneira relevante para a vida deles.

Quando me voltei para perguntar se queriam comer ou beber algo, fui novamente surpreendido pelo E1, agora com o desenho e a frase de maneira completa, ele mesmo intitulou: “Crise na fé”, segue a figura 4.

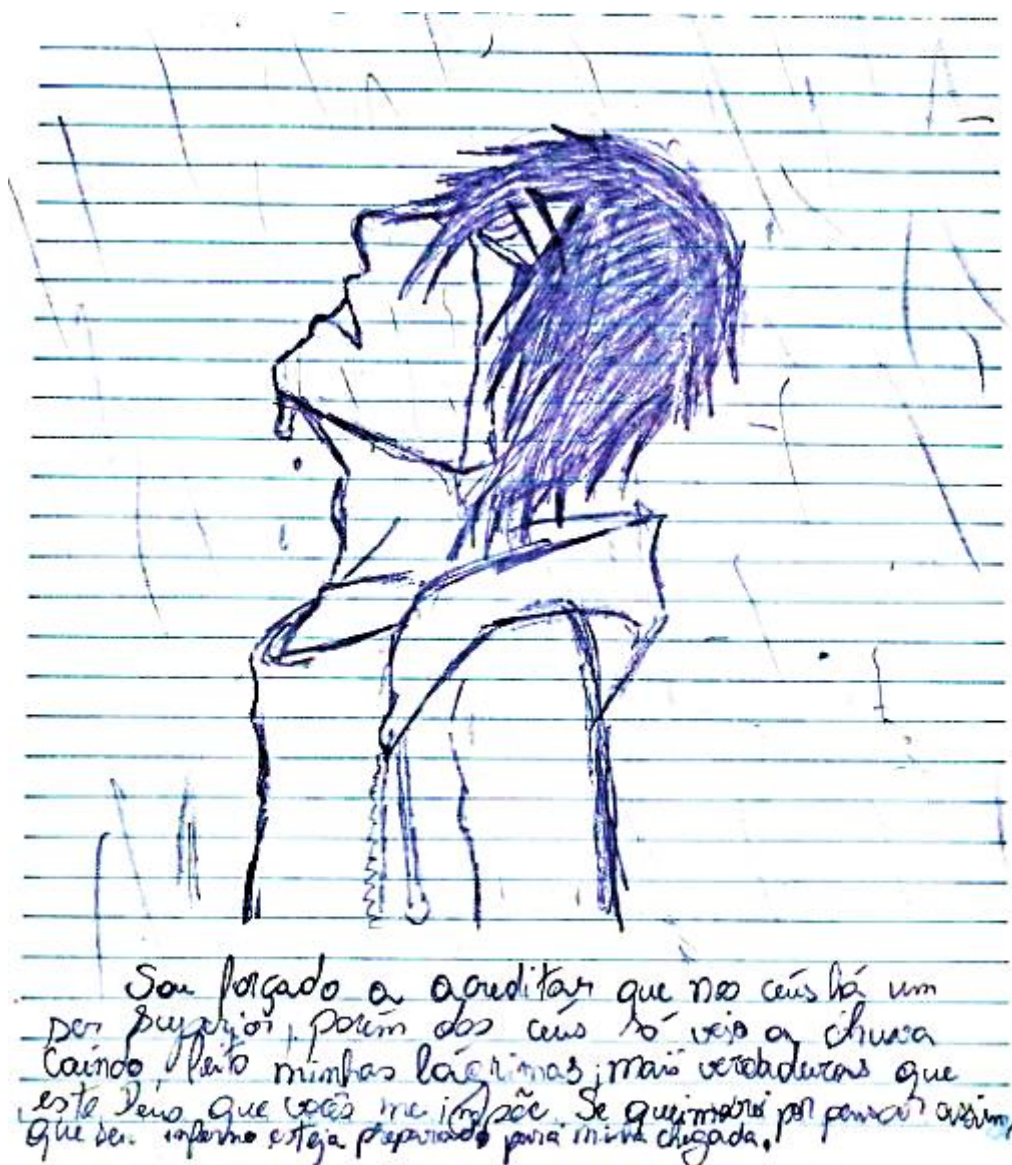


Figura 11 - "Crise na fé" (E1, 19 anos).

Interessante perceber como os desenhos retratam de maneira simples e coesa os mesmos sentimentos, e o quão forte eles representam o momento vivido por esses jovens, os traços delimitados, o “ar” de confusão e a demonstração de crise ficou muito evidente nos outros desenhos que recebi após algumas semanas de conversas, idas

e vindas ao médico. Sempre que podia e que eles queriam, acompanhava os meus interlocutores em suas consultas médicas, sempre com autorização dos pais (mesmo todos sendo maiores de idade) e respaldado pela indicação médica em vários casos.

Segue uma sequência de desenhos que recebi demonstrando os sentimentos e a confusão (emocional e racional) em que cada um se enquadrava. Encorajei que, quando me enviassem um desenho ou poesia, que explicassem ou colocassem um título para melhor compreensão dos leitores. Alguns seguiram a recomendação; outros quiseram apenas se expressar.



Figura 12 – “Confusão” (F1, 22 anos).



Figura 13 – “A vida não faz sentido mais” (G1, 18 anos - irmã do F1).

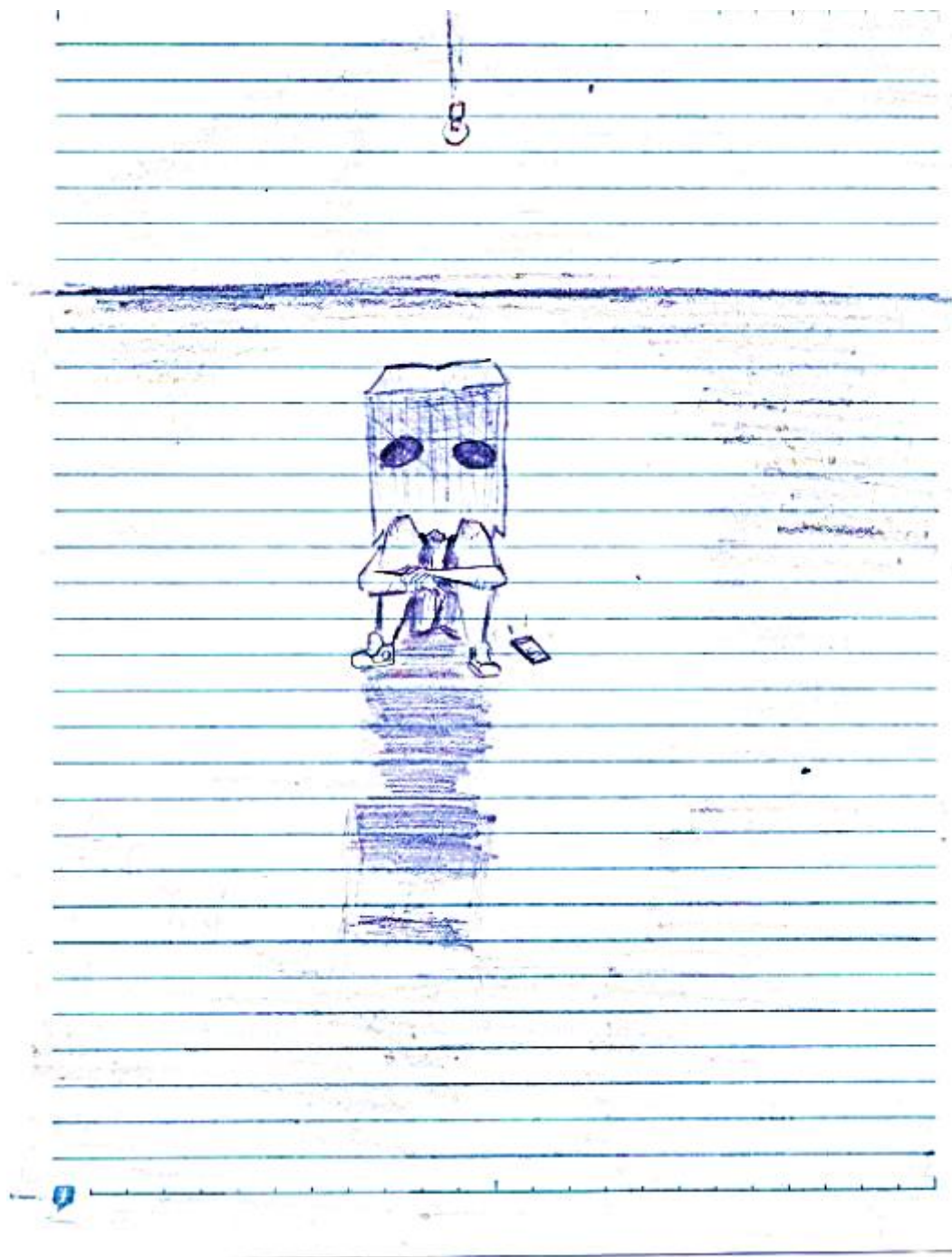


Figura 14 - "Sozinho, isolado e com vergonha" - (H1, 18 anos).

Taussig é autor de obras como "Defacement: Public Secrecy and the Labor of the Negative" e "Mimesis and Alterity", nas quais ele explora como desenhos, pinturas e outras formas de representação visual podem ser usados para acessar aspectos profundos e muitas vezes ocultos da experiência humana. Ele se concentra no que chama de "encantamentos" visuais que podem revelar conhecimentos culturais e emocionais.

Os encantamentos visuais podem revelar camadas de significado, emoção e complexidade que podem não ser prontamente aparentes na superfície da cultura ou da experiência. Eles podem penetrar na "superfície" e capturar aspectos mais profundos e ocultos da realidade.

Quando recebi pelo whatsapp a figura 8, intitulada "Minha vida", fiquei pensando se não estava "de frente" com um encantamento visual delimitado por Taussig, tamanho o sentimento expresso e a minha interpretação de dor que esse interlocutor estava passando. Qual aprovação ele desejava? Teve que se submeter a quais situações? Se sentia superficial? Estava em crise? Era hipócrita? Se tornou hipócrita?

Confesso que as perguntas aparecerem uma a uma em minha cabeça gerando um misto de confusão e dúvidas sobre como deveria me comportar mediante a estas situações.



Figura 15 - "Minha vida" - (sem identificação).

Foi quando me deparei com um pedido de socorro, em forma de desenho, que clamava como um grito de desespero e angústia de uma jovem de apenas 18 anos de idade que neste momento não sabia mais se queria viver ou preferia morrer para esquecer suas dores e aflições. Ela intitulou o seu desenho como “Socorro” (figura 9).

Na minha primeira interpretação, um claro pedido de ajuda, essa pessoa estava sofrendo e, pelas frases no desenho: “isso é falta de Deus!”, “quer chamar atenção?”, “você tem tudo porque tá reclamando?”, deixava bem evidente que necessitava de uma intervenção de um especialista.

Quando pedi para B1 o contato da I1, fui informado que ela estava em viagem, tinha ido para a praia com os seus pais e que depois veriam alguns familiares do interior do Estado de Santa Catarina.

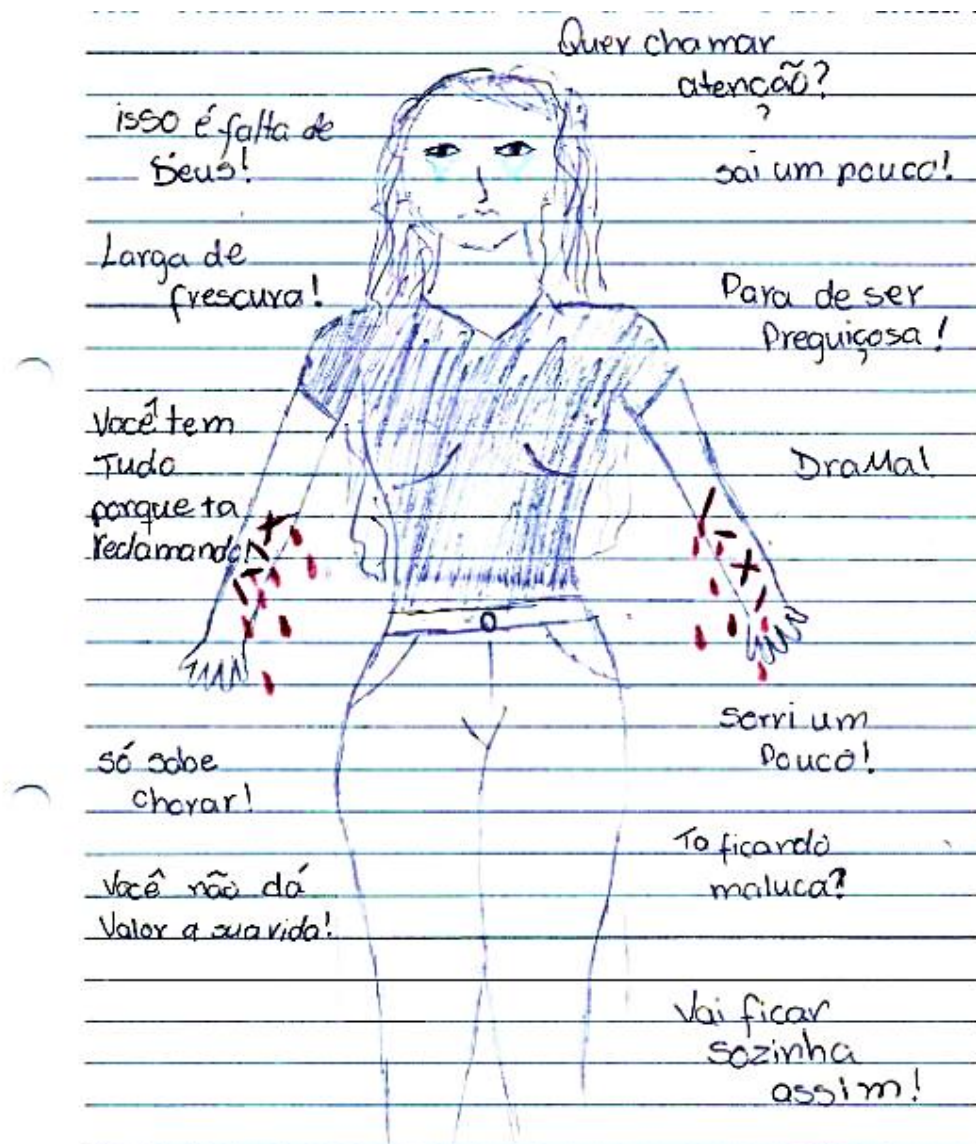


Figura 16 - "Socorro" (I1, 18 anos).

Confesso que fiquei bem apreensivo em saber que ela estava viajando e com muito medo de que ela pudesse aproveitar esse momento para tirar a sua vida. Conversei com uma psicóloga (amiga da minha família), não sabia como agir nessa situação, até que ponto a pesquisa precisa ser neutra ou posso me envolver no campo em situações como essa? Onde fica esse limite?

Enquanto questionava o meu possível envolvimento, recebi de B1 a figura 10, vindo direto de I1, que, em mensagem posterior, me relatou que conversou com seus pais sobre o que estava acontecendo e como ela estava reagindo ao tratamento, disse que seus pais a apoiaram, que se sentiram culpados e negligentes com a sua saúde mental, confidenciou que já estava em tratamento com um psiquiatra e fazendo terapia com um psicólogo, mas que ficaria morando em Santa Catarina para se sentir melhor e mais acolhida pela família, disse: “muito obrigada por me ouvir, me senti encorajada em procurar ajuda após ver meu primeiro desenho, espero que sua pesquisa seja um sucesso e que sua vida seja muito iluminada, beijos I1”.

E ainda explicou que agora via uma pequena luz de esperança que poderia mudar a sua vida e que o novo desenho deveria se chamar: “Renovo”.

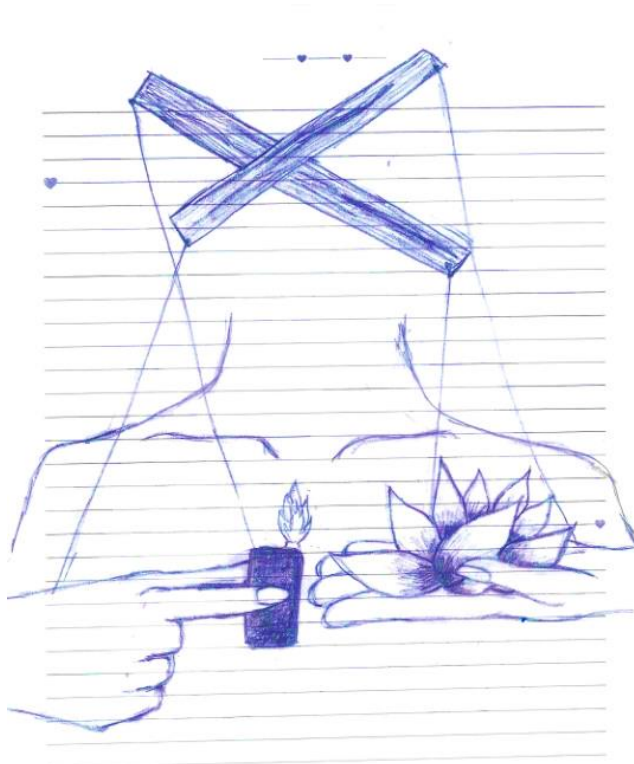


Figura 17 - "Renovo" - (I1 - 18 anos)

3.2. Crises e desabafos

Após um período recebendo os desenhos, começaram a chegar os textos, poemas, contos, reflexões, desabafos, muitos desses se valendo da licença poética para expressar o seu valor.

Os mais variados tipos, com os mais variados temas, sempre tentando enfatizar o eterno devir da vida, suas nuances, crises, falta de perspectiva ou até mesmo esperança em um futuro melhor.

Todos estes jovens estão tentando demonstrar de maneira singela e única como estão suportando o tratamento, os efeitos colaterais e alguns ainda me disseram o efeito da abstinência. Conversando com alguns psiquiatras e pneumologistas que atendiam os interlocutores, me disseram por várias vezes que o efeito da abstinência de *vape* pode ser igual ou pior que o efeito da abstinência de cocaína para algumas pessoas, tendo em vista os mais diversos produtos químicos que são tragados pelo organismo ainda sem contar o alto teor de nicotina que é extremamente viciante.

Acompanhando uma consulta de um interlocutor, percebi que ele estava muito ansioso, que sua mão não parava de tremer e que em alguns momentos ficava extremamente agitado.

No estudo “Uso de cigarro eletrônico e queixas cognitivas subjetivas em adultos”²³ de 2020, os autores Zidian Xie, Débora J. Ossip, Irfan Rahman, Richard J. O'Connor e Dongmei Li argumentam sobre a possibilidade de um aumento significativo de déficits cognitivos provocados pelo uso excessivo de *vape*.

Os dados apresentados são subjetivos, quando comparados ao uso de cigarro convencional, “a associação de vaping com queixas cognitivas subjetivas não foi estatisticamente significativa na faixa etária individual”. Para os autores:

Tanto os usuários duplos (Odds Ratio ajustado [ORa] = 2,07; Intervalo de Confiança [IC] de 95% = 1,66 a 2,60) quanto os vapers atuais que eram ex-fumantes (aOR = 1,94; 95% IC = 1,40 a 2,71) ou nunca fumaram (aOR = 1,96; 95% IC = 1,16 a 3,30) mostraram uma associação significativamente maior com queixas cognitivas subjetivas do que nunca usuários. Fumantes atuais (ORa = 1,49; 95% IC = 1,32-1,69) e ex-fumantes (ORa = 1,25; 95% IC = 1,11-1,41) apresentaram associação significativamente maior com queixas cognitivas subjetivas em comparação com nunca usuários. Comparados aos fumantes atuais, os ex-fumantes apresentaram menor associação com queixas cognitivas subjetivas (ORa = 0,84; 95% IC = 0,73-0,96). (Xie Z, Ossip DJ, Rahman I, O'Connor RJ, Li D (2020)).

²³ <https://journals.plos.org/plosone/article/authors?id=10.1371/journal.pone.0241599>

Concluem que “semelhante ao tabagismo, o vaping está associado a queixas cognitivas subjetivas em adultos dos EUA. Esses resultados fornecem evidências preliminares para uma associação transversal do vaping com potenciais efeitos cognitivos na saúde em adultos”.

Esses estudos são apenas uma amostra da pesquisa em andamento sobre a abstinência de *vape*. É importante notar que os efeitos da abstinência podem variar de pessoa para pessoa e podem depender de vários fatores, como a frequência e a duração do uso de cigarros eletrônicos, bem como a sensibilidade individual à nicotina.

Após um período recebendo poemas, textos e reflexões sobre como estavam se sentindo após o diagnóstico, fiz uma pequena seleção daqueles que, conversando diretamente com os seus autores, pude compreender o seu verdadeiro significado. Confesso que, em meu escritório, possuo mais de mil (textos e desenhos) vários destes dos mesmos autores – interlocutores que se “sentiam inspirados” como dizia B1 - e que aos poucos foram se soltando e colocando no papel como percebiam a sua nova realidade.

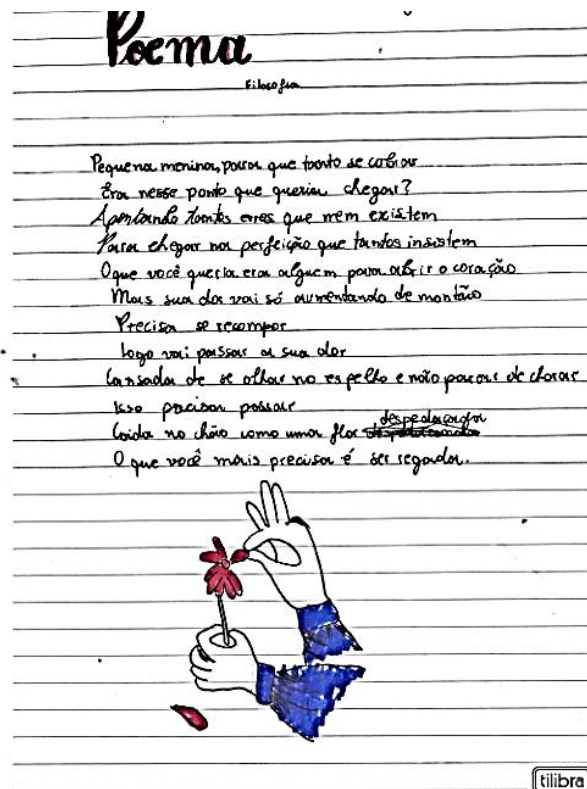


Figura 18 - Poema – Filosofia

Diferentemente dos desenhos, os meus interlocutores pediram e serão atendidos neste pedido que as iniciais e as idades não fossem colocados nas legendas de seus textos, como alegaram, “não sabem quem vai ler” e se a letra “poderia ser reconhecida”, podendo desta forma “ligar” a idade, a história a pessoa real por “trás” do texto, como eles mesmos me afirmaram.

Alegaram que algo parecido já tinha acontecido, quando um texto da aula de redação em um cursinho da cidade vazou na internet, era uma carta de despedida (proposta de redação apresentada pelo docente responsável da disciplina), esta, por sua vez, foi scaneada para correção e, quando enviada, corrigida para o autor do texto. Não sabem como aconteceu nem quem fez, o texto foi parar em um grupo de alunos de uma determinada instituição, o anonimato no texto também era uma forma de proteção e sigilo para o seu autor, mas pela letra, idade, ano e história narrada, foi facilmente encontrado e logo a notícia já tinha se espalhado pela cidade, e os pais ficaram sabendo, gerando constrangimento e até um tipo de interdição com o aluno (autor da carta de despedida).

Para que isso não acontecesse com esse trabalho e para proteção e anonimato integral dos meus interlocutores, seguirei a sugestão que me foi dada e, nos textos especificamente, não colocarei a referência dos possíveis interlocutores para a manutenção da ética entre pesquisador e interlocutores e a manutenção da continuidade do trabalho de pesquisa.



O LOUCO

Sobre o mundo
 injusto, zrelal
 Sobre as pessoas
 iguais Habitua
 Ochar gulgam
 A carne
 mente Confusa, por muitos legu
 Confusão bela
 e Sobre mim
 nada Sei, Como sabreu
 Coas social
 e por apaziguar a malocai
 olm o louco
 Dam eu rumu?
 Depende do que vive a seguir
 liberdade mais pura do ser
 que mesmo libito
 continua preso
 Como poderia eu fugir?
 da paula que nos prende a mente
 e nos preclivar
 Por coas Seremos louco
 por tudo faremos Amar



Figura 19 - O Louco

Na floresta de concreto
 faz-se um decreto
 a falta de afeto
 a Companhia de hingueim
 em meu quarto, como refém
 prito ao estelito: "fugere urbem"
 Cada qual em sua cela
 observa em tela Janela
 há uma bela aquarela
 mas sim, caos nas capitais
 protesto nas marginais
 gritos de um povo dividido por ideais
 em prol o todo, sacrificam as suas qualidades pessoais
 as calhissas hebras deram uma oportunidade
 exarcebo na liberdade
 pouco a pouco, cada vez mais de uma grande atrocidade
 Não me sinto mais em casa em minha habitação
 Cada dia mais próximos da sua destruição
 Tóxico, chagação, alienação, parece-me uma maldição
 Como filho da diversidade
 de meus ancestrais cativos, sem liberdade
 é uma vergonha para toda sua luta por igualdade
 Se antes de "eu", fossemos "nós"
 Como único coro, uma voz
 Há tempos teríamos decapitado nosso algoz
 Pois o mal progeritor
 De todo isso sofrimento e dor
 Não passa do narciso interior
 Talvez seja essa a raiz de todo o horror
 Seja qual for o ideal, guie
 Seja Deus
 Ou os pênis Teus
 A única coisa que importa é a empatia

Figura 20 - Floresta de Concreto

Uma bola de espelho
 Quanto mais quebrada
 Mais bela
 Eu posso me mudar por altura
 Se para me encobrir.
 Eu nunca fui talentosa
 Tudo que eu faço é tentar
 Eu estou em cima de uma corda bamba
 Fazendo de tudo para alheem para mim.
 Eu sou uma palhaça
 Só para rir de mim.
 Quando ninguém estiver em ~~uma~~ minha volta
 Você me encontrará girando em meus saltos mais altos
 Apoiados Brilhantes
 Segurando.

Figura 21 - Espelho

Eu digo sobre você
 Você diz sobre mim
 Nem palavras, nem atitude
 Só você sabe a minha magnitude

Elegante, faladeira, sarcástica
 Nos olhos apenas uma desconfiança
 Fechada, tímida, inteligente
 Afinal uma indulgente

Eu posso até te ensinar
 Mas o ensino foi feito para desméticas
 Recreio e política
 Igual estereótipo sendo apático

Uma sociedade desquadrada
 Um cachorro rindo lata
 Sua opinião, pra mim
 Fale de modo

Figura 22 - Dúvidas

A sociedade não me ajuda
 Todos me julgam antes mesmo de me conhecer
 Não sabem machucar, só sabem criticar
 O tipo de pessoas que a sociedade constrói
 Cada um me destrói

A vida se torna uma prisão
 De apertando o botão
 De desconhecendo as regras
 De diferente e ser diferente
 De igual e ser popular
 De se tornar alguém em qualquer
 De viver de regras com as diferenças

Por quanto tempo vou aguentar?
 Não tenho que saber
 Nem ter motivos pra chorar
 De tudo continuo na mesma
 Vou ter que esperar
 Estrelas tem que cair
 A vida tem que mudar
 Semos que nos libertemos!



Figura 23 - Julgamentos

Rótulos são comuns
mas nem um tanto verdadeiros
Quando se conhece de verdade
São bem menos lisosmeiros

As pessoas ditas perfeitas
Aparentam o agradável
mas normalmente são elas
As que mais desagradam

Se ao ver o exterior
Baseia nele o julgamento
Certeiro nunca será
Pois desconhece o verdadeiro

Estabelece estereótipos
Pode não ser muito legal
Pressupor tantos conceitos
Sempre é prejudicial

Pessoas reais fazem
Tudo o que der na telha
Não seguem modelos
Nem são tão elogiosas

Contar a ninguém quem
 sinto e quero viver
 se encontrar na vida de si.

E apaga minhas lágrimas
 com minha pele amarelada
 meu abraço me envolve
 e me tira o cansaço.

Finalmente entendi
 que a liberdade está em mim
 não posso viver com a cegueira
 que um dia vai partir.

Depender é se prender
 conviver e entender faz parte de amar e se
 se encontrar para acrescentar
 não afogar para preencher.

1 Eu tenho muitas versões, vários personagens, eu
 2 sou uma versão feliz com meus pais, falo alto e muito
 3 potência com meus amigos, com minha psicóloga eu sou
 4 charona, e sempre com raiva, na sala de aula, eles me ve
 5 em quieto, calado, sério, os que me conhecem pelo internet eu
 6 amo RPG e sou um nerd faturada, os que não não
 7 falam comigo que eu vivo para ler. Mas quem me ve
 8 de perto sabe que nem eu sei quem sou que eu tenho a
 9 cabeça poluída de pensamentos e o corpo cheio de mar-
 10 cas de lamar e pensar, que tenho marcas e feridas
 11 que eu não me lembro. Queria que as pessoas me vissem
 12 do forms que eu sou mas eu me perdi mais minha
 13 zilhão de roupas, calças e personagens. Se você sabe
 14 quem é me mande ajuda, uma lista de autoconhecimento
 15 algo para eu conseguir passar dos meus desejos
 16 amor, para eu finalmente morar numa casinha, com
 17 vários bichinhos, para encontrar um amor verdadeiro
 18 para eu fazer amigos e encher a casa com eles,
 19 para ser a tia bonita e tatuada, para eu ser quem
 20 eu sou!

Um dia eu acordo e me explico
 às pessoas que comigo ficam,
 não me sinto livre
 de procurar a felicidade desse jeito,
 sendo meu "eu coletivo".
 Minhas companhias cedem
 que a verdade apareça,
 mas é preciso quebrar barreiras
 construídas para que eu me pretijo
 com os dores do tempo, assim sigo
 acordo novamente, animada
 dessa vez, não me explico, nem nada.
 caminho, abro portas... me abro,
 o mundo atira novamente em meu peito
 e sinto meu corpo cada vez mais forte.
 Logo, sou finalmente eu mesma,
 me olho e vejo coragem, amor e cicatrizes
 com grandes batalhas, bem como, derrotas,
 dessa vez, sigo com boas amizades,
 e fim de descobrir cada vez mais sobre meu "eu coletivo".

Figura 27 - "Eu coletivo"

Eu sou apenas humana
 Talvez seja deusa
 Talvez seja cega, pensando que podia ver através do vaso
 E ver por trás
 Não consigo provar, então talvez esteja mesmo cega
 Mas sou apenas humana depois de tudo
 Então não ponha sua culpa em mim
 Não ponha sua culpa em mim
 Se olhe no espelho
 O que você vê?
 Você vê claramente
 Quem é enganado?
 Em que você acredita
 Porque sou apenas humana depois de tudo
 Você é apenas humano depois de tudo
 Não ponha sua culpa em mim
 Alguns têm problemas reais
 Alguns têm sorte
 Alguns acham que posso salvá-los
 Mesmo o laço estando no céu
 Não peça minha opinião
 Não me peça pra mentir
 Então peça por meu perdão, se você chorar
 Não ponha sua culpa em mim.

Passsei minha infância toda sendo cuti, cada pela meu peso e o meu corpo, tanto pela minha família quanto por amigos ou até colegas.

Desde então eu comeci a me cobrir muito em relação a ter um corpo "podrão" e magro, quando eu percebia que eu tá um pouco gorda eu começo a parar de comer e me cobrir mais ainda.

Já tive várias crises de ansiedade por plorarem de minha aparência e do meu corpo, tento de tudo pra não ligar muito pra isso, mas acaba que sempre me afeto.

Pode ser que seja drama de minha parte, me afetar com essas coisas, mas quando eu irei mesmo receber apelidos que me machucam tanto.

O texto apresentado anteriormente é da única que se disponibilizou a colocar o seu “nome” e idade. Lia não fazia parte da pesquisa no primeiro momento, é uma jovem muito inteligente que encontrei em um hospital de Campo Grande. Na realidade, nesse momento, o paciente era eu mesmo.

Enquanto estava na recepção do hospital para fazer um exame de COVID-19, lia minhas anotações e manuseava alguns rascunhos que tinha feito sobre algumas entrevistas. Enquanto me fixava no que estava fazendo, escuto uma voz ao meu lado, Lia estava se dirigindo a mim me perguntando se não era o professor de filosofia da escola X, respondi que sim, ela então começou a me dizer que assistiu um aulão promovido por essa escola quando ainda estava se preparando para o vestibular e que tinha me reconhecido na recepção. Nesse momento, começamos uma conversa informal de recepção de hospital, nada muito aprofundado, apenas para passar o tempo mesmo.

Após mais ou menos 10 minutos de conversa, Lia me pergunta como estava a minha pesquisa sobre os def's, fiquei um pouco assustado e perguntei como ela sabia que estava pesquisando esse assunto, foi quando ela me disse que em sua universidade vários colegas estavam comentando sobre como o seu ex-professor de filosofia estava pesquisando o *vape* e o *pod*, me disse ainda que em uma aula de medicina foi tema de um “debate” enquanto o professor não estava em sala de aula.

Foi quando abriu sua bolsa e me mostrou o seu estoque de *vape*, eram cinco ao total, cada um com mais ou menos 10 mil (dez mil puxadas), disse que era viciada e que não conseguia parar de usar. Perguntei como ela começou a usar e me disse que começou devido ao distúrbio de imagem que ela possui. Na infância, tinha sobrepeso e por isso sofria muito com as outras crianças, apelidos, assédios morais e emocionais e o famoso bullying.

“Não gostava do meu corpo, não gostava de mim, não gostava das pessoas em minha volta, sempre sofria com as palavras e gestos, não era perfeita para os meus pais, amigos e escola. Quando estava no ensino médio, comecei a usar o *vape*, comprava de uma amiga que trazia do Paraguai, ela tinha montado até um conta no Instagram para vender seus produtos. Comprava sempre, era algo que me fazia bem e que não me deixava triste, o sabor é bom, o cheiro é agradável e está super na moda, logo por que não usar? Devido às minhas crises de ansiedade e à depressão, aliado à imagem que sempre vem à minha cabeça quando era criança e agora na vida adulta, acho que é uma boa saída para sentir enturmada ou integrada em um grupo, nunca fui popular, mas pelo menos hoje posso fingir que sou”. (Lia, 22 anos)

Perguntei para a Lia se ela não queria escrever ou desenhar a sua experiência, foi quando fui chamado para fazer o exame. Quando saí e voltei para a recepção, a enfermeira me disse que a Lia tinha me deixado um bilhete, estava com pressa e não podia me esperar. Nesse bilhete, ela relatou sobre a sua imagem, coloquei na pesquisa pela sua importância e para demonstrar que uma simples conversa de recepção pode iniciar algo muito relevante e de grande valia para uma pesquisa.

Tristeza, amor, angústia, ódio, raiva, alegria...
 Ansiedade, felicidade, paixão, bobolitas...
 Bobolitas essas que me fazem sentir
 Por qualquer toque, um mínimo olhar
 Sentimentos tão difíceis de assimilar
 Por tanto tempo escondi que agora não sei decifrar.

Eu ri, fingi graça
 Nivam do meu jeito de amar
 E fiquei calada,
 Sorrindo
 Fingi que o dor não estava lá
 E aceitei,
 Depois chorei.
 Arrancaram de mim um amor com futura
 E ainda calada,
 Aceitei,
 E me caí mais uma vez.

Figura 30 – Emoções

Eu tinha flôr, mas ela murcheou
 Eu tinha cetação, mas ele parou
 Eu tinha uma vida, mas a desperdicei.
 Eu tinha amigos, mas os deixei.
 Tinha família, mas a abandonei.
 Namorado? Nunca encontrei
 Dopo. Nunca beijei
 Eu tinha tudo, mas agora tenho nada
 Nada que me preenche por dentro
 Sou cheio de nada
 Vazio. Alma gelada e obscura
 Caminho entre as pedras
 Mas elas não me veem
 Citei porque
 Há vidas pacatas mais interessantes que
 a minha,
 Se é que ainda tenho vida...

U	S	T	Q	Q	S	S
U	S	T	Q	Q	S	S

Garota das flores sorridentes

Garota das flores sorridentes, a que cultivava o amor
Sua marca é o seu sorriso, sempre deixando suas flores por
onde passa.

Sua alegria ERA contagiante, sua alegria existia...

A garota das flores sorridentes acreditava ter saído do fundo
do poço.

Pensava que já tinha se afundado antes, a verdade é que ela
está se afundando agora.

Suas flores não são mais belas.

A música deixou de ser a melodia que acalma.

O abraço não alivia a dor, apenas machucados não copiam
de fazer isso.

A companhia se torna um desespero.

Os sentimentos são desligados.

O amor já não quer ser sentido.

A garota das flores sorridentes se perdeu em uma confusão
dentro de si própria.

Ela busca pela luz que se perde na escuridão.

Busca por uma maneira de romper as correntes que a
prendem em mundo cheio de flores mortas.

A garota das flores sorridentes... se torna a garota das
flores mortas...

Nunca foi sobre flores...

Figura 32 - Nunca foi sobre flores



Gorda das flores mortas

Gorda das flores mortas, todos perguntam o motivo do seu jardim estar morto

Sua solidão machuca pessoas da qual ela possui um sentimento

A gorda das flores mortas não quer buscar a luz, a escuridão se tornou confortável

As flores do seu jardim se encontram despedaçados Arranjos ocupam o lugar da música que era seu alívio

Abracos e conversas profundas são descartados

Ela faz um pedido constante para o seu amor encontrar um novo amor

Ela quer se esconder do mundo e deletar sentimentos

A busca de romper correntes só a machuca

Substâncias são induzidos para fora

Arranjos percorrem o seu corpo acompanhados por borboletas que por um deslize podem ser mortas

A gorda das flores mortas não desiste por um único motivo... O seu próprio amor

Nunca foi sobre flores...

Não tenho mais para onde ir,
 No coração de minha mãe, não tenho morada,
 Na casa de meu pai, minha presença não é apreciada,
 Choro como muito antes, lágrimas continuaram a sair.

Minha cabeça dói e gira, a dor é incitante,
 A dor de não ser amada nunca foi tão grande,
 Meu abraço não tem lar, meu amor é latente,
 Expectativas vazias, meu coração (colorido) não agrada,
 Amor que dói, amor dante,
 Minha esperança se esvai pela primeira vez,
 Alguém me abraça urgentemente.

Desolento, sento na praia chuvosa e triste.
 Meu único desejo é destruir as cores de meu amor, deixando igual as nuvens
 E chorando

Pois talvez assim meus pais comecem a me aceitar.
 Fugir para o meu refúgio frio e sem nenhuma perturbação é o que
 Quero
 Onde o dia é lindo e fico cantando sem arruçar.

Arrumo minhas malas.
 Sei destruir do teu coração.
 Abro as portas e encho o pulmão.
 Pois a vida não é só sobre fugir da realidade cantando a mais
 bela canção

Pois não tenho mais lar.
 Não tenho mais para onde ir.
 Amor não tenho mais.
 Então deixo a lágrima cair.

Figura 34 - Lágrimas

Como posso tolerar o intolerável?

Aquilo que me encantava,
já não posso mais alcançar.

Uma menina amável
tornou-se bruxa má.

Não por escolha.

A sociedade me prendeu
dentro de uma bolha.

Eu sou a menina, não posso negar.

Queria saltar para outro mundo
onde ninguém poderá me parar.

Sinto minhas mãos tremerem,
já não consigo respirar.

Alguém me sufoca?

Ou estou tentando acordar?

Intolerância não é agradável.

Não posso aceitar morrer
cada vez que me deitar.

Quando eu só queria sonhar
que podia voar.

Figura 35 - Intolerância

Julgada por coisas que não fiz
 Meu nome passou por muitas bocas
 Com pouco tempo me destiz
 E senti as palavras como se fossem facas
 Apesar de uma criança
 Mas que já havia criado tanta desconfiança

Meu coração apertava
 E o medo me habitava
 A pressão estava ao meu lado
 E eu tinha que ficar calado
 Me fez chorar por anos
 E resultou em irreparáveis danos

Com problemas de confiança
 Me sentia presa na minha própria mente
 Onde estava aquela feliz criança?
 Que vivia e corria livremente?
 Ficou em 2017
 Onde ainda tinha inocência

Figura 36 - Inocência

por muito eu aceitei
o ódio recebido
amarrada, calada
por tudo que tinha vivido
"denuncie, é mais fácil"
mas minha esperança não restava
e eu permanecia sufocada
com a promessa de tolerar
enquanto eu era intolerada-
porque o inimigo era maior
e era tão inesperado
o inimigo me deu vida
com a promessa de me amar.
mas eu decidi intolerar
e decidi contrariar
dei adeus à minha mãe
que já não pode me machucar.
hoje eu estou livre
e pra sempre quero estar
por mais que as cicatrizes
sempre irão me acompanhar.

Figura 37 - Esperança

- O quarto já estava escuro e o céu estrelado, deitada na minha cama olhando o teto escuro os pensamentos me vêm a mente, um turbilhão de coisas me assombravam dizendo "Quem é você?", a pergunta terrível me faz tremer, mil pensamentos e uma resposta, mas qual a resposta?

- Quem eu sou? - Só sei um sussurro alado pela asserção da noite.

Não lembro de situações passadas envolvendo minha identidade. Na escola sendo julgada constantemente, olhares de reprovação que me faziam sentir como se uma faca perfurasse o meu peito com uma dor aguda e silenciosa. Diziam que eu era uma coisa diferente eu sendo outra, julgamentos atrás do outro e a faca ia cada vez mais fundo em todo lugar que eu ia ninguém queria me conhecer mas todos queriam dizer quem eu era.

- Não sou o que eles dizem!

As vozes que me assombravam se tornavam silenciosas, agora já estou crescida e sei quem eu sou mas as vozes sempre irão me atormentar da mesma feita que as pessoas.

Figura 38 - Quem eu sou?

Viver pra ser

Viver pra sentir

Qu viver pra ter?

Ir para aprender

Ir para amar

Qu ter para motivar?

Fazer por mim

Fazer por todos

Qu fazer por ninguém?

Beleza esperar

Ignorar esperar

Construir esperar

Mudar pelo futuro

Mudar o futuro

Qu ter medo dele?

Ter um sonho e segui-lo

Qu ter um sonho e ignora-lo no meio?

Eu não sei, você não sabe, ninguém sabe

Eu sei amar

Eu sei sentir

Eu sei viver



Figura 39 - Viver?

25 vozes gritam
em meus ouvidos
a frequência do som
quase quebra meu espelho



me olho e
tento tocá-lo
mas não consigo
é só um espelho
não posso alterá-lo

tento me encontrar
me encaixar

vejo ao meu redor
as mãos
que tentam me segurar

me acostumo
a ficar em suas sombras

mas ao me olhar no espelho
não reconheço
meu próprio reflexo

se é que um dia
ers eu
que me olhava do outro lado

Figura 40 - Não me reconheço

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Meu objetivo foi descrever e elaborar uma etnografia sobre a interação social e analisar as suas consequências no uso de dispositivos eletrônicos de fumar (def's) por jovens, um comportamento cada vez mais recorrente em eventos, festas, faculdades e bares da Cidade de Campo Grande/MS, especialmente entre o público de universitários e estudantes pré-vestibular.

Com isso, busquei compreender como o rito se estabelece e mobiliza a ação simbólica, comportamentos e afetos entre os jovens, perfazendo uma distinção de identidade - ao mesmo tempo em que provoca a construção e desintegração dos grupos sociais pesquisados.

Ao longo da pesquisa, pude vislumbrar as relações ritualísticas para construção de uma identidade que poderia estabelecer uma conexão com o processo de interação social dos interlocutores. Quando estas, por sua vez, falham, demonstram a desintegração dos grupos, amizades são desfeitas, alguns são abandonados e até mesmo marcados metaforicamente como indesejados em seu meio social.

Desse modo, acredito poder afirmar que a identidade da juventude é construída por meio da interação social que perpassa as festas, os rituais que elas oferecem como um processo de iniciação, produzem atitudes morais duvidosas e racionalizações questionáveis. São construções de um meio onde o jovem quer fazer parte e construir um legado, buscam reconhecimento, engajamento social, curtidas nas redes sociais e promovem a espetacularização de suas vidas, como se isso fosse definir o seu sucesso ou fracasso. Caminham no binômio certo/errado e bem/mal, sem questionamentos prévios, a busca pela audiência é evidente e a cristalização de uma identidade de grupo, ou pelo menos, sentir que faz parte de um.

Como vimos, os interlocutores são jovens das mais diversas idades e gêneros, mas com uma característica em comum, fazem parte de uma classe social elitizada. Denominam-se de classe média alta, gastam em uma festa o que uma família de classe média baixa gastaria em um mês, gostam de ostentar e de comparação com outros grupos sociais. Fazem questão de demonstrar que os eventos são parte de uma rotina comum que não gera nenhum desgaste físico ou emocional e ainda “gritam para todos ouvirem” que serão os futuros médicos e líderes de nosso país.

Ao renderem-se ao processo de construção de identidade do grupo, submetem-se às relações ritualísticas necessárias para serem aceitos, bebem muito mais do que estão acostumados, misturam todo tipo de bebida, usam os def's com drogas que eles condenam e não usariam em outro momento, como maconha e cocaína. Exageram em demonstrar a sua necessidade de aceitação e ação simbólica, ao ponto de precisarem, em alguns momentos, de ajuda médica para reestabelecer a sua sobriedade.

Percebo que a formação do indivíduo está intimamente relacionada ao desejo de pertencimento, muito usual na idade, mas que alguns relatos direcionam para outras preocupações, para a maneira como são cobrados e formados na sociedade. Não podem errar, não podem se submeter a um salário abaixo da média, média esta estabelecida por seus pais e pares sociais, precisam buscar profissões de prestígio social. O curso de medicina lidera a busca por um sonho mais rentável, em segundo lugar vem o curso de direito, a partir do qual podem sonhar com uma vaga na magistratura, não querem ser cobrados, mas se cobram por não atingirem o objetivo traçado por seus pais.

Durante as entrevistas, ficaram evidentes as questões emocionais, o início do uso de def's está relacionado, para muitos, com o começo da pandemia. Não souberam lidar com suas dúvidas existenciais e questionamentos emocionais, alguns desenvolveram casos clínicos de ansiedade, crise de pânico e depressão, não souberam ou não quiseram pedir ajuda. Aqueles que tiveram coragem para não desistir e conversaram com seus pais tiveram soluções diferentes. Um grupo obteve ajuda profissional, começou o tratamento, tomaram remédios e iniciaram a terapia; o outro grupo foi negligenciado - às vezes ouviram de seus próprios pais que não era nada, que iria passar, ou que era frescura e deveriam ocupar a cabeça com alguma coisa relevante.

Buscaram, nas festas e nas drogas, a ajuda que não encontraram em casa, na família ou nos amigos mais íntimos. No momento que precisavam reconstruir o significado da existência e buscar forças para um novo recomeço, trilharam os caminhos que, na época, lhes pareceu mais prazeroso e com menos obstáculos para serem vencidos. A necessidade de um reencontro com seu próprio eu fez com que se tornassem inconsequentes com a sua saúde e como lidariam com os resultados que, para alguns, era completamente inesperado.

Há ainda a dificuldade de lidar com os imponderáveis da vida real, quando esSES momentos de tensão extrema se desnudam em seus olhos, rompendo o tecido da comodidade e do conforto da existência do ser. Parece que tudo está perdido. Novamente buscam ajuda em seus círculos de amizades. Através da interação social construída de evento em evento, acreditam que se estabeleceram vínculos afetivos, de respeito e de admiração, mas é exatamente nesse momento de máscara caída, de vulnerabilidade, que se inicia outro processo doloroso, o de desintegração dos processos sociais - anteriormente pensando que estava alicerçado em uma base sólida e firme -, mas descobre-se que a solidão e o medo farão parte dessa nova jornada, repleta de inconsistências e dúvidas que geram o que alguns descrevem como “perturbação da alma”.

No momento em que começo a acompanhar meus interlocutores nas visitas aos médicos, hospitais e clínicas de terapias, após serem diagnosticados com alguma doença pulmonar, podendo ou não ter sido ocasionada pelo uso excessivo dos def's, são muitas as dúvidas. O choro é constante para alguns, as incertezas pairam sobre eles, não sabem como lidar com a vida adulta. Nesse momento, tornam-se reféns, por conta própria, das decisões de terceiros, familiares e profissionais da saúde que estudam caso a caso para escolherem o melhor tratamento. Antes se encontravam em um estado de autonomia, mesmo que ilusório, agora são dependentes, heteronômicos, não querem decidir nada que, de alguma maneira, possa colocar o tratamento em perigo. Precisam ser pacientes, na forma substantiva e adjetiva da palavra.

Como vimos, alguns sentem necessidade de demonstrar os seus sentimentos na forma de desenhos e de poemas, expressando de maneira singela e artística o seu atual momento. Alguns desenhos revelam os sentimentos mais obscuros, vontades e desejos de desistirem de suas vidas. A percepção constante de lutarem por algo que talvez não exista solução só aumenta a sua instabilidade emocional. Para alguns, o desenho foi a maneira de demonstrar a sua insatisfação; para outros, uma forma de pedir perdão por não tomar as decisões consideradas mais assertivas.

Quanto aos poemas, foram demonstrações de licença poética aliada ao desespero e insegurança com o dia de amanhã. Além de relatos sobre o dilema atual, também fizeram questão de evidenciar situações do passado, que ainda martelam em seu consciente e que, de alguma forma, geram seus traumas, agora alimentados pela

incerteza de dias melhores - ainda mais quando recebemos a notícia que em junho de 2023, um de seus amigos não resistiu, ao que pode ser considerado como a EVALI, e veio a óbito quando esperava na fila por um transplante de pulmão.

As incertezas sobre as consequências do uso de def's ainda são muitas. Esperamos por mais pesquisas na área da saúde sobre os seus desdobramentos. Ainda são poucas as comprovações científicas de seus benefícios e malefícios e, com certeza, ainda faltam mais etnografias que acompanhem os jovens em seus tratamentos a médio e longo prazo. Devido ao tempo para elaboração da dissertação e para sua entrega, não pude ficar mais de quatro meses acompanhando o tratamento dos meus interlocutores. Espero que, em algum momento, possa voltar e ter o tempo hábil para relatar as conclusões de cada um deles e os novos caminhos a serem trilhados.

Espero ter contribuído com os estudos em Antropologia da Saúde, Antropologia da Juventude e ter dado visibilidade acadêmica a este campo de pesquisa tão rico e interessante.

REFERÊNCIAS

- Al-SAAD, T., Zahran, H., Zaraket, F. A., & Obaid, M. (2017). Drug use in the Syrian conflict: A qualitative analysis of the Syrian people's experiences. *Addiction*, 112(5), 874-881.
- AMIT, Vered. *Thinking through sociality: an anthropological interrogation of key concepts*. Edited by Vered Amit, 2015.
- ANVISA. Painel Sobre Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEF). Brasília, 2018.
- BAGGETT, T. P., Keyes, H., Sporn, N., & Gaeta, J. M. (2020). Prevalence of SARS-CoV-2 infection in residents of a large homeless shelter in Boston. *JAMA*, 323(21), 2191-2192.
- BENNET, Andy. (2013), *Music, Style, and Aging: Growing Old Disgracefully?* Philadelphia, Pennsylvania: Philadelphia Temple University Press, 210 pp.
- CARNEIRO, Henrique. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. Outubro. 2002, vol. 6, pp. 115-128.
- _____. Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005a.
- _____. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: VENÂNCIO, Renato Pinto;
- _____. (orgs.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas, 2005b.
- COVITEL - Inquérito telefônico de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis em tempos de pandemia – Covitel 2 [livro eletrônico]: relatório final / Vital Strategies Brasil... [et al.]. -- São Paulo, SP: Vital Strategies : Umane, 2023.
- ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise* 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ECONOMOU, M., Souliotis, K., Malliori, M., Golna, C., Gonida, E., Kontoangelos, K., ... & Rovithis, M. (2017). Drug use and suicidality among economically active individuals during periods of financial crisis in Greece. *International Journal of Drug Policy*, 43, 15-21.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005[1976]
- IORE, Mauricio. Algumas reflexões a respeito dos discursos médicos sobre uso de "drogas". In: Encontro Anual da ANPOCS, 26, 2002, Caxambu. Anais eletrônicos da XXVI Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo, 2002.

_____. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: CARNEIRO, Henrique e VENÂNCIO, Renato Pinto (orgs.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas, 2005.

_____. M. Algumas Reflexões a respeito dos discursos médicos sobre o uso de drogas, 2002. Disponível em www.neipe.info/html/downloadlod.php?codblob=6. acesso em 22/04/2022.

GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. E. *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.

_____. E. *La mise en scène de la vie quotidienne. 2. Les relations em public*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2000.

_____. E. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. E. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 2004.

_____. E. *Façon de parler*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

_____. E. *Les moments et leurs hommes. Textes recueillis et présentés par Yves Winkin*. Paris: Seuil/Minuit, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.

_____. Stuart. *Da diáspora. Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

INGOLD, Tim. *Antropologia: para que serve?* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KHANTZIAN, E. J., & Albanese, M. J. (2008). War, trauma, and psychopathology: The transgenerational impact of violence. *Journal of Psychoactive Drugs*, 40(4), 463-476.

LATUF, Glória Maria de Oliveira. *Relatório de Análise de Impacto Regulatório Dispositivos Eletrônicos para Fumar*. Brasília: ANVISA, 2022.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução: a obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. v. II. São Paulo: EPU: EDUSP, 1974. p. 1-37.

_____. C. A Eficácia Simbólica. In: *Antropologia Estrutural I* (215-236). Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro. 1975

MOLINA, J. D., Fernández-Navarro, P., Martín-Sánchez, J. C., Rodríguez-Barranco, M., Gómez-Gómez, R., & Ariza, C. (2017). Impact of the economic crisis on the health of the Spanish population: Retrospective cohort study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14(9), 1056.

PACULA, R. L., Powell, D., & Taylor, E. (2014). Does the legality of the venue affect the prevalence of marijuana and other drug use among young adults? *Journal of Drug Issues*, 44(2), 196-215.

POULIN, C., & Graham, R. (2011). The impact of Hurricane Katrina on substance use disorder symptomatology. *Journal of Addictive Diseases*, 30(1), 8-18.

SAHLINS, Marshall. 2003. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 231pp.

SALLES, L.M.F. A representação social do adolescente e da adolescência: um estudo em escolas públicas. *Cad. Pesq.* São Paulo, n. 95, p. 25-33, ago. 1995.

SILVA, Hélio R. S. A SITUAÇÃO ETNOGRÁFICA: ANDAR E VER. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SWIDLER, Ann. *American Sociological Review*. Vol. 51, 1986, 273 – 286 pp.

SUN, Y., Li, Y., Bao, Y., Meng, S., Sun, Y., Schumann, G., & Kosten, T. (2020). Brief report: Increased addictive internet and substance use behavior during the COVID-19 pandemic in China. *The American Journal on Addictions*, 29(4), 268-270.

UEDA, M., Kawakami, N., & Kessler, R. C. (2013). High prevalence of alcohol-related disorders among people living in areas affected by the Great East Japan Earthquake in 2011: A large-scale nationwide survey. *Journal of Affective Disorders*, 151(3), 888-894.

UNODC - United Nations Office on Drugs and Crime (2003). *Afghanistan Opium Survey 2003*.

VARGAS, Eduardo Viana. Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de drogas. Tese de doutorado UFMG. Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política, 2001.

_____. Eduardo Viana. “Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para um genealogia das drogas”. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra; FIORE, Maurício; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (orgs.). *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EdUFBA, 2008. Pg. 41-63.

VELHO, Gilberto. *Nobres & Anjos – Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Editora Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro, 1998.

Xie Z, Ossip DJ, Rahman I, O'Connor RJ, Li D (2020) Uso de cigarro eletrônico e queixas cognitivas subjetivas em adultos. *PLoS ONE* 15(11): E0241599. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0241599>

ZHOU, Y., Li, X., & Zhang, X. (2011). Substance use and risky sexual behaviors among rural-to-urban migrants in China: A peer-driven bridge. *Journal of Psychoactive Drugs*, 43(sup1), 30-37.

<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/causas-e-prevencao-do-cancer/tabagismo/dispositivos-eletronicos-para-fumar>

https://www.cdc.gov/tobacco/basic_information/e-cigarettes/pdfs/ecigarette-or-vaping-products-visual-dictionary-508.pdf, acesso em 22/04/2022.

http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2009/23_jun_anvisa.htm. acesso em 22/04/2022.

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/res0046_28_08_2009.html. acesso em 22/04/2022.

Pesquisa Nacional de Saúde — Ministério da Saúde (www.gov.br). acesso em 22/04/2022.

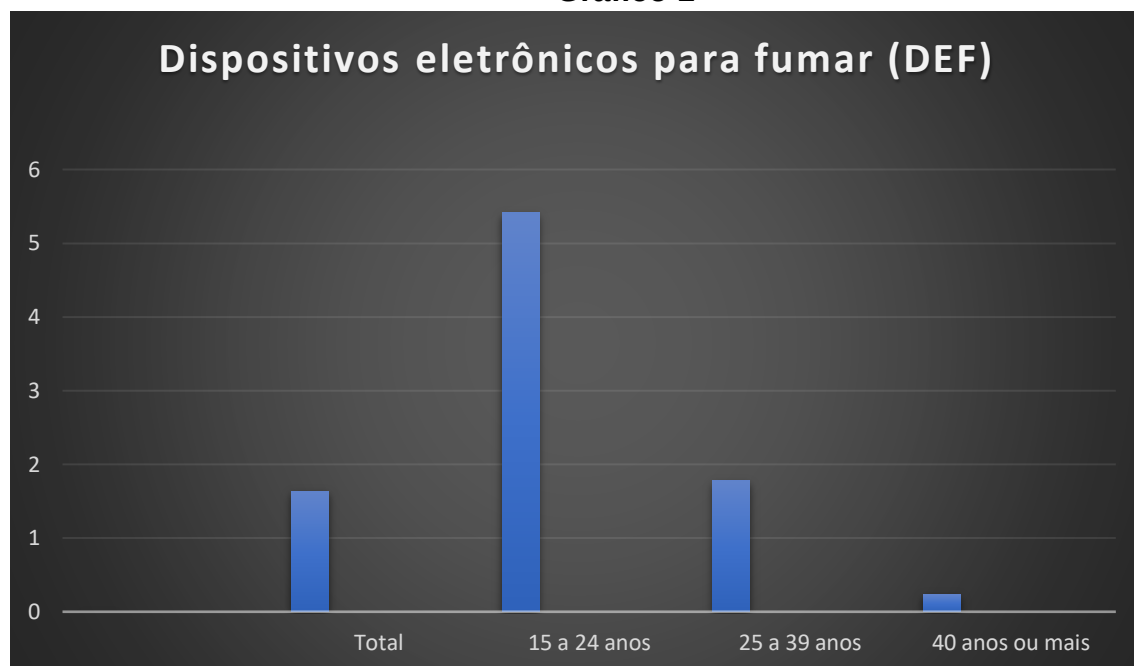
<https://sbpt.org.br/portal/t/evali/#:~:text=A%20EVALI%2C%20sigla%20em%20ingl%C3%AAs,de%202019%2C%20nos%20Estados%20Unidos>. Acessado em 19 de junho de 2023 às 10h22.

ANEXOS

Anexo 1.

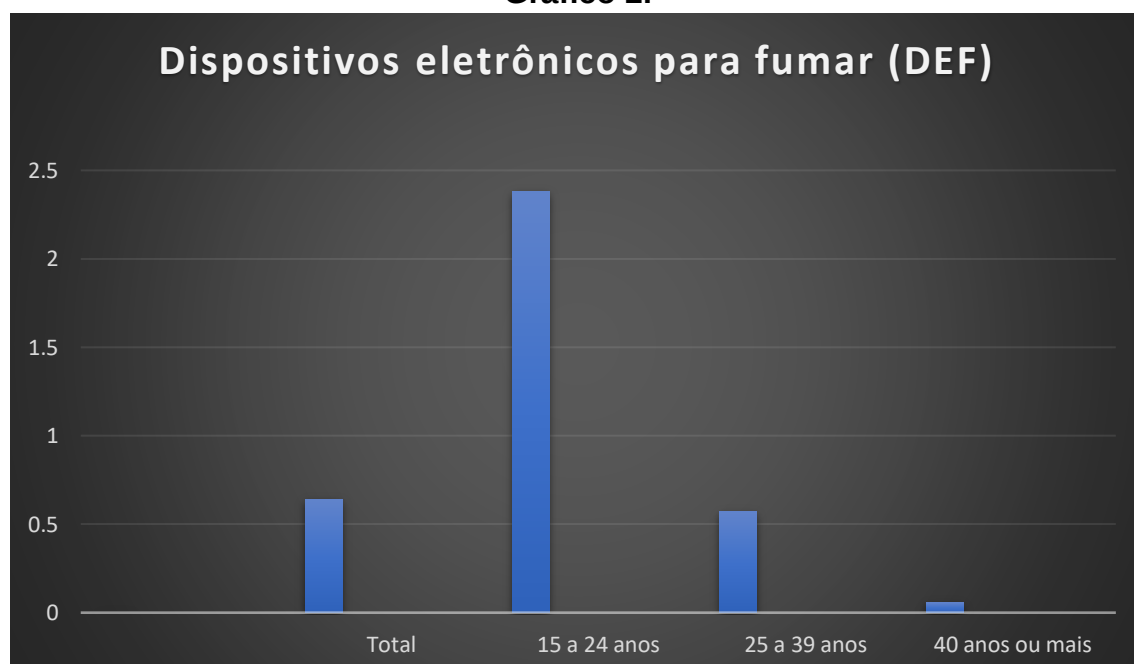
Prevalência de uso de **DEF na vida** entre indivíduos de 15 anos ou mais, segundo faixa etária, PNS-2019:

Gráfico 1



Prevalência de uso de **DEF atualmente** entre indivíduos de 15 anos ou mais, segundo faixa etária, PNS-2019:

Gráfico 2.



Anexo 2.

Prevalência de uso de DEF atualmente entre indivíduos de 15 anos ou mais, segundo **macrorregião, sexo e escolaridade**, PNS-2019:

Gráfico 3

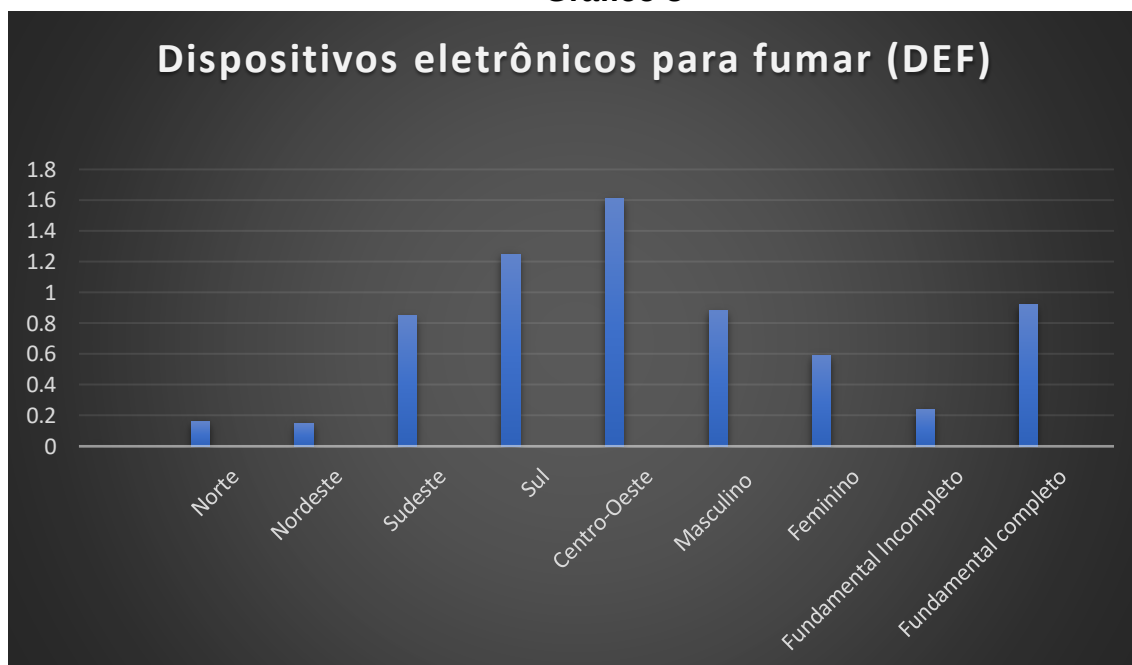
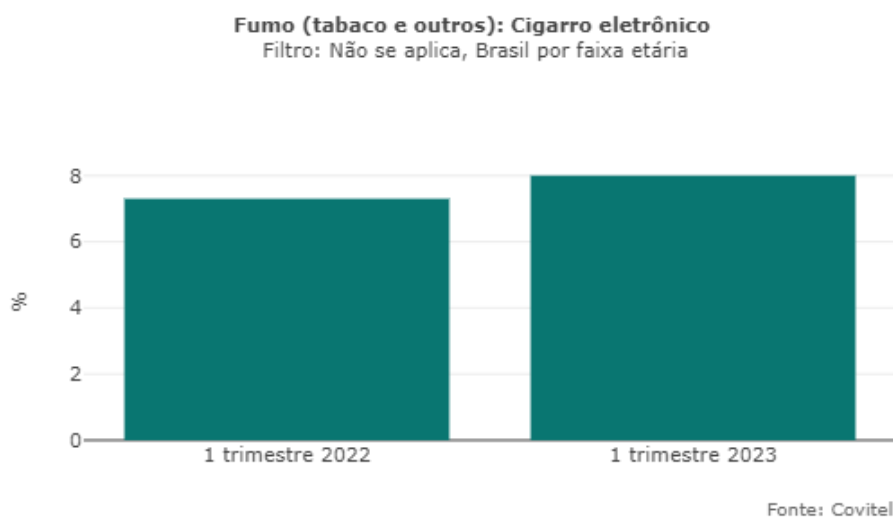


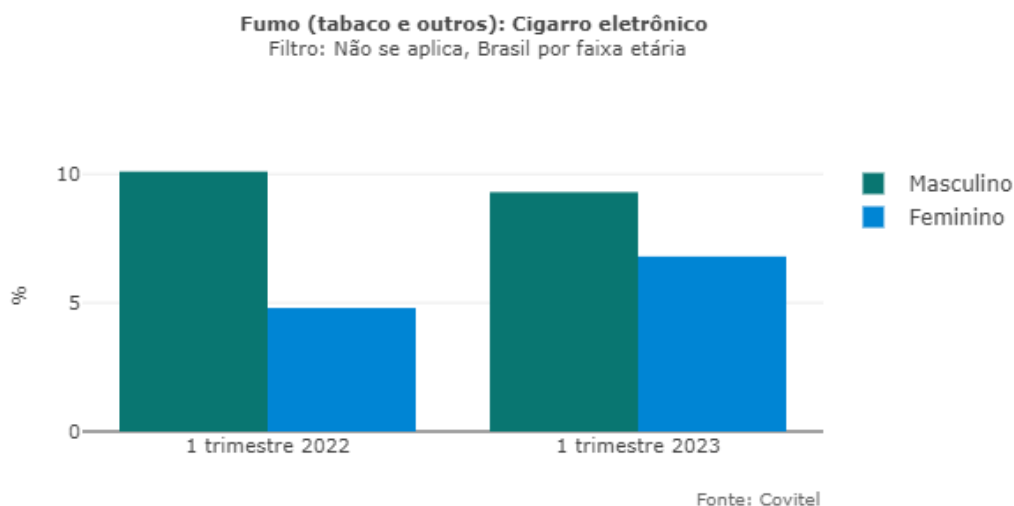
Gráfico 4



A prevalência de experimentação de cigarro eletrônico no Brasil foi de 7.3% (IC95% = 6.0; 8.9) no primeiro trimestre de 2022 e 8.0% (IC95% = 5.7; 11.1) no primeiro trimestre de 2023.

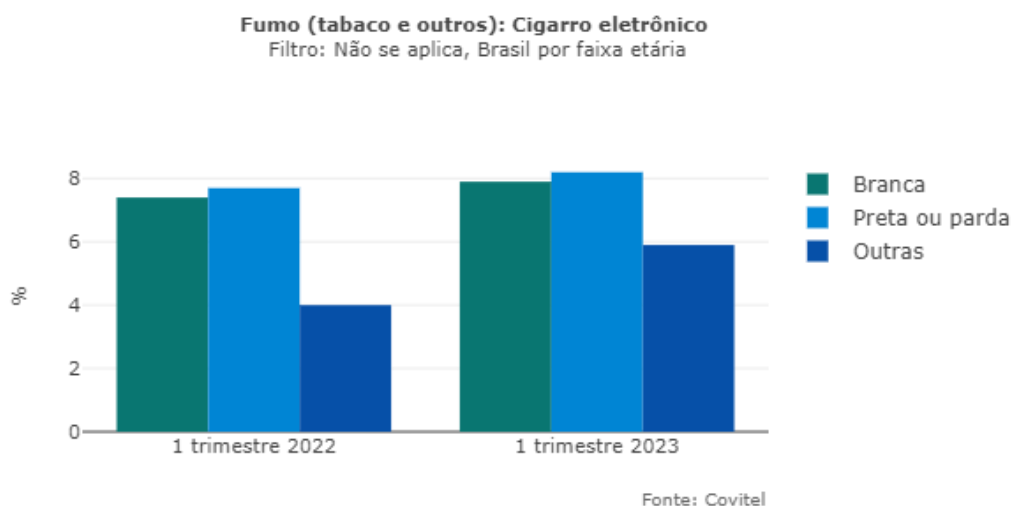
Anexo 3.

Gráfico 5



A maior prevalência foi observada entre indivíduos do sexo masculino no primeiro trimestre de 2022: 10.1% (IC95% = 8.1; 12.4). No primeiro trimestre de 2023, nenhum sexo se destacou quanto à prevalência de experimentação de cigarro eletrônico.

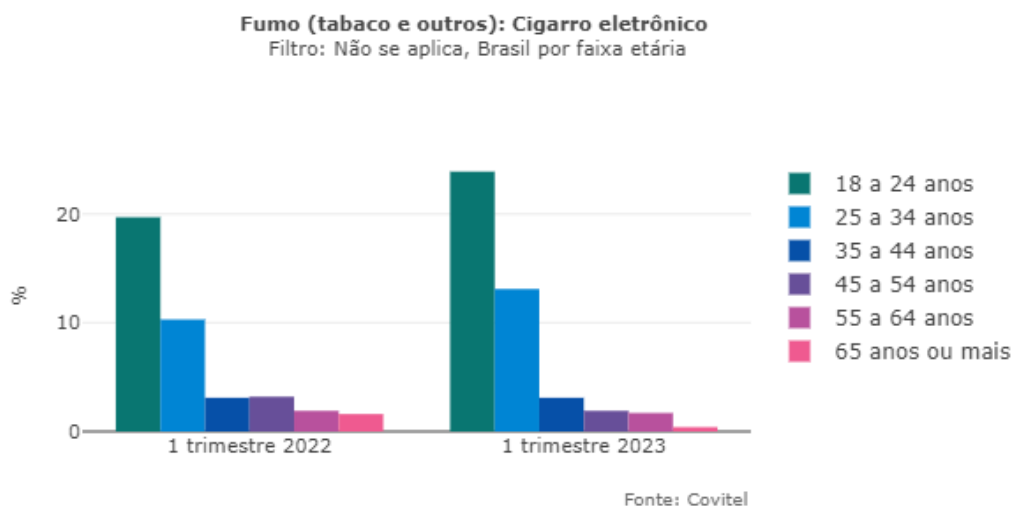
Gráfico 6



Nenhuma raça/cor destacou-se com relação à prevalência de experimentação de cigarro eletrônico nos dois períodos avaliados.

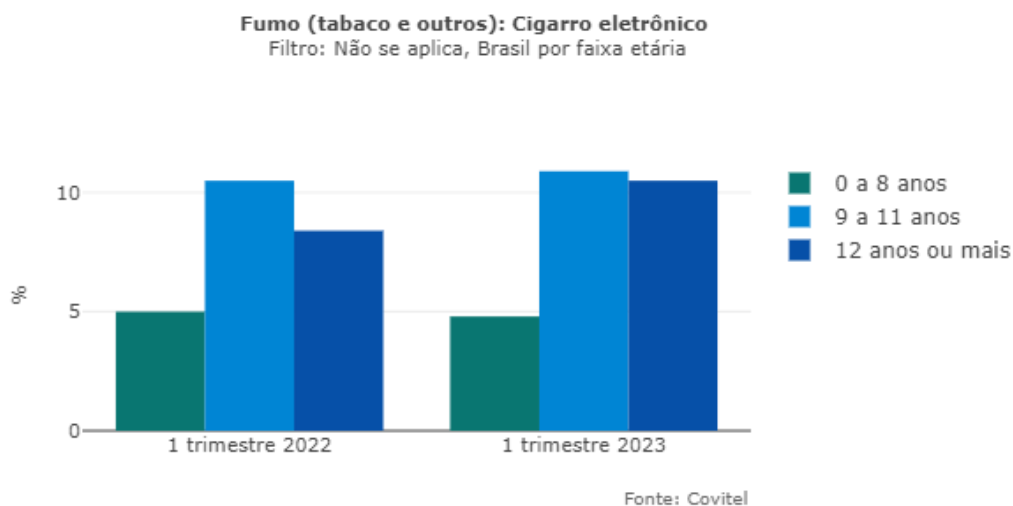
Anexo 4.

Gráfico 7



As maiores prevalências ocorreram na faixa etária de 18 a 24 anos, em ambos os períodos: 19.7% (IC95% = 15.1; 25.2) no primeiro trimestre de 2022 e 23.9% (IC95% = 12.6; 40.7) no primeiro trimestre de 2023.

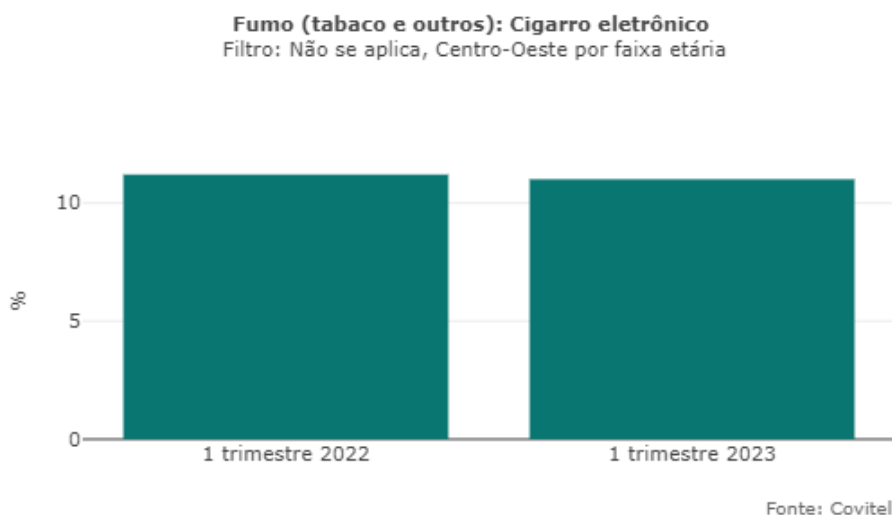
Gráfico 8



A faixa de escolaridade em que foram observadas as maiores prevalências foi a de 9 a 11 anos de estudo em ambos os períodos: 10.5% (IC95% = 8.4; 13.1) no primeiro trimestre de 2022 e 10.9% (IC95% = 7.8; 15.1) no primeiro trimestre de 2023.

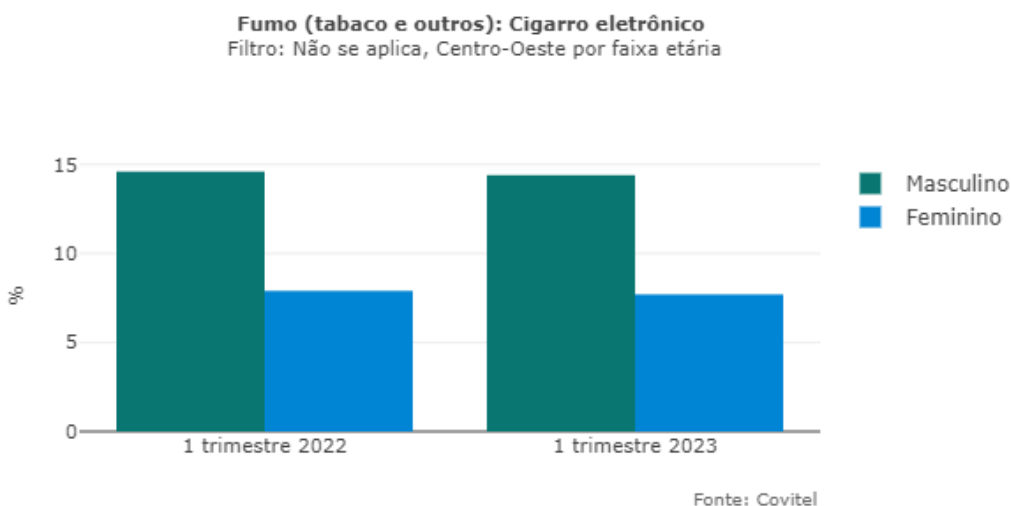
Anexo 5.

Gráfico 9



A prevalência de experimentação de cigarro eletrônico na região Centro-Oeste foi de 11.2% (IC95% = 8.5; 14.7) no primeiro trimestre de 2022 e 11.0% (IC95% = 8.3; 14.4) no primeiro trimestre de 2023.

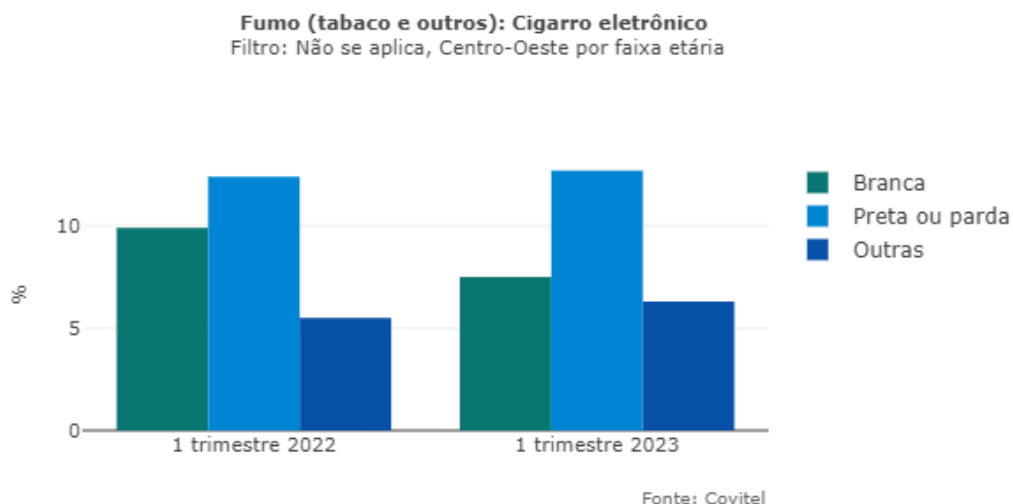
Gráfico 10



A maior prevalência foi observada entre indivíduos do sexo masculino no primeiro trimestre de 2022: 14.6% (IC95% = 10.5; 20). A maior prevalência foi observada entre indivíduos do sexo masculino no primeiro trimestre de 2023: 14.4% (IC95% = 8.7; 22.9).

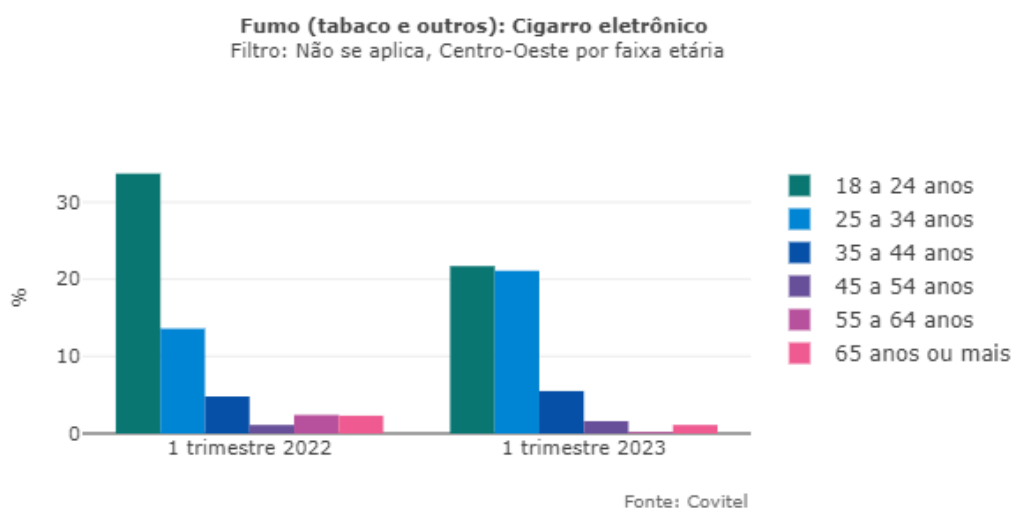
Anexo 6.

Gráfico 11



A raça/cor preta ou parda destacou-se com relação à prevalência de experimentação de cigarro eletrônico nos dois períodos avaliados. No primeiro trimestre de 2022: 12.4% (IC95% = 8.8; 17.2) e no primeiro trimestre de 2023: 12.7% (IC95% = 9.0; 17.7).

Gráfico 12

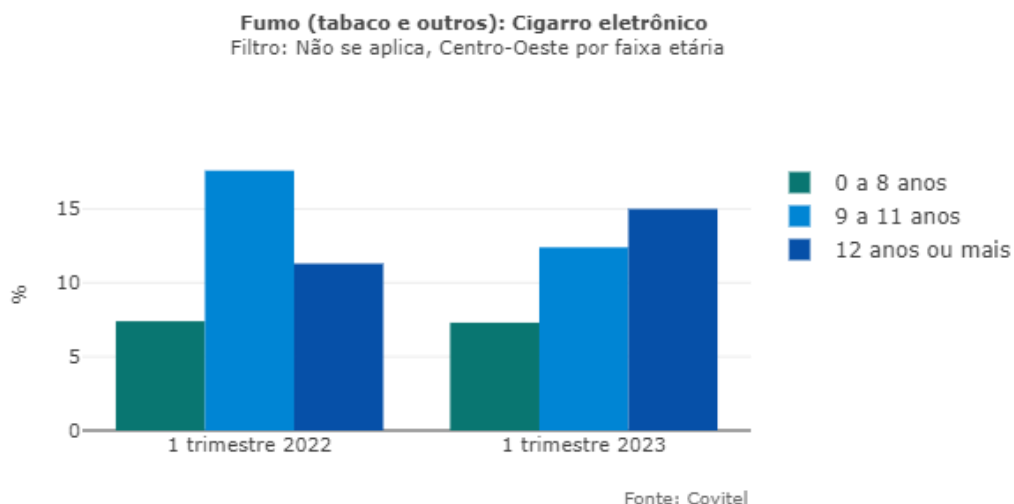


A maior prevalência foi observada entre indivíduos de 18 a 24 anos no primeiro trimestre de 2022: 33.7% (IC95% = 25.1; 43.6). No primeiro trimestre de 2023,

nenhuma faixa etária se destacou quanto à prevalência de experimentação de cigarro eletrônico.

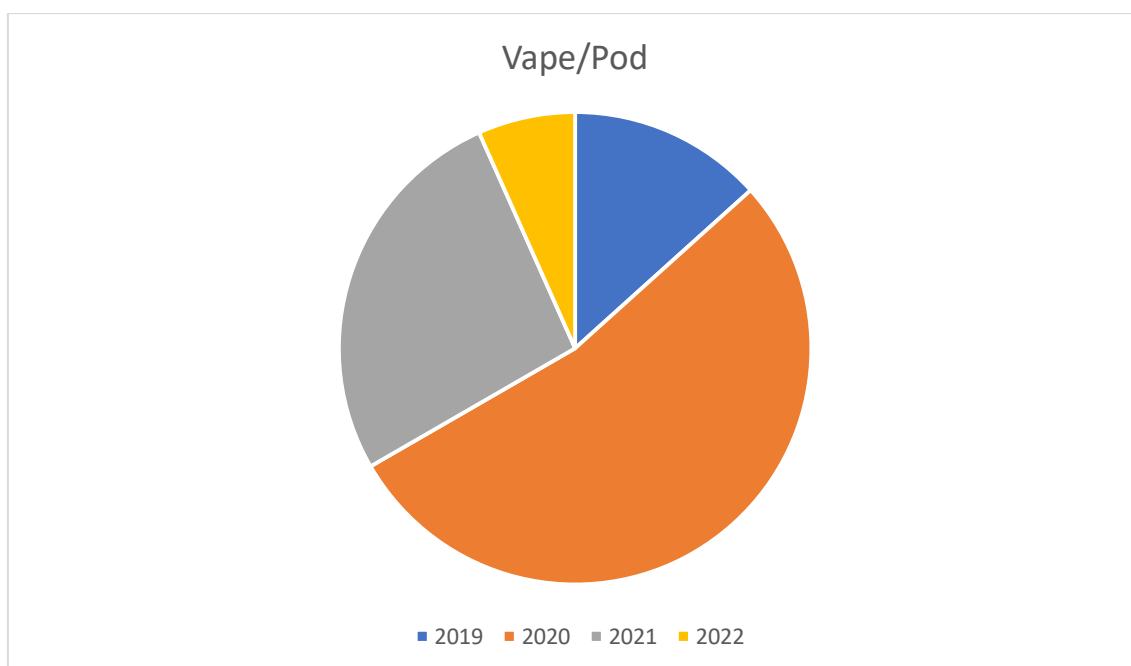
Anexo 7.

Gráfico 13



A faixa de escolaridade em que foi observada a maior prevalência foi a de 9 a 11 anos de estudo no primeiro trimestre de 2022: 17.6% (IC95% = 13.5; 22.5) e de 12 anos ou mais no primeiro trimestre de 2023: 15.0% (IC95% = 10.5; 21.0).

Gráfico 14



Anexo 8.

Gráfico 15

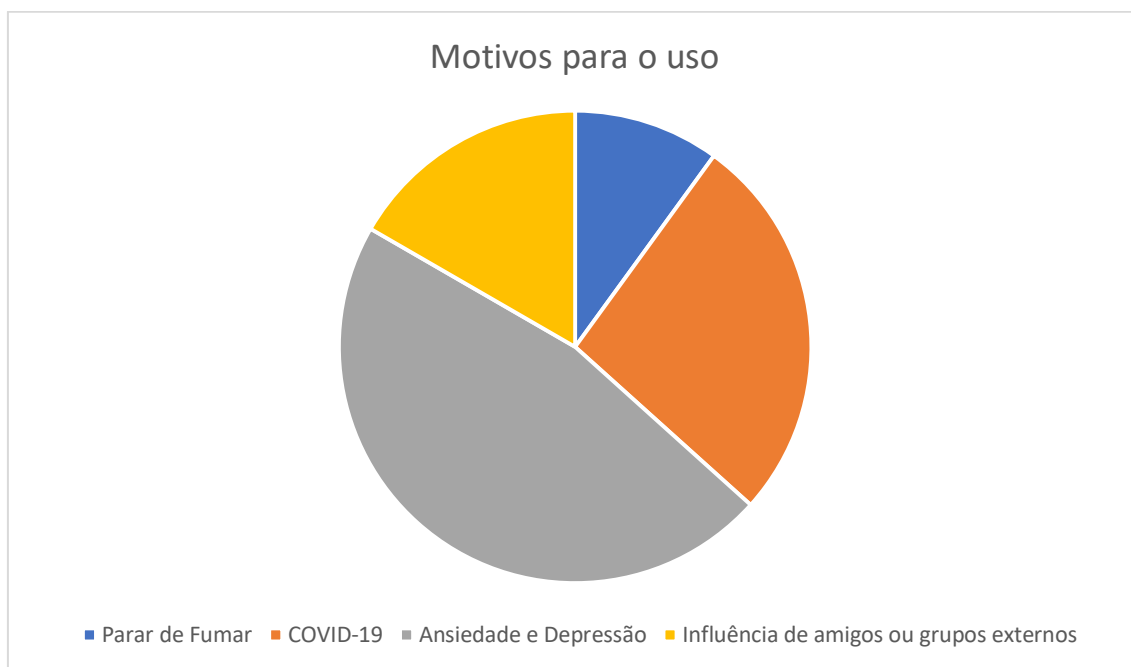


Tabela 1.

Nome:	H
Idade	19
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2022.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro por aplicativo.
Comentários:	““For Fun”, uso só por zoeira, para interagir com a galera. Não sou viciado, não uso todos os dias, se não quiser, não uso hoje. Gosto só do status mesmo, já fui para festas, levei o meu e nem usei, dei para uns amigos e fiquei só na bebida mesmo”.

Tabela 2.

Nome:	I
Idade	18
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2020 no período da pandemia.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro por aplicativo.
Comentários:	“Sempre compro por aplicativo, é mais fácil e dá menos trabalho, prefiro que entreguem na minha casa. Moro em Campo Grande desde os meus 16 anos de idade. Vim do interior para estudar meu ensino médio na capital. Não tenho problemas com os meus pais, moro sozinho e sempre recebo em casa. Uso mais o Pod, gosto de tragar e sentir o sabor”.

Tabela 3.

Nome:	J
Idade	18
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2021.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro na tabacaria.
Comentários:	“Moro perto de uma tabacaria, menos de duas quadras de casa. Quando volto do cursinho, passo lá para comprar, não tenho problema em comprar e muito menos em usar. Meu pai também usa, e gostamos de “usar” juntos. Foi meu pai que apresentou o Vape para mim, ele trouxe um dia para

	casa dizendo que tinha ganhado de um colega de trabalho, me ensinou a usar e desde esse dia sempre uso. Minha mãe não gosta muito, diz que vamos ficar viciados ou que um dia vai nos fazer muito mal, mas, é mãe né, sempre se preocupa muito. Não me importo muito não e não tenho medo de ficar doente, acho que é muito exagero da mídia, só para pararmos de usar. Ou deve ser algo relacionado com a indústria de cigarros, que estão perdendo clientes”.
--	--

Tabela 4.

Nome:	K
Idade	21
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2020 no período da pandemia.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro com um amigo, aplicativo ou na tabacaria.
Comentários:	“Comecei a usar para ficar menos estressado, estava muito agitado por causa do vestibular. Tenho 21 anos e estou no meu quarto ano de cursinho para medicina. Sinto uma pressão muito grande dos meus pais para passar logo na faculdade. Conheci o vape e o pod através de um amigo, estávamos em uma festa, bem chateado depois do resultado do ENEM, e ele me mostrou. Gostei do sabor e do cheiro, fiquei mais relaxado e comecei a usar uma vez ou outra. Mas, de um tempo para cá, com a pressão pela aprovação, uso todos os dias, várias vezes por dia. Acho que sou sim um viciado, mas como não me faz mal, continuo usando. Acredito que um dia será liberado o uso no Brasil, basta ter uma negociação entre as empresas e o

	Estado brasileiro sobre os impostos e logo vai ser vendido em qualquer lugar, igual cigarro ou cerveja”.
--	--

Tabela 5.

Nome:	M
Idade	22
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2020 no período da pandemia.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro com um amigo.
Comentários:	“Comecei a usar depois que decidi a parar de usar maconha e cigarro. Usava cigarro todos os dias, até dois maços por dia e maconha toda noite para dormir melhor. Mas me sentia cansado e sem ânimo para nada, foi quando descobri o pod e o vape. O gosto era bom, o cheiro era legal e não fazia tanto mal. Comecei a usar pelo motivo que me disseram que eles foram inventados para ajudar as pessoas a pararem de fumar e se libertarem do uso da nicotina. Esses dias, depois de uma aula sua, professor, fui pesquisar se existiam toxinas cancerígenas no vape e pod e descobri que o teor de nicotina pode ser baixo, mas ainda podem existir mais de 3 mil agentes ou toxinas que podem causar câncer. Depois que li essa reportagem, estou pensando em parar, por enquanto apenas pensado”.

Tabela 6.

Nome:	N
Idade	18
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)

Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2022.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro com um amigo.
Comentários:	“Meu amigo traz do Paraguai, é bem mais barato, e ele sempre traz de vários tipos e puxadas. Gosto do sabor de menta e compro só o pod para tragar, não curto muito o vaporizador pelo tanto de fumaça. Sabia que colocaram detectores de fumaça no banheiro do cursinho para inibir o nosso uso? Mas como sempre trago quase tudo e não solto, não adiantou de nada. Esses dias deixei cair meu pod na sala de aula, a professora viu e achou que era um pen-drive em formato de caneta. Eu ri muito, ela achou, quase pegou do chão e me deu, mas peguei antes. Quando eu comecei a usar, era porque todo mundo estava usando do meu grupo de amigos, para onde nós íamos cada um tinha o seu e a minha namorada adora, foi ela quem me mostrou e me deu um de presente. Gostei bastante, meus pais não ligam, não é maconha, e usar vape ou pod gera um tipo de status social. Quem usa maconha é considerado pobre, da periferia, mas quem usa vape ou pod é considerado classe média alta, com outro tipo de roda social, é outro tipo de <i>rolê</i>, professor”.

Tabela 7.

Nome:	O
Idade	20
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2020 no período da pandemia.

Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro na tabacaria.
Comentários:	“Para ser bem sincero, não uso mais, usei por um tempo na pandemia, não tinha muito o que fazer, sempre eram notícias ruins sobre as mortes e sobre a política. Comecei a comprar e usar de vez em quando para me distrair e sair de uma rotina estranha que estava vivendo, mas depois que acabou a pandemia e voltei para cursinho, parei de usar. Me sentia um pouco cansado e com falta de ar, achei um dia que ia morrer. Minha mãe me levou para o médico, e ele sugeriu que poderia ser o vape, aí achei melhor parar de usar. Tive alguns sintomas de falta de ar, poderia ser o uso do vape ou ansiedade por voltar para a rotina, parei com o vape e me senti melhor. Acho que talvez eu tivesse alguma predisposição para uma possível doença pulmonar, achei melhor cortar o mal pela raiz”.

Tabela 8.

Nome:	P
Idade	18
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2022.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro no Paraguai.
Comentários:	“Sou do interior, fronteira entre o Brasil e o Paraguai, vim para Campo Grande para estudar. Conheci o vape e o pod na fronteira, lá o acesso é muito facilitado, qualquer um pode comprar e usar na frente da polícia que não acontece nada. Então, quando mudei para CG, resolvi comprar

	alguns e trazer para uso pessoal mesmo. Vi que alguns amigos usavam e pagavam muito caro. Resolvi vender os meus para eles, e assim comecei a trazer e vender para os meus amigos do cursinho e os amigos dos meus amigos. Hoje, com as vendas que faço, devo ganhar mais ou menos dez mil reais, vendo muito para eles. Teve uma vez que, em uma única festa, vendi vinte mil em vape e pod. Trouxe e deixei no porta-malas do carro, um foi falando para o outro e vendi tudo no estacionamento da festa. Os pais do meu amigo, que estava fazendo aniversário, perguntaram se eram drogas, eu disse que não, era só vapor que imita cigarro, ficaram tranquilos e não me perguntaram mais nada”.
--	--

Tabela 9.

Nome:	Q
Idade	19
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2021.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro com um amigo, aplicativo ou na tabacaria.
Comentários:	“Compro de quem estiver vendendo, não me importava muito. Hoje não posso fazer mais isso, meu tio abriu uma tabacaria em Campo Grande, hoje só compro com ele, preciso ajudar o negócio da família. Não tenho problemas em usar, meus tios, primos e pais usam, nas festas de família parece uma boate, tem fumaça para todo lado. Comecei a usar por causa do vestibular e da morte da minha mãe em 2020 por causa da pandemia. Minha mãe e meu pai são negacionistas, pelo menos eram, não

	acreditavam na pandemia. Falavam que era uma “gripezinha” e que a mídia estava exagerando para prejudicar o governo do “mito” deles. Minha mãe não se cuidava e falava que todo mundo tinha que pegar, seria imunidade de rebanho que iria salvar o Brasil e acabar logo com isso. Eram contra o fechamento e <i>lockdown</i> das cidades, mas aí ela ficou doente, meu pai levou no médico e o resultado foi COVID-19. Fizeram um tratamento precoce, com aqueles remédios que não serviam para nada. Ficou 10 dias em casa, passando muito mal, foi quando a respiração ficou muito fraca da noite para o dia. Levamos para o hospital, não tinha vagas, meu pai falou que ia pagar particular, mesmo assim não tinha vagas, foi internada em uma ala para COVID-19. Não podia receber visitas e todos os dias íamos ao hospital para sabermos notícias. Depois de 22 dias internada, o médico nos avisou que ela morreu de madrugada com falta de ar e com muitos remédios para não sofrer tanto. Fiquei muito mal, culpei meu pai e o governo por causa da morte dela. Bebi muito naquele dia na casa de um amigo. No dia do enterro, nem pude me despedir dela direito, fiquei muito mal, foi nesse dia que vi um amigo usando o vape pela primeira vez. Depois de muito tempo, eu estava muito revoltado com a perda da minha mãe e resolvi experimentar maconha. Pedi para meu amigo comprar para mim, mas ele falou que não iria comprar. Me trouxe um vape, não queria usar, queria maconha, mas ele me falou que não ia me dar por causa da minha situação e que depois, se eu quisesse, que eu teria que comprar. Então usei o vape, gostei e continuei usando. Hoje uso o pod, gosto mais, e posso comprar vários refis diferentes. Por exemplo, este que estou usando hoje é de maconha, descobri que posso comprar no Paraguai a essência de maconha e colocar no refil. Pronto, ninguém vai
--	---

	me incomodar e posso usar sem ser parado pela polícia, por exemplo”.
--	--

Tabela 10.

Nome:	R
Idade	20
Profissão:	Estudante (pré-vestibular)
Quando começou a usar o POD/VAPE?	Comecei a usar em 2020 no período da pandemia.
Onde “compra” ou “consegue” o POD/VAPE?	Compro com um amigo, aplicativo ou na tabacaria.
Comentários:	“Nem gosto muito de usar não, uso mais por causa dos meus amigos, e pelo “gostinho” mesmo. Conheci na escola, um amigo trouxe e me mostrou, achei bem interessante, mas não uso todos os dias não. Acho que é muita “modinha”, uma hora vai passar, só uso mesmo, na verdade, quando estou com os meus amigos e acho que eles exageram um pouco na dose, mas cada um é cada um né?! Todos precisam arcar com as consequências de suas escolhas”.

